

CONTOS 1 FANTASTICOS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CONTOS 1 FANTASTICOS



CONTOS FANTÁSTICOS 01

A AMBIÇÃO DE UM HOMEM – Bertrand Chandler

A sala estava silenciosa, a não ser pela música suave, vinda do rádio ligado. A sala estava silenciosa, o silêncio que só é possível quando se tem duas pessoas juntas.

Contudo não se tratava da calma afetiva de amantes, mas a serenidade da decepção que tinha como fundo a música, que apagava o passar do tempo; o ruído de uma vagarosa disputa.

Estavam lendo - ela sentada em sua poltrona de braços, ele na dele. Ele colocou o livro aberto sobre o colo, para encher seu cachimbo. Ela tossiu, quando a fumaça a alcançou.

– Você precisa, fumar esta coisa? – ela pergunta.

– Eu gosto. - ele responde.

– Outros homens fumam tabaco. – ela completa.

– Eu fumo o que posso pagar.

– Barato! Ela queixou-se. 'Barato, barato! Desde que fui tola o bastante para me casar com você, tem sido assim, tudo tem que ser barato! Um apartamento barato numa cidade barata. Comida barata. Bebidas baratas. Roupas baratas. Um carro barato ...

– Nós vivemos na medida das nossas posses.

– Se fosse apenas uma questão de coisas materiais eu não me importaria tanto, mas você é uma pessoa barata. Seu gosto para filmes é barato, seu gosto para música. E seu gosto para livros...

– Não é barato... – ele disse de súbito.

– Ah, não? Barato e adolescente, eu diria. Deixe-me ver. -

Levantou de sua poltrona, agarrou o livro dele, leu em tom de escárnio: 'Foguetes do Amanhã. Vai me dizer que isso não é coisa barata?

– Não é. É uma boa antologia.

– Escapismo barato.

– Não é escapismo. Quantas vezes tenho que dizer a você, que a

boa ficção científica não é escapismo – não posso dizer o mesmo sobre os romances históricos que você lê.

– Não é escapismo? Foguetes na lua, homens verdes de Marte, discos voadores...

– É a boa Ficção Científica. Ela lida com problemas que homens e mulheres precisarão encarar algum dia. Talvez em breve, quem sabe.

– Certo. – Ela disse. – Vou deixar você continuar tentando me convencer. Você parece estar na metade de uma história chamada "Julgamento de Eva". Do que se trata?

– Você deveria ler'. Ele disse. 'É muito boa.

– Ler este lixo! Me diga do que se trata, é tudo que eu quero saber.

– Tudo bem. O autor assume que o sol está perto de se tornar uma Nova, o que significa é claro, que a Terra e todos seus habitantes serão incinerados. O povo já foi avisado sobre o que está prestes a ocorrer. A história trata de como homens e mulheres passam suas últimas horas de vida.

– Ah, isso é muito útil. Suponho que depois de ler, você estará bem preparado para uma emergência deste tipo. Agora me diga, o que você faria se soubesse que o mundo acabaria amanhã?

Ele encheu novamente o cachimbo. Sobre a pequena chama, mirou sua esposa.

– Deixe-me voltar ao meu livro. – pediu.

– Ah não, não até que responda a minha pergunta. O que você faria?

– Depende...

– Depende do que? Uma resposta tipicamente evasiva. Depende, eu suponho, se você tem ou não tem habilidade e conhecimento para construir uma nave espacial para escapar para Marte ou Júpiter ou para onde quer que as pessoas estão fugindo, nesta sua história estúpida. E você ainda tem a coragem de dizer que não é escapista? Vamos, me responda!

– Com tempo, uma nave poderia ser construída.

– Mas não por você.

- Não.
- Então, o que você faria?
- Me deixe em paz. – resmungou.
- Por que eu deveria? Você sempre diz que não conversamos mais e agora que eu me desvio dos meus interesses, para dar atenção aos seus interesses juvenis, você não quer conversar?
- É impossível falar com você, logo você insiste em tornar a coisa toda pessoal, maldição!' Se não podemos conversar sobre algo de maneira objetiva, nós não podemos discutir coisa alguma!
- Por que não?
- Por que você leva tudo para o lado pessoal. A próxima coisa que você irá me dizer é que você conheceu no passado, pelos menos três homens maravilhosos que poderiam construir uma nave espacial com dois tambores de óleo e um aquecedor a querosene, e que te levariam para o cinturão de asteróides fácil.
- Talvez eles pudessem mesmo. Mas você não respondeu a minha pergunta. O que você faria?
- Eu não sei. – disse se levantando da cadeira.
- Aonde você vai?
- Pegar uma cerveja na cozinha. Se importa?
- Você poderia perguntar se eu quero uma também.
- Quer?
- Não.

Foi até a cozinha. Pegou um copo da prateleira do armário. Abriu a geladeira e tirou uma garrafa de cerveja. Tinha o abridor à mão quando foi interrompido por alguns estalos baixos no rádio.

- Dê um jeito nesta estação. ' Disse a esposa. 'Parece que tem algo errado.
- Espere um pouco. – ele respondeu.

Então, ao invés da música, ouviu uma voz assustada, falando afobada, a transmissão desaparecia e voltava segundos depois.

- Chamado de emergência... mísseis

intercontinentais...hidrogênio...Nova Iorque foi... Londres... Washington destruída... Moscou... acredita-se que...cobalto...

– Você ouviu isso? Ela gritou. 'O que isso significa?

Ele colocou a garrafa sobre a mesa e foi até o armário. 'Significa o fim do mundo. ' Abriu a gaveta de talheres.

– O que faremos?

Ele caminhou de volta a sala de estar, carregando uma faca em sua mão.

– Voltando a sua pergunta, minha querida. Aqui está a sua resposta.

A MENTE ALIENÍGENA - Philip K. Dick

Quieto, nas profundezas de sua câmara Theta, ouviu um som fraco e depois a sensivoz.

– CINCO MINUTOS

– De acordo – disse e se esforçou para sair do sono profundo.

Tinha cinco minutos para ajustar o curso da nave, algo havia dado errado no sistema de autocontrole.

Um erro seu? Não era provável, nunca cometia erros. Jason Bedford cometer erros? Jamais!

Enquanto se dirigia cambaleante ao módulo de controle, viu que Norman, que havia sido enviado para divertí-lo, também estava acordado. O gato flutuava lentamente em círculos, dando pequenos golpes com as patas em uma lapiseira que alguém havia esquecido solta.

Estranho, pensou Bedford. Achava que estaria inconsciente. Reviu as leituras do curso da nave.

Impossível! Um quinto de parsec da direção de Sirio. Isso somaria uma semana na sua viagem.

Com precisão reajustou os controles, depois enviou um sinal de alerta a Meknos III, seu destino.

– Problemas? – Perguntou o operador meknosiano. A voz era seca e fria, um som monótono que fazia Bedford pensar em serpentes.

Explicou sua situação.

– Precisamos da vacina, disse o meknosiano. Trate de manter seu curso.

Norman, o gato, que flutuava majestosamente junto ao módulo de controle, estendeu uma pata e tocou aleatoriamente o painel. Os circuitos acionados soltaram tênues bips e a nave mudou de curso.

– Foi assim que você fez, disse Bedford. Me humilhou diante de um alienígena. Me reduziu a um imbecil.

Agarrou o gato e o apertou forte.

– O que foi este som estranho? Perguntou o meknosiano. Uma espécie de lamento.

Bedford respondeu sereno.

– Não foi nada. Esqueça o que ouviu.

Cortou o rádio, levou o corpo do gato para o compartimento de lixo e o ejetou no espaço. No instante seguinte regressou a câmara theta e uma vez mais adormeceu. Desta vez ninguém mexeria nos controles. Dormiu em paz. Quando a nave pousou em Meknos III, o chefe da equipe médica alienígena o recebeu com um pedido curioso.

– Gostaríamos de ver seu mascote.

– Não tenho mascote, disse Bedford. O que era verdade.

– Segundo a mensagem que nos enviaram...

– Realmente não é um problema seu, disse Bedford. Vocês já tem a vacina, vou partir agora.

– A segurança de qualquer forma de vida é assunto nosso – disse o meknosiano. – Revistaremos sua nave.

– Em busca de um gato que não existe – falou Bedford.

A busca resultou inútil. Com impaciência Bedford observou como as criaturas alienígenas procuravam dentro de cada depósito de armazenamento e cada corredor da nave.

Por infelicidade, os meknosianos encontraram dez sacos de comida desidratada para gatos. Em seu próprio idioma, iniciou-se uma prolongada discussão.

– Tenho permissão para voltar para a Terra? – perguntou Bedford áspero. – Tenho um horário para cumprir.

O que diziam ou pensavam os alienígenas, pouco lhe importava, só desejava poder voltar para sua silenciosa câmara Theta e para o sono profundo.

– Terá que passar pelo procedimento de descontaminação – disse o chefe médico meknosiano. – Para que nenhum vírus...

– Sei disso, disse Bedford. Podem começar.

Mais tarde quando a descontaminação se completou e preparava para acionar a partida de volta à nave, ouviu o rádio. Era um meknosiano, qualquer um, pois para Bedford eram todos iguais.

– Como se chamava o gato? Perguntou o meknosiano.

– Norman, disse Bedford e pressionou a partida. A nave disparou para cima e ele sorriu.

Não sorriu contudo ao descobrir que faltava seu gerador de energia para a câmara Theta. Tão pouco sorriu quando não conseguiu localizar a unidade de reposição.

Teria esquecido de trazê-la? Não, não poderia. Eles haviam retirado-a.

Dois anos para voltar a Terra.

Dois anos de consciência plena, privado do sonho Theta, dois anos sentado ou flutuando ou - como havia visto em holofilmes militares de entretenimento - enroscado em um canto, totalmente louco.

Lançou um pedido de rádio solicitando retorno a Meknos III.

Nenhuma resposta.

Sentado no módulo de controle, golpeou com a mão o pequeno computador interno e disse: -Minha câmara Theta não funciona, a sabotaram. O que me sugere fazer durante dois anos?

FITAS DE VÍDEO ENTRETENIMENTO DE EMERGÊNCIA'

– Certo. Tinha esquecido delas. Obrigado.

Apertou o botão indicado e o compartimento de fitas abriu deslizando.

Nenhuma fita. Apenas um brinquedo para gatos, uma bolsinha em miniatura para apertar, que haviam incluído para Norman e que nunca utilizara. Os outros compartimentos estavam vazios.

A mente alienígena era cruel, pensou Bedford. Misteriosa e cruel.

Pôs para funcionar o gravador de áudio da nave e com calma, disse com a maior convicção possível.

– O que farei será dedicar meus próximos dois anos a uma rotina diária. Primeiro serão as comidas. Passarei todo tempo possível

planejando, preparando, comendo e desfrutando de pratos deliciosos. Durante o tempo que tenho daqui por diante, provarei toda combinação possível de viveres.

Dirigiu-se ao armário de alimentos.

Enquanto caia diante do armário completamente cheio, abarrotado, prateleira por prateleira, de embalagens idênticas, pensou. Por outro lado, não havia muito o que fazer com uma provisão de dois anos de comida para gatos. Em relação a variedade, seriam todos do mesmo sabor?

Eram todos do mesmo sabor.

A MÚSICA DE ERICH ZANN - H.P. Lovecraft

Tenho examinado mapas da cidade com o maior cuidado, mas jamais reencontrei a Rue dAuseil. E não foram apenas mapas modernos, pois sei que os nomes mudam. Pelo contrário, pesquisei também, profundamente, em meio ao que há de mais antigo no lugar e explorei pessoalmente cada região, qualquer que fosse o nome, que porventura pudesse evocar a rua que conheci como Rue dAuseil. No entanto, apesar de tudo, prevalece o fato humilhante de que não consigo achar a casa, a rua ou sequer a localidade onde, durante os últimos meses de uma miserável vida de estudante de metafísica na universidade, ouvi a música de Erich Zann.

Não me espanto de que minha memória falhe, pois minha saúde – física e mental – ficou gravemente comprometida durante o período em que residi na Rue dAuseil, e me lembro de nunca ter levado nenhum de meus poucos conhecidos até lá. Mas que eu não possa encontrar de novo o lugar é que é singular e estarrecedor, pois ficava a meia hora de caminhada da universidade, além de que se distinguia por algumas peculiaridades que ninguém que tivesse estado lá esqueceria facilmente. Jamais conheci alguém que tivesse visto a Rue dAuseil.

A Rue dAuseil ficava do outro lado de um rio escuro, guarnecido por barracões de tijolos com janelas baças, sobre o qual se estendia uma ponte maciça de pedra negra. Sombras eternas pairavam sobre o rio, como se a fumaça das fábricas vizinhas obstruísse perpetuamente a luz do sol. O rio recendia a odores malignos que jamais senti noutros lugares e que talvez possam algum dia me ajudar a encontrá-lo, já que eu os reconheceria de pronto. Para além da ponte viam-se ruas estreitas calçadas de pedras e protegidas por parapeitos; e então vinha o aclive, no início suave, depois incrivelmente acentuado quando começava a Rue dAuseil.

Nunca vi nenhuma rua tão estreita e íngreme quanto a Rue

dAuseil. Era quase um precipício, inviável para qualquer veículo, consistindo, em mais de um ponto, de lanços de degraus e, no topo, terminando num muro alto coberto de hera. Seu calçamento era irregular, às vezes lajes de pedra, às vezes fragmentos de pedra e às vezes terra nua de onde despontavam tufos de vegetação cinza-esverdeada.

As casas – de telhados pontudos – eram todas incrivelmente antigas e, em desordem, inclinavam-se para trás, para a frente ou para os lados. Não raro um par oposto, inclinando-se para diante, quase se tocava por cima da rua, formando um arco e certamente impedindo que parte da luz chegasse até o chão. Havia uns poucos passadiços ligando casas de ambos os lados da rua.

Os moradores dessa rua me impressionavam particularmente. No início, pensei que fosse por se tratar de gente silenciosa e reservada, mas depois concluí que era por serem todos muito velhos. Não sei como fui viver em tal recanto, mas pode ser que não foi por vontade própria que me mudei para lá. Tinha estado a habitar em muitos lugares pobres, sendo sempre despejado por falta de dinheiro, até que um dia fui parar naquela casa decadente da Rue dAuseil, gerenciada pelo paralítico Blandot. Era a terceira casa a contar do topo da rua e, de longe, a mais alta de todas.

Meu quarto ficava no quinto piso – o único quarto ocupado, já que a casa estava quase vazia. Na noite em que cheguei, ouvi uma estranha música proveniente do sótão sobre minha cabeça, e no dia seguinte inquiri o velho Blandot a respeito. Ele me falou de um velho tocador de viola alemão, um sujeito estranho, mudo, que assinava o nome de Erich Zann e que se apresentava à noite na orquestra de um teatro barato, acrescentando que o desejo de tocar à noite, após o seu retorno do teatro, era o motivo pelo qual Zann escolhera aquele quarto no sótão alto e isolado, cuja solitária janela de empena era o único ponto da rua a partir do qual se podia avistar, por cima do muro, o declive e o panorama além dele.

Desde então, ouvi Zann todas as noites e, embora ele me mantivesse desperto, a esquisitice de sua música me fascinava. Conhecendo pouco dessa arte, ainda assim eu estava certo de que nenhuma de suas modulações tinha qualquer relação com a

música que eu ouvira antes e concluía que ele era um compositor de gênio altamente original. Quanto mais eu ouvia, mais ficava enleado, até que depois de uma semana resolvi conhecer o homem pessoalmente.

Certa noite, quando ele retornava do trabalho, interceptei Zann no corredor e lhe disse que gostaria de conhecê-lo e de estar com ele enquanto ele tocava. Era um indivíduo pequeno e recurvado, vestindo roupas surradas – de olhos azuis, face grotesca de sátiro e uma calva acentuada –, que ao ouvir minhas primeiras palavras se mostrou zangado e amedrontado. Minha camaradagem franca, no entanto, logo o abrandou, e ele, com relutância, me fez sinal para que o seguisse através da escada escura, rangente e infirme que conduzia ao sótão. Seu quarto, um dos dois únicos que havia no sótão de teto anguloso, ficava no lado oeste, voltado para o muro alto que limitava a extremidade superior da rua. Suas dimensões eram bastante amplas e pareciam mais amplas ainda devido à desarrumação e à nudez do lugar. De mobília havia apenas um catre de ferro, um lavatório ensebado, uma mesa pequena, uma estante grande, um suporte de ferro para partituras e três cadeiras de desenho antiquado. Folhas de notação musical jaziam espalhadas pelo soalho. As paredes eram de tábuas nuas e provavelmente nunca teriam conhecido nenhum emboço, ao passo que a abundância de poeira e teias de aranha fazia o lugar parecer mais deserto do que habitado. Por certo o mundo de beleza de Erich Zann existia num distante cosmos da imaginação.

Assinalando para que eu me sentasse, o mudo fechou a porta, fixou a grande trava de madeira e acendeu uma vela para aumentar a claridade da que trouxera consigo. Então retirou sua viola do estojo bichado e, segurando-a, sentou-se na cadeira menos desconfortável. Não utilizou o suporte para partituras, mas, sem pedir opinião e tocando de memória, me enlevou por mais de uma hora com acordes que eu nunca ouvira antes – acordes que deviam ser de sua própria invenção. Descrever sua exata natureza é impossível para alguém não versado em música. Constituíam uma espécie de fuga, com passagens recorrentes de um teor cativante, mas que para mim eram notáveis devido à ausência de quaisquer das notas que eu

escutara embaixo, em meu quarto, noutras ocasiões.

Dessas notas arrebatadoras eu me lembrava e não raro as cantarolava ou assobiava com desajeito para mim mesmo, de modo que, quando afinal o músico baixou o arco, lhe solicitei que executasse algumas delas. Mal escutou meu pedido, a face enrugada de sátiro perdeu a placidez enfatiada que exibira durante a execução e pareceu externar a mesma curiosa mistura de raiva e medo que eu notara quando abordei o velho pela primeira vez. Por um momento estive inclinado a usar de persuasão, levando em conta os possíveis caprichos da senilidade, e até tentei elevar o estranho ânimo de meu anfitrião assobiando alguns dos acordes que tinha ouvido na noite anterior. Mas não persisti nesse intuito por mais que um instante, pois, quando o musicista mudo reconheceu a melodia, sua face assumiu de imediato uma expressão distorcida que não se pode descrever, e a sua mão alongada, ossuda e fria, se estendeu para fechar minha boca e silenciar a imitação grosseira. E não ficou só nisso: demonstrou ainda sua excentricidade lançando um olhar atônito em direção à janela que uma cortina recobria, como se receoso de algum intruso – um olhar duplamente absurdo, desde que o sótão, elevando-se acima de todos os telhados adjacentes, era inacessível, sendo a janela o único ponto na rua íngreme a partir do qual, conforme o recepcionista me dissera, se podia enxergar por cima do muro no topo.

O olhar do velho trouxe-me à lembrança a observação de Blandot, e por um gesto de capricho senti um ímpeto de olhar para o largo e vertiginoso panorama de telhados que o luar banhava e para as luzes da cidade que brilhavam lá adiante, as quais, dentre todos os moradores da Rue d'Auseil, somente esse músico ranzinza podia ver. Dei um passo em direção à janela e teria aberto as indescritíveis cortinas se, com uma recrescida fúria de pavor, o hóspede mudo não se lançasse sobre mim, desta vez movendo a cabeça em direção à porta enquanto lutava nervosamente, com ambas as mãos, para me empurrar até ela. Agora, bastante aborrecido com meu anfitrião, ordenei-lhe que me soltasse e disselhe que sairia imediatamente. Ele me soltou e, quando viu que eu me aborrecera e me ofendera, sua própria raiva pareceu amainar. Voltou a me segurar com força, mas desta vez de um modo amigável, conduzindo-me a uma cadeira

e então, ansiosamente, passando para o outro lado da mesa, onde começou a escrever algumas palavras com um lápis, num árduo francês de estrangeiro.

A nota que ele afinal me entregou constituía-se num pedido de tolerância e perdão. Zann argumentou que estava velho, solitário, e era afligido por medos insólitos e desordens nervosas ligadas à sua música e a outras coisas. Ele apreciara meu interesse em ouvir sua música e desejava que eu retornasse e não me importasse com suas excentricidades. Mas ele não podia tocar para os outros aqueles acordes inusitados e menos ainda ouvir alguém assobiá-los, assim como não podia suportar que alguém mexesse no que quer que fosse em seu quarto. Ele não tivera idéia, até nossa conversa no corredor, de que em meu quarto eu podia ouvi-lo tocar e então me perguntou se eu não podia pedir a Blandot que me transferisse para um quarto mais embaixo, onde não o ouvisse durante a noite. Estava disposto – conforme escreveu – a arcar com o acréscimo no preço do aluguel.

Enquanto decifrava o francês execrável, comecei a me sentir mais complacente com o velho. Tornara-se vítima de distúrbios psíquicos e nervosos, tal como eu mesmo, e meus estudos metafísicos me ensinaram a ser bondoso. No silêncio, um som começou a vir da janela – talvez o vento noturno tivesse feito os vidros estalarem, e por alguma razão eu me assustei quase tanto quanto Erich Zann. Ao fim da leitura, apertei-lhe a mão e parti amigavelmente.

No dia seguinte Blandot me arranhou um cômodo mais caro no terceiro pavimento, entre os aposentos de um velho agiota e o apartamento de um respeitável estofador. Não havia ninguém no quarto pavimento.

Não demorou muito para eu descobrir que a ânsia de Zann por minha companhia não era tão grande quanto me parecera na ocasião em que me convenceu a me mudar do quinto piso. Não me pediu que o visitasse e, quando eu o procurei, me pareceu pouco à vontade e tocou sem emoção. Isso sempre acontecia à noite, pois durante o dia ele dormia e não recebia ninguém. Minha simpatia por ele não cresceu, conquanto o quarto no sótão e a música fantástica parecessem exercer sobre mim um

estranho fascínio. Senti um desejo inexplicável de olhar, através daquela janela e por cima do muro, para o declive invisível e para os telhados e cumeeiras resplandecentes que haveria além dele. Numa ocasião, cheguei a subir ao sótão durante as horas do teatro, enquanto Zann não se achava no quarto, mas encontrei a porta fechada.

Só o que eu podia ouvir era a música noturna do velho mudo. No início, eu subia nas pontas dos pés até o quinto piso; depois adquiri coragem para galgar a escada rangente até o sótão no alto. Ali, no vestíbulo estreito, alguém da porta trancada, com o buraco da fechadura tapado, eu freqüentemente ouvia sons que me enchiam de um medo indefinido – medo de espantos vagos e mistérios latentes. Não porque os sons em si fossem terríveis – o que decerto não eram –, mas porque continham vibrações que sugeriam qualquer coisa de alheia a este planeta e porque, em certos intervalos, assumiam qualidades sinfônicas que dificilmente eu podia supor fossem produzidas por um único executante. Certamente Erich Zann era um gênio de força selvagem. Com o passar das semanas, a música se tornou mais selvagem, enquanto o velho musicista ia adquirindo um desleixo e uma furtividade lamentáveis de se ver. Agora, invariavelmente, se recusava a me receber e se esquivava de mim sempre que nos deparávamos nas escadas.

Então, certa noite, escutando através da porta, ouvi o ganido de uma viola ululante vibrar por entre uma babel caótica de sons, um pandemônio que me faria duvidar de minha sanidade abalada, não viesse de trás daquela porta fechada uma abominável prova de que o horror era real: o grito aterrador e inarticulado que só um mudo é capaz de emitir e que brota somente em momentos de medo e de angústia os mais terríveis. Bati insistentemente na porta, mas não tive resposta. Em seguida, aguardei, no vestíbulo escuro, a tremer de frio e de medo, até que captei os débeis esforços do músico para se levantar do soalho apoiando-se numa cadeira. Supondo que ele recuperava a consciência após um desmaio, voltei a bater na porta, ao mesmo tempo em que dizia que era eu quem chamava. Percebi que Zann cambaleou até a janela, fechou as rótulas e baixou a guilhotina; depois, ouvi-o claudicar até a porta, que abriu para minha passagem. Desta vez, mostrou real prazer em me ver, pois seu semblante conturbado se iluminou de alívio

quando ele me puxou pelo casaco tal como uma criança se agarra às saias de sua mãe.

Tremendo pateticamente, o velho me fez sentar numa cadeira e ocupou uma outra, ao lado da qual jaziam a viola e o arco largados no chão. Permaneceu imóvel por algum tempo, balançando a cabeça, mas dando a paradoxal impressão de que ouvia intensa e medrosamente. Em seguida, pareceu satisfeito e, passando para a cadeira do outro lado da mesa, rabiscou uma nota breve, que me entregou, e se debruçou de novo, voltando a escrever rápida e incessantemente. Na nota, implorava-me que, por misericórdia e para sanar minha curiosidade, eu aguardasse enquanto ele preparava, em alemão, um relato completo de todas as maravilhas e horrores que o acossavam. Esperei, e o lápis do mudo correu.

Foi talvez uma hora mais tarde, enquanto eu ainda esperava e enquanto o velho músico empilhava folhas e mais folhas de papel escrito, que eu vi Zann se assustar como se ao impacto de um horrível sobressalto. Claramente, ele olhava para a janela coberta pelas cortinas e escutava entre tremores.

Então supus eu mesmo ouvir algum som, embora não fosse nada horrível, mas, antes, uma nota musical lenta, distante e inusitada, a sugerir que alguém tocava numa das casas vizinhas ou nalgum recanto para além do muro alto por cima do qual eu jamais pudera olhar. O efeito sobre Zann foi terrível, pois que, deixando cair o lápis, se ergueu de súbito, agarrou a viola e começou a encher a noite de uma melodia selvagem que eu jamais ouvira de seu arco a não ser através da porta trancada.

Seria inútil descrever o modo de tocar de Erich Zann naquela noite pavorosa. Era mais horrível do que qualquer coisa que eu já lhe tinha escutado, porque agora eu podia ver a expressão de seu rosto e podia notar que o motivo era o medo mais agudo. Ele tentava produzir barulho, afastar qualquer coisa ou afogar qualquer coisa; o quê? – eu não podia imaginar, por mais apavorante que o supusesse. A execução se tornou fantástica, realmente histórica, e no entanto conservava algo das qualidades do gênio supremo de que eu sabia possuidor aquele homem velho. Reconheci os acordes – era, selvagemamente, uma dança húngara popular nos teatros, e me dei conta de que era a

primeira vez que eu ouvia Zann executar a obra de outro compositor.

Mais alto e mais alto, mais selvagem e mais selvagem, cresceu o uivo e o lamento daquela viola desesperada. Uma perspiração transbordante recobria o músico, que se contorcia como um macaco, sempre a olhar em desvario para a janela coberta. Em seus acordes frenéticos eu quase podia ver as sombras de sátiros e bacantes dançando e rodopiando numa agitação insana e abissal de nuvens e fumaça e relâmpagos. E então pensei ouvir uma nota mais aguda, mais firme, que não provinha da viola – uma nota calma, deliberada, propositada e zombeteira que vinha de longe, do oeste.

Nesse instante as rótulas começaram a chacoalhar ao vento ululante da noite, o qual pareceu elevar-se lá fora como se em resposta à música louca de dentro. Uivando, a viola de Zann se superava ao emitir sons que nunca pensei uma viola pudesse emitir. As rótulas chacoalharam mais alto, soltaram-se e passaram a bater contra a janela. Então o vidro se partiu sob os impactos persistentes, e o vento gelado penetrou no cômodo, fazendo oscilar a chama das velas e agitando as folhas de papel onde Zann dera início à narrativa de seu horrível segredo. Olhei para Zann e vi que estava fora de si. Seus olhos azuis se arregalavam, vítreos e desvairados, e a execução frenética pôs em curso uma orgia cega, mecânica, irreconhecível, que pena alguma poderá sequer sugerir.

Uma lufada súbita, mais forte que as outras, arrebatou o manuscrito e o atirou em direção à janela. Saltei desesperado no encalço das folhas, mas elas escaparam ao meu alcance através dos vidros partidos.

Lembrei-me, então, de meu velho anseio de olhar pela janela, a única na Rue d'Auseil de que se podia enxergar a encosta para além do muro e a cidade que se estendia lá embaixo. Estava muito escuro, mas as luzes da cidade sempre brilhavam, e minha expectativa era avistá-las em meio ao vento e à chuva.

No entanto, quando olhei pela janela daquele sótão altíssimo – olhei enquanto as velas tremulavam e a viola insana ululava ao vento noturno –, não vi cidade alguma se estender lá embaixo e nenhuma luz amigável brilhar nas ruas familiares, mas apenas a escuridão do espaço ilimitado, espaço inimaginável que o

movimento e a música punham vivo, o qual não se assemelhava a nada na terra. E, enquanto permaneci a olhar, imerso no terror, o vento apagou ambas as velas daquela mansarda pinacular, imergindo-me numa treva bruta e impenetrável, com o caos e o pandemônio à minha frente e a loucura demoníaca daquela viola atrás de mim.

Recuei aos tropeços na treva, sem condições de acender qualquer luz, chocando-me contra a mesa, derrubando uma cadeira e finalmente alcançando às apalpadelas o lugar onde a escuridão urrava com a música estridente. Salvar a mim mesmo e a Erich Zann eu poderia ao menos tentar, não obstante as forças que se me opunham. Numa ocasião senti como se uma coisa gelada roçasse por mim e gritei, mas meu grito não podia superar o som da abominável viola. Súbito, em meio à treva, o infatigável arco bateu em mim, e então percebi que estava perto do violista. Tateei à minha frente, encontrei as costas da cadeira de Zann e então procurei seu ombro e o agitei, num esforço de trazê-lo de volta à razão.

Ele não me respondeu, e a viola incansável continuou a zunir. Levei a mão até sua cabeça, cujos acenos mecânicos não havia como parar, e gritei ao seu ouvido que precisávamos fugir das coisas ignotas da noite. Mas ele não me respondeu nem amenizou o frenesi de sua música indescritível; enquanto isso, por todo o sótão estranhas correntes de vento pareciam dançar na treva e no caos. Quando minha mão tocou em sua orelha, estremeci, embora sem saber por que – sem saber por que, até que senti a face imóvel, a face rígida e sem respiração, cujos olhos vidrados se arregalavam em vão no vazio. E então, por um milagre, achando a porta e a grande trave de madeira, me arrastei doidamente para fora, fugindo à coisa de olhos vítreos que havia na escuridão e do uivo spectral daquela viola maldita cuja força cresceu enquanto eu me arrastava.

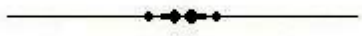
Saltar, flutuar, voar por aqueles infindáveis degraus abaixo através da escuridão da casa; correr desvairadamente pelas ruas estreitas, íngremes e antigas, feitas de degraus e cercadas de casas decadentes; pular sobre os degraus e as pedras do calçamento em direção às ruas baixas e ao rio pútrido e profundo, ofegar através da grande ponte negra em direção às ruas mais largas e saudáveis e aos bulevares conhecidos, tudo

isso são terríveis impressões que sobrevivem em mim. Tudo o que lembro é que não havia vento nem lua e que todas as luzes da cidade tremulavam.

A despeito de minhas buscas e investigações mais diligentes, jamais consegui achar a Rue dAuseil.

Mas não o lamento de todo: nem isso nem a perda, em abismos inimagináveis, das folhas de papel que, numa escrita cerrada, poderiam ter explicado a música de Erich Zann.

A PEDRA NEGRA - Robert E. Howard



*- Dizem que seres nefastos de Outrora ainda espreitam Em
lúridos cantos olvidados do mundo, E portões ainda se
abrem para soltar, em certas noites, Formas encarceradas
no Inferno."*

Justin Geoffrey

A primeira vez que li a respeito dela foi no estranho livro de Von Junzt, o excêntrico alemão que viveu de maneira por demais curiosa e morreu de forma tão aterradora e envolta em mistério. Fui afortunado em ter acesso ao seu *Cultos Inomináveis* na edição original, o chamado Livro Negro, publicado em Dusseldorf em 1839, pouco antes de um desfecho abrupto abater-se sobre o autor. Os colecionadores de literaturas raras conheciam o *Cultos Inomináveis* principalmente pela tradução barata e defeituosa que foi pirateada em Londres pela Bridewal, em 1845, e pela edição cuidadosamente expurgada lançada pela Golden Goblin Press de Nova York, em 1909. Contudo, o volume com que me deparei era um dos exemplares alemães não expurgados, de pesadas capas de couro negro e fechos de ferro enferrujados. Não creio que no mundo inteiro atualmente exista mais do que meia dúzia desses volumes, pois a quantidade impressa não foi grande, e quando as circunstâncias do falecimento do autor tornaram-se conhecidas, muitos que possuíam o livro queimaram os exemplares em pânico.

Von Junzt passou a vida inteira (1795-1840) imerso em assuntos proibidos; viajou por todo o mundo, foi admitido em inumeráveis sociedades secretas e leu, no original, incontáveis livros e manuscritos esotéricos pouco conhecidos; e nos capítulos do Livro Negro, que vão de uma perturbadora clareza nas explanações a uma ambiguidade obscura, há relatos e alusões de enregelar o sangue de um homem racional. Ao se ler o que Von Junzt ousou colocar no papel, surgem especulações inquietantes sobre o que ele não ousou contar. Por exemplo, que informações sinistras continham aquelas páginas escritas em uma caligrafia compacta e que formavam o manuscrito inédito em que ele

trabalhou incessantemente durante meses até sua morte, páginas que estavam rasgadas e espalhadas pelo chão do aposento chaveado e aferrolhado onde Von Junzt foi encontrado morto com marcas de garras na garganta? Jamais se saberá, pois o amigo mais íntimo do autor, o francês Alexis Ladeau, após passar uma noite inteira juntando os fragmentos e lendo o que estava escrito, queimou-os e cortou a própria garganta com uma navalha.

Porém, o conteúdo do material publicado é suficiente para causar arrepios, mesmo que se aceite a opinião geral de que representa apenas os delírios de um louco. Lá, entre muitas coisas estranhas, encontrei a menção à Pedra Negra, aquele monolito curioso e sinistro que se ergue em meio às montanhas da Hungria e em torno do qual giram tantas lendas sombrias. Von Junzt não lhe dedicou muito espaço – a maior parte da obra macabra trata de cultos e objetos de adoração profana que ele afirmava existirem em sua época, e aparentemente a Pedra Negra representa alguma ordem ou ser perdido e esquecido há séculos. No entanto, o autor falava sobre a pedra como uma das chaves – uma expressão usada muitas vezes por ele, em diversas referências, e que constituía uma das obscuridades da obra. E havia uma rápida alusão às curiosas visões que podiam ser presenciadas nas proximidades do monolito na Noite do Solstício de Verão. O autor mencionava a teoria de Otto Dostmann de que esse monolito era um vestígio da invasão hunica e que havia sido erigido para celebrar a vitória de Átila sobre os godos. Von Junzt contradisse essa afirmação sem apresentar qualquer fato que a refutasse, limitando-se a dizer que atribuir a origem da Pedra Negra aos hunos era tão lógico quanto supor que Wil iam, o Conquistador, erguera Stonehenge.

Essa sugestão de extrema antiguidade despertou consideravelmente meu interesse e, após algumas dificuldades, tive sucesso na localização de um exemplar carcomido e embolorado de *Vestígios de Impérios Perdidos*, de Dostmann (Berlim, 1809, Editora Der Drachenhaus). Fiquei desapontado ao descobrir que Dostmann era ainda mais sucinto que Von Junzt ao mencionar a Pedra Negra, rejeitando-a em poucas linhas como um artefato relativamente moderno quando comparado às ruínas greco-romanas da Ásia Menor, que eram o seu tema preferido. Ele admitiu ser incapaz de decifrar os caracteres

desgastados na superfície do monolito, mas declarou-os como sendo sem dúvida alguma de origem mongoloide. Entretanto, ainda que pouco tenha descoberto por Dostmann, ele mencionava o nome de uma aldeia adjacente à Pedra Negra – Stregoicavar – um nome ominoso, que significava algo como Vila das Bruxas.

Não obtive mais informações ao examinar minuciosamente guias e artigos de viagem – Stregoicavar, que não constava em nenhum dos mapas que pude encontrar, situava-se em uma região inóspita e pouco frequentada, fora da rota de turistas casuais. Porém, encontrei detalhes instigantes no Folclore Magiar de Dornly. No capítulo sobre Mitos Oníricos, ele menciona a Pedra Negra e fala a respeito de algumas superstições curiosas em torno dela – especialmente a crença de que, se alguém dormir nas proximidades do monolito, essa pessoa será para sempre assombrada por pesadelos monstruosos; e ele cita histórias dos camponeses sobre pessoas curiosas demais que se arriscaram a visitar a Pedra na Noite do Solstício de Verão e que morreram enlouquecidas devido a algo que viram lá.

Isso foi tudo que consegui depreender de Dornly, mas meu interesse foi aumentado ainda mais ao sentir que a Pedra estava cercada por uma aura distintamente sinistra. A sugestão de uma antiguidade envolta em trevas e a alusão recorrente a eventos sobrenaturais na Noite do Solstício de Verão tocaram em algum instinto adormecido dentro de mim, da mesma forma que alguém é capaz de sentir, em vez de ouvir, um rio subterrâneo correr à noite.

E, de repente, percebi uma ligação entre essa Pedra e um certo poema estranho e fantástico escrito pelo poeta louco Justin Geoffrey: O Povo do Monolito. Indagações revelaram que Geoffrey havia na verdade escrito esse poema durante uma viagem pela Hungria, e eu não tinha dúvida de que a Pedra Negra era o mesmo monolito que ele mencionava nos estranhos versos. Ao reler o poema, senti novamente as estranhas agitações do subconsciente que eu havia percebido quando li pela primeira vez a respeito da Pedra.

Como eu vinha procurando um lugar onde passar umas férias, acabei tomando uma decisão. Parti para Stregoicavar. Um trem

antiquado saiu de Temesvar, deixando-me a uma distância considerável do meu objetivo, para dizer o mínimo, e após uma viagem de três dias em um coche sacolejante cheguei à pequena aldeia entranhada em um vale fértil, no alto das montanhas cobertas de abetos. A viagem em si foi tranquila, mas durante o primeiro dia passamos pelo antigo campo de batalha de Schomvaal, onde o destemido cavaleiro húngaro-polonês, Conde Boris Vladinoff, resistiu de forma galante e inútil contra os exércitos vitoriosos de Suleiman, o Magnífico, quando o Grão-Turco lançou-se sobre a Europa oriental em 1526.

O cocheiro me apontou uma grande pilha de pedras numa colina próxima, sob a qual, disse ele, jaziam os ossos do bravo Conde. Lembrei-me de uma passagem do *Guerras Turcas*, de Larson. - Após a escaramuça,” (em que o Conde e seu pequeno exército haviam repellido a vanguarda turca) - o Conde encontrava-se ao pé das muralhas parcialmente arruinadas do vetusto castelo na colina, organizando a distribuição de suas tropas, quando um ajudante-de-ordens lhe trouxe um pequeno estojo laqueado, que havia sido recolhido junto ao corpo do famoso escriba e historiador turco Selim Bahadur, que tombara em combate. O Conde tirou um pergaminho de dentro do estojo e começou a lê-lo; porém, mal começara a fazê-lo quando ficou muito pálido e, sem dizer uma palavra, recolocou o pergaminho no estojo e o guardou em seu manto. Naquele exato momento, uma bateria turca oculta abriu fogo de súbito, e os húngaros ficaram horrorizados ao verem as muralhas desmoronarem com o impacto das balas, soterrando por completo o bravo Conde. Sem um líder, o galante exército foi feito em pedaços, e nos anos que se seguiram, arrasados pela guerra, os ossos dos nobres jamais foram recuperados. Hoje os nativos apontam para uma pilha de destroços próxima a Schomvaal sob a qual, dizem, ainda descansa tudo o que, após séculos, restou do Conde Boris Vladinoff.”

A aldeia de Stregoicavar pareceu-me ser um lugar agradável e sossegado que aparentemente contradizia sua alcunha sinistra – um canto esquecido que o Progresso deixou para trás. As casas singulares e os trajes e modos ainda mais peculiares dos habitantes remetiam a um século passado. As pessoas eram amigáveis, um pouco curiosas, mas não dadas a fazer perguntas, ainda que visitantes de fora fossem extremamente raros.

– Dez anos atrás, outro americano veio aqui e ficou alguns dias na aldeia – disse o dono da taverna onde fiquei hospedado –, um rapaz de modos estranhos, que resmungava consigo mesmo. Acho que era um poeta.

Eu sabia que ele devia estar falando de Justin Geoffrey.

– Sim, ele era poeta – respondi –, e compôs um poema sobre uma paisagem próxima a esta mesma aldeia.

– É mesmo? – Meu anfitrião ficou interessado. – Então, já que todos os poetas são estranhos no modo de falar e no que fazem, ele deve ter alcançado uma grande fama, pois as coisas que fazia e as suas conversas eram as mais estranhas que já vi de um homem.

– Como é de costume com os artistas – respondi –, a maior parte do reconhecimento só veio após a morte.

– Ele está morto, então?

– Morreu gritando em um hospício há cinco anos.

– Que pena, que pena – suspirou de forma solidária meu anfitrião. – Pobre rapaz... olhou por tempo demais para a Pedra Negra.

Meu coração deu um pulo, mas disfarcei meu intenso interesse ao fazer a pergunta casualmente.

– Ouvi algo a respeito dessa Pedra Negra; fica em algum lugar perto da aldeia, não?

– Mais perto do que pessoas cristãs gostariam – respondeu ele. – Veja! – Ele me levou até uma janela de treliça e apontou para as encostas cobertas por abetos das montanhas azuladas. – Lá, passando o ponto onde se vê a face exposta daquele rochedo saliente, fica aquela Pedra amaldiçoada. Antes fosse reduzida a pó e o pó jogado no Danúbio para ser levado às profundezas do oceano! Certa vez tentaram destruir a coisa, mas cada um dos homens que encostou um martelo ou uma marreta nela teve um fim terrível. E agora as pessoas a evitam.

– O que há de tão maligno nela? – perguntei interessado.

– É uma obra assombrada por demônios – respondeu ele receoso, parecendo estremecer. – Na minha infância conheci um jovem que subiu até aqui e riu das nossas tradições; imprudente,

ele foi até a Pedra numa Noite do Solstício de Verão e, na manhã seguinte, voltou aos tropeços para a vila, mudo e louco. Algo havia lhe destruído a mente e selado os lábios, pois até o dia de sua morte, que chegou pouco depois, ele falava apenas para proferir blasfêmias terríveis ou balbuciar coisas incoerentes.

- Meu próprio sobrinho se perdeu nas montanhas quando era muito pequeno e dormiu na floresta próxima à Pedra, e agora, adulto, é torturado por sonhos medonhos, ao ponto de às vezes a noite se tornar hedionda com seus gritos e ele acordar suando frio.

- Mas falemos de outra coisa, Herr; não é bom se demorar nesses assuntos.”

Comentei sobre a idade evidente da taverna e ele respondeu com orgulho. – As fundações têm mais de quatrocentos anos; a casa original foi a única da aldeia que não foi incendiada quando aquele demônio Suleiman atacou estas montanhas. Dizem que aqui, na casa que ficava sobre essas mesmas fundações, o escriba Selim Bahadur se aquartelou enquanto devastava as terras ao redor.

Fiquei sabendo, na ocasião, que os habitantes atuais de Stregoicavar não descendiam do povo que lá vivera antes do ataque turco de 1526. Os muçulmanos vitoriosos não deixaram ninguém vivo na aldeia ou nas redondezas ao passarem por lá. Homens, mulheres e crianças foram dizimados em um holocausto rubro de assassinio, deixando silenciada e deserta uma extensa faixa de terra. Os moradores atuais de Stregoicavar descendiam de colonizadores destemidos vindos dos vales mais baixos, que chegaram à aldeia arruinada depois que o Turco foi repellido.

Meu anfitrião falava do extermínio dos habitantes originais sem qualquer ressentimento, e me foi dito que os seus ancestrais das terras mais baixas tinham mais ódio e aversão dos montanhese do que dos turcos. Ele foi um tanto vago acerca das causas dessa inimizade, mas disse que os habitantes originais de Stregoicavar tinham o hábito de fazer incursões furtivas nas baixadas para raptar moças e crianças. Além disso, o taverneiro disse que aquela gente não tinha exatamente o mesmo sangue do seu próprio povo; a robusta estirpe eslava-magiar original havia se

misturado e casado com uma raça nativa degenerada, até que as duas linhagens se fundiram, produzindo um amálgama repulsivo. Ele não tinha a menor ideia de quem eram esses nativos, mas sustentava que eram - pagãos” e que viviam nas montanhas desde tempos imemoriais, antes da chegada dos povos conquistadores.

Dei pouca importância a essa história, vendo nela apenas um paralelo do amalgamento de tribos celtas com aborígenes mediterrâneos nas colinas de Gal oway, cuja raça mista resultante, os pictos, possui uma ampla participação nas lendas escocesas. O tempo possui um curioso efeito de síntese sobre o folclore. Da mesma forma que as histórias dos pictos mesclaram-se com lendas de uma raça mongoloide mais antiga (a ponto de em determinado momento ser conferida aos pictos a aparência repulsiva dos primitivos atarracados, cuja individualidade foi agregada às histórias pictas e então esquecida), eu tinha a impressão de que os supostos atributos inumanos dos primeiros aldeões de Stregoicavar podiam ser traçados até mitos mais antigos relacionados a invasores hunos e mongóis.

Na manhã seguinte à minha chegada, meu anfitrião, um tanto aflito, indicou-me o caminho e parti para encontrar a Pedra Negra. Após algumas horas subindo as encostas cobertas de abetos, cheguei àquele penhasco maciço e escarpado que se projetava altaneiro da montanha. Uma trilha estreita o atravessava e, depois de subi-la, olhei para o pacífico vale de Stregoicavar lá embaixo, que parecia dormir, protegido pelas montanhas azuladas ao redor. Não havia cabanas ou qualquer sinal de habitação humana entre o penhasco onde eu me encontrava e a aldeia. Vi algumas fazendas espalhadas pelo vale, mas todas ficavam do outro lado de Stregoicavar, que parecia retrair-se diante das infaustas encostas que ocultavam a Pedra Negra.

O cume do penhasco se mostrou uma espécie de planalto de mata cerrada. Segui em meio à vegetação por alguns metros e cheguei a uma ampla clareira, em cujo centro erguia-se uma forma lúgubre de pedra negra.

Era octogonal, com uns cinco metros de altura e cerca de meio metro de espessura. Era evidente que já fora bem polida, mas a

superfície agora estava amossegada, como se tivessem tentado demoli-la com selvageria.

Os martelos, porém, pouco fizeram além de lascá-la e mutilar os caracteres que outrora a cobriam em espirais até o topo. Esses caracteres estavam quase que apagados por completo da base até uma altura de três metros, fazendo com que fosse muito difícil ver para que lado iam. Estavam mais nítidos no alto e, com esforço, consegui subir um pouco na pedra e examiná-los de perto. Todos os caracteres estavam um pouco desgastados, mas eu tinha certeza de que não simbolizavam qualquer língua atualmente lembrada na face da terra. Estou familiarizado com todos os hieróglifos conhecidos por pesquisadores e filólogos e posso afirmar que aqueles caracteres não se pareciam com nada que eu já tivesse lido ou ouvido a respeito. Por tudo que já vi, o que mais se aproximava deles eram alguns riscos primitivos em uma rocha gigantesca e estranhamente simétrica em um vale perdido de Yucatan. Lembro que, quando mostrei essas marcas ao arqueólogo que me acompanhava, ele afirmou que eram o resultado de intempéries ou os rabiscos displicentes de algum índio. A minha teoria de que a rocha na verdade era a base de uma coluna que há muito desaparecera apenas o levou ao riso e fez com que chamasse minha atenção para as dimensões do objeto que, se construído de acordo com quaisquer regras naturais de simetria arquitetônica, sugeria uma coluna de mais de trezentos metros de altura. Mas não fiquei convencido.

Não vou dizer que os caracteres da Pedra Negra eram similares aos daquela rocha colossal em Yucatan, mas uma sugeria a outra. Quanto à substância do monolito, novamente me encontrei pasmado. A pedra de que era composto era de um preto baço cuja superfície, nos pontos em que não estava amossegada e áspera, criava uma curiosa ilusão de semitransparência.

Passei a maior parte da manhã lá e fui embora perplexo. Eu não conseguia ver alguma relação da Pedra com qualquer outro artefato do mundo. Era como se o monolito tivesse sido erguido por mãos alienígenas, em uma era distante e estranha à compreensão humana.

Retornei à aldeia com meu interesse nem um pouco mitigado. Agora que eu já havia visto o curioso objeto, era ainda maior o

meu desejo de investigar o assunto a fundo e procurar descobrir por quais mãos estranhas e por qual estranho propósito a Pedra Negra fora erigida num passado longínquo.

Procurei o sobrinho do taverneiro e lhe perguntei sobre os sonhos, mas ele foi vago, ainda que disposto a ajudar. Ele não se importava de discuti-los, mas era incapaz de descrevê-los com clareza. Embora tivesse os mesmos sonhos repetidamente e fossem terrivelmente nítidos na ocasião, eles não deixavam uma impressão distinta em sua mente desperta. O homem lembrava-se deles apenas como pesadelos caóticos, onde imensas fogueiras lançavam labaredas lúridas e um tambor negro retumbava incessantemente. Lembrava com nitidez somente de uma coisa: havia visto a Pedra Negra em um sonho, não na encosta de uma montanha, mas como um coruchêu num colossal castelo negro.

O resto dos aldeões não estava inclinado a falar sobre a Pedra, exceto pelo mestre-escola, um homem de educação surpreendente, que passava muito mais do seu tempo fora da aldeia do que os outros.

Ele ficou muito interessado com o que lhe contei das observações de Von Junzt acerca da Pedra e concordava calorosamente com o autor alemão no tocante à idade do monolito. O mestre-escola acreditava que certa vez existira um conventículo na região e que possivelmente todos os habitantes originais eram membros daquele culto de fertilidade que outrora ameaçou abalar a civilização europeia e que deu origem às histórias de bruxaria. Citou o próprio nome da aldeia para provar esse argumento. Originalmente ela não se chamava Stregoicavar, disse ele; de acordo com as lendas, as pessoas que a ergueram a chamavam de Xuthltan, que era o nome nativo do local em que a aldeia havia sido construída séculos atrás.

Tal fato causou-me mais uma vez um indescritível sentimento de inquietação. O nome bárbaro não sugeria uma ligação com qualquer raça cítica, eslava ou mongol a qual um povo nativo dessas montanhas teria pertencido em circunstâncias naturais.

Era evidente, disse o mestre-escola, que os magiares e os eslavos dos vales mais baixos acreditavam que os habitantes originais da aldeia eram membros do culto de bruxaria pelo nome que deram ao local – nome esse que continuou a ser usado mesmo após os colonizadores mais antigos terem sido massacrados pelos turcos

e a aldeia ter sido reconstruída por uma estirpe mais pura e sã.

Ele não acreditava que os membros do culto tivessem erigido o monolito, mas acreditava que o usavam como centro de suas atividades e, repetindo lendas obscuras passadas de geração em geração desde antes da invasão turca, o homem aventou a teoria de que os aldeões degenerados usavam a pedra como uma espécie de altar sobre o qual ofereciam sacrifícios humanos, tendo como vítimas as moças e os bebês raptados de seus próprios ancestrais nos vales mais baixos.

O mestre-escola não dava crédito aos eventos bizarros da Noite do Solstício de Verão, nem a uma curiosa lenda sobre uma estranha divindade que o povo-bruxo de Xuthltan, diziam, invocava com cânticos e rituais selvagens de flagelação e morticínio.

Ele disse jamais tinha ido até a Pedra em uma Noite do Solstício de Verão, mas não teria receio de fazê-lo.

Seja o que for que tivesse existido ou sido realizado lá no passado, as brumas do tempo e do esquecimento já o tinham engolfado. A Pedra Negra perdera seu significado, exceto como um elo com um passado morto e empoeirado.

Foi quando eu voltava certa noite de uma visita a esse mestre-escola, cerca de uma semana desde minha chegada a Stregoicavar, que lembrei subitamente de algo: era a Noite do Solstício de Verão! A época que as lendas associavam à Pedra Negra com nefandas implicações. Afastei-me da taverna e atravessei a aldeia a passos ligeiros. Stregoicavar estava silenciosa; os aldeões recolhiam-se cedo. Não vi ninguém quando saí rapidamente da aldeia e me embrenhei na mata de abetos que ocultava as encostas com trevas murmurantes.

Uma lua cheia e prateada pairava sobre o vale, banhando os penhascos e aclives com uma luz misteriosa e enegrecendo ainda mais as sombras. Não soprava vento algum por entre as árvores, mas era possível ouvir um farfalhar intangível e enigmático. Por certo que em noites como esta, segundo minha imaginação fértil, em séculos passados bruxas nuas montadas em vassouras mágicas voaram por sobre o vale, perseguidas por zombeteiros familiares demoníacos.

Cheguei aos penhascos e fui tomado por uma certa inquietude ao perceber que o luar ilusivo lhes conferia um aspecto sutil que eu não notara anteriormente: naquela luz eles se pareciam menos com formações naturais e mais com ruínas de ameias ciclópicas construídas por titãs, projetando-se da encosta da montanha.

Deixando essa alucinação de lado com dificuldade, alcancei a área plana e hesitei por um momento antes de adentrar a escuridão ameaçadora da mata. Uma certa tensão angustiante vinha das sombras, como um monstro invisível que prendia a respiração para não espantar a presa. Ignorei a sensação – natural, levando em consideração a estranheza do lugar e a sua reputação maligna – e abri caminho pela mata, com uma desagradável impressão de estar sendo seguido, e detive-me uma vez, certo de que algo viscoso roçara meu rosto em meio as trevas.

Emergi na clareira e vi o alto monolito erguendo-se sobranceiro em meio à relva. Perto da linha das árvores, para os lados dos penhascos, havia uma pedra que formava uma espécie de assento natural. Sentei-me, pensando que provavelmente havia sido ali que o poeta louco, Justin Geoffrey, compusera seu fantástico Povo do Monolito. O taverneiro era da opinião de que a Pedra causara a insanidade de Geoffrey, mas as sementes da loucura haviam sido plantadas na mente do poeta muito antes de ele ir a Stregocavar.

Com uma olhada no meu relógio, vi que faltava pouco para a meia-noite. Recostei-me, à espera de qualquer demonstração fantasmagórica que pudesse se manifestar. Um vento fraco começou a soprar por entre os galhos dos abetos, com uma sugestão sobrenatural de flautas ocultas que tocavam uma melodia sinistra e maléfica. A monotonia do som e o olhar que eu mantinha fixo no monolito produziram sobre mim algo de hipnótico e fiquei sonolento. Ainda que lutasse contra esse efeito, fui vencido pelo sono; o monolito parecia oscilar e dançar, estranhamente distorcido diante de mim, e então adormeci.

Abri os olhos e tentei me levantar, mas não consegui me mexer, impotente como se preso por uma mão gélida.

Um horror glacial tomou conta de mim. A clareira não estava

mais deserta. Havia ali uma multidão estranha e silenciosa, e notei, de olhos arregalados, detalhes bárbaros nos trajes que usavam e que meu juízo compreendia como arcaicos e esquecidos até mesmo para aquela terra atrasada. Por certo, pensei, eram aldeões que haviam se reunido ali para algum conclave fantástico; porém, bastou uma segunda olhada para saber que aquelas pessoas não eram a gente de Stregoicavar. Eram uma raça mais atarracada, de frente mais baixa e rostos mais largos e impassivos. Alguns tinham traços eslavos e magiares, mas que foram degradados pela mistura com alguma linhagem inferior e exótica que eu não conseguia classificar. Muitos usavam peles de animais selvagens e a aparência geral, tanto de homens como de mulheres, era de uma brutalidade sensual.

Eu estava aterrorizado e tomado de repulsa, mas eles não se aperceberam de minha presença. Formaram um amplo semicírculo diante do monolito e começaram a entoar um cântico, lançando os braços para o alto em uníssono e sacudindo os corpos numa cadência da cintura para cima. Todos os olhares se voltavam para o topo da Pedra, à qual pareciam clamar. O mais inusitado, porém, era o abafamento das vozes. Centenas de homens e mulheres inequivocadamente erguiam suas vozes num cântico frenético a menos de cinquenta metros de onde eu estava, mas ainda assim eu os ouvia como um murmúrio indistinto, como que separados por vastas extensões de espaço – ou de tempo.

Em frente ao monolito havia uma espécie de braseiro, de onde subia uma fumaça amarelada nauseante, serpenteando de modo curioso ao redor da Pedra Negra como uma cobra gigantesca.

Ao lado do braseiro encontravam-se duas figuras: uma moça jovem, completamente nua, com mãos e pés amarrados, e um bebê que aparentava ter poucos meses de idade. Uma velha hedionda estava de cócoras do outro lado do braseiro, com um singular tambor negro no colo; ela batia lentamente no instrumento com as palmas das mãos, mas o som não chegava até mim.

O ritmo dos corpos dançantes ficou mais rápido, e no espaço entre as pessoas e o monolito surgiu uma jovem nua, de olhos faiscantes e um longo cabelo negro esvoaçante. Rodopiando na

ponta dos pés, ela atravessou o espaço aberto e prostou-se diante da Pedra, onde permaneceu imóvel. Logo depois ela foi seguida por uma figura fantástica: um homem de cuja cintura pendia uma pele de cabra e cujas feições encontravam-se ocultas por uma máscara feita da cabeça de um lobo, dando-lhe uma aparência monstruosa, horivelmente composta de elementos humanos e bestiais. Ele segurava um punhado de longos gravetos de abeto amarrados nas extremidades maiores e levava em volta do pescoço uma pesada corrente de ouro que refletia a luz do luar.

Dela pendia uma corrente menor que sugeria a existência de algum pingente que não estava ali.

As pessoas balançavam os braços com violência e pareceram redobrar a intensidade dos gritos quando essa criatura grotesca atravessou o espaço aberto com saltos e cambalhotas. Ao se aproximar da mulher que estava diante do monolito, ele começou a açoitá-la com os gravetos, fazendo com que ela se levantasse de um salto e requebrasse com furor na dança mais incrível que já vi. E o fustigador juntou-se a ela na dança, mantendo o ritmo furioso, acompanhando cada rodopio e pulo da mulher, enquanto lhe desferia golpes incessantes no corpo nu. E a cada golpe ele gritava uma única palavra, repetidamente, e todas as pessoas a gritavam em resposta. Eu podia ver os lábios se movendo, e agora o murmúrio distante de suas vozes se fundira num grito longínquo, repetido sem parar num êxtase salivante. Porém, eu não conseguia compreender que palavra era pronunciada.

Os dançarinos eufóricos continuavam a rodopiar, enquanto os espectadores, ainda em seus lugares, acompanhavam o ritmo da dança balançando os corpos e sacudindo os braços. A loucura ficou mais evidente nos olhos da cultista saltitante e era refletida nos olhos dos observadores. O frenesi rodopiante daquela dança insana foi ficando cada vez mais fantástico e extravagante – tornou-se algo bestial e obsceno, enquanto a velha uivava e batia o tambor como uma desvairada e os gravetos estalavam em uma melodia infernal.

O sangue escorria pelos membros da dançarina, mas ela parecia não sentir o açoitamento, salvo como estímulo para movimentos ainda mais revoltantes; saltando para o meio da fumaça

amarela, que agora estendia tênues tentáculos para envolvê-los, ela pareceu se fundir com aquela névoa pestilenta, que a encobriu. Então ao reaparecer, seguida de perto por aquele ser animalesco que a golpeava, ela entrou numa convulsão indescritível de movimentos rápidos e tresloucados e, no auge daquela manifestação, tombou de súbito, tremendo e ofegando como que completamente exaurida pela exaltação. Os golpes continuaram com a mesma violência e intensidade enquanto a dançarina se arrastava de bruços na direção do monolito.

O sacerdote – assim o chamarei – a acompanhou, fustigando o corpo desprotegido com toda a força que tinha no braço enquanto a mulher se retorcia, deixando um rastro de sangue na terra batida. Ela alcançou o monolito e, ofegando, jogou os braços em volta da pedra fria e a cobriu de beijos ardentes, numa adoração profana e delirante.

O sacerdote fantástico saltou a grande altura, jogando longe os gravetos sujos de sangue, e os adoradores, aos uivos e espumando pelas bocas, atracaram-se com dentes e unhas, rasgando roupas e carne com uma paixão cega e bestial. O sacerdote agarrou o bebê com um longo braço e, gritando mais uma vez aquele Nome, girou a criança chorosa no ar e esmagou-lhe a cabeça contra o monolito, deixando uma mancha medonha na superfície negra. Vi horrorizado o homem despedaçar o corpo diminuto com as próprias mãos animalescas e lançar mais sangue na pedra, jogando em seguida a forma rubra e destroçada no braseiro, extinguindo o fogo e a fumaça com uma chuva escarlate, enquanto os brutos enlouquecidos uivavam sem parar o Nome. Então, de repente, todos caíram prostrados, contorcendo-se como cobras, enquanto o sacerdote sacudia triunfante as mãos ensanguentadas. Abri a boca para gritar meu horror e aversão, mas só consegui emitir um ruído seco: um ser monstruoso e imenso, semelhante a um sapo, estava agachado no topo do monolito!

Vi a repulsiva silhueta intumescida contra a luz do luar e, no que parecia ser a face de uma criatura natural, olhos piscantes que refletiam toda a lascívia, a voracidade abismal, a crueldade obscena e a maleficência abominável que espreitavam os filhos dos homens desde que seus ancestrais se deslocavam, cegos e glabros, pelas copas das árvores. Naqueles olhos odiosos

estavam espelhados todos os seres profanos e segredos abjetos que repousavam em cidades no fundo do mar e que se refugiam da luz do dia nas trevas de cavernas primordiais. Assim, aquele ser abissal, que o ritual de crueldade, sadismo e sangue invocara do silêncio das colinas, piscou e olhou de soslaio para os adoradores bestiais, que rastejavam em horrenda degradação na sua presença.

Nesse momento, o sacerdote mascarado levantou a garota amarrada que se contorcia debilmente e, erguendo-a em seus braços, ofereceu-a àquele horror no monolito. E quando aquela monstruosidade respirou fundo, ávida e salivante, algo cedeu em minha mente e, misericordiosamente, desmaiei.

Ao abrir os olhos, deparei-me com um amanhecer claro e sereno. Relembrei todos os eventos da noite e levantei de um pulo, olhando espantado ao redor. O monolito erguia-se ameaçador e silencioso em meio à relva que, verde e intocada, balançava na brisa matutina. Atravessei a clareira com alguns passos rápidos; aqui os dançarinos saltaram e pisotearam tanto o solo que este deveria estar desprovido de vegetação, e ali a cultista arrastou-se dolorosamente até a Pedra, deixando um rastro de sangue na terra. Mas não havia sequer uma gota escarlate na grama incólume. Estremeci ao olhar para a lateral do monolito contra a qual o sacerdote bestial esmagara a cabeça do bebê raptado – mas não havia sinal de mancha escura ou coágulo hediondo.

Um sonho! Havia sido um pesadelo extraordinário... ou então... Encolhi os ombros. Que clareza nítida para um sonho!

Voltei discretamente para a aldeia e entrei na taverna sem ser visto. E lá fiquei sentado ponderando sobre os estranhos eventos da noite anterior. Eu ficava cada vez mais propenso a descartar a teoria do sonho. Era evidente que aquilo que eu havia visto fora uma ilusão e sem substância material. Porém, eu acreditava que tinha vislumbrado a sombra refletida de um ato de fato perpetrado em eras passadas. Mas como eu poderia saber? Que provas para mostrar que minha visão fora a convergência de espectros repugnantes e não um pesadelo oriundo de minha mente?

E, como em resposta, lembrei-me de um nome – Selim Bahadur!

De acordo com as lendas, este homem, que fora soldado assim como escriba, comandou aquela parte do exército de Suleiman que devastou Stregoicavar; parecia bastante lógico; e, assim sendo, ele partira direto do interior devastado para o campo sangrento de Schomvaal e o seu fim. Levantei-me com um grito: será que aquele manuscrito que fora retirado do corpo do Turco e que fez o Conde Boris estremecer não poderia conter uma narrativa do que os conquistadores turcos encontraram em Stregoicavar? O que mais poderia ter abalado os nervos de aço do aventureiro polonês? E como os ossos do Conde jamais foram recuperados, não seria de se esperar que o estojo laqueado, de conteúdo misterioso, ainda estivesse sob as ruínas que cobriam Boris Vladinoff? Comecei rapidamente a fazer as malas.

Três dias depois eu já estava alojado em uma pequena aldeia a poucos quilômetros do antigo campo de batalha e, quando a lua surgiu, comecei a revirar a grande pilha de destroços que encimava a colina. Foi um trabalho árduo – e agora, ao lembrar-me dele, não sei como consegui terminá-lo, ainda que tivesse me esforçado do momento em que lua nasceu até o amanhecer. Removi as últimas pedras quando o sol estava começando a despontar no horizonte e vislumbrei os restos mortais do Conde Boris Vladinoff – uns poucos fragmentos de ossos esfarelados – e, entre eles, deformado pelo peso dos escombros, encontrava-se um estojo cuja superfície laqueada o protegera da deterioração com o passar dos séculos.

Agarrei o objeto com avidez e, depois de colocar de volta algumas pedras sobre os ossos, afastei-me correndo, pois não pretendia ser surpreendido em um ato de aparente profanação por camponeses desconfiados.

De volta ao meu quarto na taverna, abri o estojo e encontrei o pergaminho razoavelmente intacto; e havia outra coisa no estojo – um pequeno objeto volumoso envolto em seda. Estava ansioso para sondar os segredos daquelas páginas amareladas, mas fui vencido pelo cansaço. Eu mal havia dormido desde que partira de Stregoicavar e isso, somado aos enormes labores da noite anterior, acabaram por me desgastar. Fui forçado a me deitar e dormi até o sol se pôr.

Jantei às pressas e depois, à luz de uma vela tremeluzente,

sentei-me para ler os elegantes caracteres turcos que preenchiam o pergaminho. Foi uma tarefa difícil, pois não sou muito versado na língua e o estilo arcaico do texto era desconcertante. Contudo, à medida que o estudava, aqui e ali uma palavra ou uma expressão tornavam-se mais claras, fazendo com que um horror crescente me engolfasse. Dediquei-me com afinco à leitura e, conforme a história ficava mais nítida e assumia uma forma mais tangível, senti o sangue gelar nas veias, meus cabelos se eriçarem e a boca ficar seca. Todos os fenômenos externos partilhavam da terrível insanidade daquele manuscrito infernal; os sons noturnos de insetos e criaturas das matas assumiram a forma de murmúrios fantasmagóricos e de passadas sorrateiras de horrores abomináveis, e o sussurro do vento transformou-se numa obscena exultação maligna sobre as almas dos homens.

Quando por fim a manhã cinzenta atravessou a janela, larguei o manuscrito e desembrulhei o artefato do pedaço de seda. Ao observá-lo com olhos cansados, eu soube que a verdade acerca da questão estava assegurada, ainda que tivesse sido possível duvidar da veracidade daquele terrível manuscrito.

Guardei novamente os dois objetos no estojo e não descansei, tampouco dormi ou comi, até que aquele estojo fosse amarrado a pedras para lhe fazer peso e fosse jogado nas correntezas profundas do Danúbio que, queira Deus, arrastou-o de volta ao Inferno de onde viera.

O que se passou na Noite do Solstício de Verão nas colinas acima de Stregoicavar não foi um sonho. Bem o fez Justin Geoffrey ao se deter lá apenas durante o dia e ir embora, pois se tivesse contemplado aquele conclave medonho, sua razão insana teria se perdido muito antes. Não sei como mantive a lucidez.

Não... não fora um sonho. Vi um nefasto aglomerado de cultistas mortos há muito tempo, saídos do Inferno para render homenagens como antigamente; fantasmas que se curvavam diante de um fantasma. Pois o Inferno há muito havia reclamado aquele deus hediondo. Por muito tempo ele habitou as colinas, um vestígio enlouquecedor de uma era obsoleta, mas suas garras obscenas não mais se fechavam sobre as almas dos vivos, rei de um reino morto, povoado apenas pelos espectros daqueles que o

serviram em vida.

Não sei por meio de que alquimia nefária ou feitiçaria ímpia os Portões do Inferno são abertos naquela noite sinistra, mas testemunhei o fato com meus próprios olhos. E sei que não vi nenhuma criatura viva naquela noite, pois o manuscrito escrito na caligrafia cuidadosa de Selim Bahadur narrava detalhadamente o que ele e seus saqueadores encontraram no vale de Stregoicavar; e li, em minúcias, as obscenidades blasfemas arrancadas pela tortura dos lábios de adoradores estridentes; e li também a respeito da sombria caverna perdida no alto das colinas onde os turcos aterrorizados encurralaram uma criatura monstruosa e intumescida, como um sapo na aparência, e a mataram com fogo e aço ancião abençoado séculos antes por Maomé e com encantamentos que já eram antigos quando a Arábia era jovem. E mesmo a mão firme de Selim tremeu ao registrar os cataclísmicos uivos moribundos da monstruosidade, que não morreu sozinha; pois uma dezena de homens morreu com ela, de maneiras que Selim não queria ou não podia descrever.

E aquele volumoso ídolo de ouro enrolado em seda era uma imagem da própria criatura, arrancado por Selim da corrente dourada que adornava o pescoço do sumo sacerdote mascarado assassinado.

Bem fizeram os turcos ao varrer aquele vale amaldiçoado a ferro e fogo purificador! Os eventos presenciados por aquelas montanhas pertencem às trevas e aos abismos de éons perdidos. Não, não é o medo do ser batráquio que me faz estremecer à noite. A criatura está agrilhoadada no Inferno com sua horda nauseabunda, de onde é solta somente por uma hora durante a noite mais sinistra do ano, como testemunhei. E não resta nenhum dos seus adoradores.

O que me faz suar frio é saber que tais criaturas outrora pairaram sobre as almas dos homens; e temo tornar a ler as páginas da abominação de Von Junzt. Pois agora compreendo a repetição da expressão sobre chaves!

Sim! Chaves para Portas Exteriores: elos com um passado horroroso e, quem sabe, de esferas horrendas do presente. E compreendo por que os penhascos se parecem com ameias ao luar e por que o assombrado sobrinho do taverneiro viu em

sonhos a Pedra Negra como um coruchéu de um castelo negro ciclópico. Se algum dia vierem a escavar aquelas montanhas, poderão encontrar coisas incríveis debaixo da proteção daquelas encostas. Pois a caverna em que os turcos encurralaram a... criatura... não era na realidade uma caverna, e estremeço ao contemplar o gigantesco abismo de éons que deve se estender entre esta era e a época em que a terra tremeu e ergueu, como uma onda, aquelas montanhas azuladas que, a pique, encobriram coisas impensáveis. Que ninguém jamais tente desenterrar aquele coruchéu maldito que os homens chamam de Pedra Negra!

Uma Chave! Sim, é uma Chave, símbolo de um horror esquecido. Aquele horror voltou ao limbo de onde saiu rastejando, de forma vil, no amanhecer negro do mundo. Mas e quanto às outras possibilidades infernais sugeridas por Von Junzt – e quanto à mão monstruosa que lhe ceifou a vida? Desde que li o que Selim Bahadur escreveu, não posso duvidar de mais nada presente no Livro Negro. O homem nem sempre foi senhor da terra – e o é, hoje?

E volta e meia imagino: se tal entidade monstruosa como o Mestre do Monolito foi capaz de sobreviver de algum modo à sua época indizivelmente distante por tanto tempo, que formas inomináveis podem estar à espreita ainda agora nos confins sombrios do mundo?

A SENSÇÃO DE PODER - Isaac Asimov

Jehan Shuman estava acostumado a lidar com os homens responsáveis pelas tropas espalhadas pela Terra. Era apenas um civil, mas tinha criado os programas que possibilitaram o surgimento dos mais avançados computadores automáticos de guerra. Consequentemente, os generais ouviam sua opinião. Os líderes das comissões parlamentares também.

Havia um militar e um político no salão especial do Novo Pentágono. O general Weider tinha um rosto bronzeado pelos raios de muitos sóis, e sua pequena boca, cheia de rugas, quase não aparecia. O deputado Brant tinha um rosto suave e olhos claros. Ele fumava um charuto denebiano com a segurança de alguém cujo patriotismo era tão notório que podia se permitir certas liberdades.

Shuman, alto, distinto, um típico programador de elite, encarou-os destemidamente.

– Cavalheiros - disse ele -, esse é Myron Aub.

– É aquele que tem um talento incomum, que você descobriu por acaso - disse Brant, sereno.

– Ah. - Ele estudou o pequeno homem de cabeça oval e careca com uma curiosidade cordial.

Em resposta, o homenzinho torceu os dedos de suas mãos ansiosamente. Nunca tinha visto homens tão importantes em sua vida. Era um técnico envelhecido e sem importância, que há muito tempo tinha fracassado em todos os testes destinados a selecionar as pessoas talentosas da humanidade e se acomodara numa rotina de trabalhos não especializados. Tinha apenas um passatempo que, de pois de descoberto pelo grande programador, acarretara todo esse estardalhaço.

– Acho infantil esse clima de mistério - disse o general Weider.

– Vai deixar de achar em um minuto - disse Shuman. - Esse é o tipo de coisa que não pode vazar para qualquer um... Aub! Havia um pouco de autoritarismo na sua maneira de pronunciar esse nome monossilábico, mas, nesse caso, era o grande

programador falando para um simples técnico.

– Aub! Quanto é nove vezes sete?

Aub hesitou um pouco. Seus olhos pálidos brilharam, ligeiramente ansiosos.

– Sessenta e três - disse ele.

O deputado Brant levantou as sobrancelhas.

– Ele acertou?

– Veja você mesmo, deputado.

O deputado tirou seu computador de bolso, apertou as teclas duas vezes, olhou para a superfície na palma de sua mão e guardou-o.

– É esse o talento que você trouxe para nos mostrar? Um ilusionista?

– Mais que isso, senhor. Aub decorou algumas operações e com elas faz cálculos num papel.

– Um computador de papel? - disse o general. Ele parecia aflito.

– Não senhor - disse Shuman pacientemente. - Não é um computador de papel. É um simples pedaço de papel. General, o senhor faria a gentileza de sugerir um número?

– Dezesete - disse o general.

– E o senhor, deputado?

– Vinte e três.

– Ótimo. Aub, multiplique esses números e, por favor, mostre a esses cavalheiros como você faz isso.

– Sim, programador - disse Aub, fazendo uma reverência com a cabeça. Tirou um bloco de um dos bolsos da camisa e do outro uma caneta de bico fino. Sua testa se enrugava enquanto desenhava meticulosamente no papel.

O general Weider interrompeu-o bruscamente.

– Deixe-me ver isso.

Aub entregou-lhe o papel.

– Bem, isso parece com o número dezesete - disse Weider.

O deputado Brant balançou a cabeça.

– Parece sim, mas eu acho que qualquer um pode copiar as figuras de um computador. Talvez até eu possa fazer um dezessete razoável, mesmo sem prática.

– Se vocês deixarem Aub continuar, cavalheiros - disse Shuman, sem se perturbar.

Aub continuou com as mãos um pouco trêmulas. Depois de algum tempo, disse em voz baixa:

– A resposta é trezentos e noventa e um.

O deputado Brant checkou de novo o computador. - Por Deus, é isso mesmo. Como ele adivinhou?

– Ele não adivinhou, deputado - disse Shuman. - Ele calculou o resultado nesse pedaço de papel.

– Conversa furada - disse o general, impaciente. - O computador é uma coisa, desenhos no papel são outra.

– Explique, Aub - pediu Shuman.

– Pois não, programador. Bem, eu escrevo dezessete, embaixo dele, escrevo vinte e três. Depois, digo comigo mesmo: sete vezes três...

– Só que o problema é dezessete vezes vinte e três interrompeu-o o deputado, cortês.

– Sim, eu sei - disse o pequeno técnico, num tom sério. Mas eu começo por sete vezes três, porque é assim que funciona. Agora, sete vezes três são vinte e um.

– Como é que você sabe isso? - perguntou o deputado.

– É uma questão de memória. É sempre vinte e um no computador. Já conferi um monte de vezes.

– Isso não quer dizer que vai ser assim para sempre, não? disse o deputado.

– Talvez não - gaguejou Aub. - Não sou matemático. Mas as minhas respostas sempre estão certas.

– Continue.

– Sete vezes três é vinte e um, então eu escrevo vinte e um. Depois, um vezes três é três e, então, escrevo o três embaixo do dois de vinte e um.

– Por que embaixo do dois? - perguntou de pronto o deputado.

– Porque.. - Aub olhou desesperado para o seu superior, como se estivesse pedindo ajuda. – É difícil de explicar.

– Se vocês aceitarem o seu trabalho por um momento, podemos deixar os detalhes para os matemáticos.

Brant se acalmou.

– Três mais dois é igual a cinco - disse Aub. - Então o vinte e um vira cinquenta e um. Você deixa isso de lado um pouquinho e começa de novo. Você multiplica sete por dois, que é catorze e um por dois, que dá dois. Se você colocá-los assim, isso vai dar trinta e quatro. Agora coloque o trinta e quatro embaixo do cinquenta e um dessa forma e faça a soma, então terá a resposta final, que é trezentos e noventa e um.

Houve um momento de silêncio.

– Não acredito nisso - disse o general Weider. - Ele vem com essa conversa furada e desenha os números, multiplica e soma dessa maneira, mas não acredito. Isso é muito complicado. Não passa de um truque.

– Não, senhor - disse Aub, ansioso. - Só parece complicado porque o senhor não está acostumado.

Na verdade, as regras são muito simples e funcionam com qualquer número.

– Qualquer número, hein? - disse o general. - Então, vamos ver. - Pegou o seu computador (um modelo GI de estilo austero)e apertou-o ao acaso. - Escreva cinco sete três oito no papel. Isto é cinco mil, setecentos e trinta e oito.

– Sim, senhor - disse Aub, pegando uma folha em branco.

– Agora - mais toques no seu computador - sete dois três nove. Sete mil, duzentos e trinta e nove.

– Sim, senhor.

– Agora, multiplique esses dois números.

– Isso vai demorar um pouco - disse Aub, com uma voz trêmula.

– Fique à vontade - disse o general.

– Vá em frente, Aub - disse Shuman, incisivo.

Aub pôs-se a trabalhar, inclinando-se para baixo. Virou outra página e mais outra. O general pegou o relógio e viu as horas.

– Você já terminou o seu número de magia, técnico?

– Estou terminando, senhor. Aqui está, senhor. Quarenta e um milhões, novecentos e trinta e sete mil, trezentos e oitenta e dois. Ele mostrou o resultado rabiscado no papel.

O general Weider sorriu amargamente. Ele pressionou o botão de multiplicação do seu computador e deixou os números rodopiarem até parar. Então ele olhou o resultado e gritou surpreso. - Grande Galáxia, esse cara está certo.

O Presidente da Federação Terrestre tinha adquirido uma expressão macilenta devido à longa permanência nos escritórios; nas audiências, ele permitia que uma expressão vagamente melancólica tomasse conta de suas feições. A guerra denebiana, depois de um breve começo de grande agitação e muita popularidade, tinha se restringido a uma sórdida questão de manobras e contramanobras, com o descontentamento crescendo continuamente na Terra. Provavelmente também estava crescendo em Deneb.

E agora, o deputado Brant, líder do importante Comitê de Apropriações Militares, estava alegre e entusiasmadamente desperdiçando a sua audiência falando barbaridades.

– Calcular sem um computador - disse o presidente, impaciente - é absolutamente impossível..

– Calcular - disse o deputado - é apenas um sistema de manipulação de dados. Uma máquina pode fazer isso, da mesma forma que a mente humana. Deixe-me dar-lhe um exemplo. E, usando as novas habilidades que tinha aprendido, desenvolveu somas e produtos até que o presidente, a despeito de sua desconfiança, se mostrou interessado. - Isso sempre funciona?

– Sempre, Sr. Presidente. É infalível.

– É difícil de aprender?

– Passei uma semana até pegar o macete. Acho que o senhor precisaria de menos tempo.

– Isso é um joguinho interessante - disse o presidente, depois de pensar um pouco. - Mas qual a sua utilidade?

– Qual a utilidade de um bebê recém-nascido, Sr. Presidente? Por enquanto, não tem nenhuma utilidade, mas o senhor não vê, isso aponta o caminho que libertará a máquina. Pense bem Sr.

Presidente. - O deputado se levantou e sua voz profunda automaticamente assumiu algumas das entonações que usava nos debates. - A guerra denebiana é uma guerra de computador contra computador. Os computadores deles produzem um escudo impenetrável de contramísseis contra os nossos mísseis, assim como os nossos fazem contra os deles. Quando modernizamos nossos computadores, eles também modernizam os deles, e há cinco anos existe um equilíbrio precário e inútil.

Agora temos em nossas mãos um método para ir além do computador, pular por sobre ele, ultrapassá-lo. Combinaremos a mecânica do computador com o pensamento humano; teremos o equivalente aos computadores inteligentes; bilhões deles. Não posso prever detalhadamente quais serão as conseqüências, mas elas serão incalculáveis. E, caso os denebianos se antecipem a nós nesse aspecto.. o resultado pode ser uma catástrofe.

- O que podemos fazer? - disse o presidente, preocupado.

- Colocar o poder da administração em favor de um projeto secreto de computação humana. Chame-o de Projeto Número, se quiser. Posso me responsabilizar pelo meu comitê, mas vou precisar do apoio da administração.

- Mas até onde a computação humana pode ir?

- Não há limites. De acordo com o programador Shuman, que me apresentou essa descoberta...

- Já ouvi falar de Shuman, é claro.

- Sim. Bom, o Dr. Shuman me disse que, teoricamente, não há nada que um computador faça que não possa ser feito pela mente humana. O computador apenas processa um número finito de dados e opera um número finito de operações a partir deles. A mente humana pode reproduzir esse processo.

O presidente pensou um pouco.

- Se Shuman diz isso, estou inclinado a acreditar nele... em teoria. Mas, na prática, como alguém pode saber como um computador funciona?

Brant sorriu cordialmente.

- Sr. Presidente, eu fiz a mesma pergunta. Ao que parece, houve uma época em que os computadores eram projetados diretamente pelos seres humanos. Eram computadores simples;

antecederam a época em que o uso racional dos computadores fez com que eles projetassem computadores mais avançados.

– Sim, sim. Continue.

– Aparentemente, o técnico Aub conseguiu, por puro lazer, reconstituir alguns desses velhos esquemas, estudou os detalhes do seu funcionamento e descobriu que podia copiá-lo. A multiplicação que acabei de fazer para o senhor é uma imitação do funcionamento de um computador.

– Surpreendente!

O deputado tossiu educadamente.

– Se posso fazer mais uma observação, Sr. Presidente... quanto mais pudermos desenvolver essa coisa, mais poderemos desviar nosso esforço federal da produção de computadores e de sua manutenção. Assim que o cérebro humano assumir o poder, nossas melhores energias poderão ser canalizadas para procurar a paz, e a influência da guerra nos homens comuns será menor. Isso será mais vantajoso para o partido no poder, é claro.

– Ah - disse o presidente. - Entendo o que você quer dizer. Bem, sente-se, deputado, sente-se. Preciso de algum tempo para pensar. Enquanto isso mostre-me esse truque da multiplicação de novo. Deixe ver se eu consigo pegar o macete.

O programador Shuman não tentou apressar o assunto. Loesser era conservador, muito conservador, e gostava de lidar com os computadores da mesma forma como seu pai e seu avô.

Mesmo assim, ele controlava o monopólio de computadores do oeste europeu; se conseguisse entusiasamá-lo com o Projeto Número, um passo muito grande seria dado.

Mas Loesser continuava com um pé atrás

– Não sei se gosto da idéia de afrouxarmos as nossas rédeas sobre os computadores. A mente humana é uma coisa caprichosa. O computador sempre nos dará a mesma resposta para o mesmo problema. Qual a garantia que temos de que com a mente humana será assim?

– A mente humana, Loesser, apenas manipula os fatos. Não importa se a mente humana ou a máquina faz isso. Elas são apenas instrumentos.

– Sim, sim. Acompanhei sua engenhosa demonstração de que a mente humana pode imitar o computador, mas isso me parece um pouco vago. Aceito a teoria, mas que razão nós temos para achar que a teoria será confirmada na prática?

– Acho que temos uma razão, senhor. Afinal de contas, os computadores não existiram sempre. O homem das cavernas, com suas trirremes, machados de pedra e estradas de ferro, não tinha computadores .

– E provavelmente não sabia calcular.

– Você sabe muito bem que sim. Até a construção de uma estrada de ferro ou de um zigurate requeria algum tipo de cálculo, e, como nós sabemos, isso foi feito sem computadores.

– Você está sugerindo que eles calculavam da mesma maneira que você me mostrou?

– Provavelmente não. Afinal de contas, esse método, que, a propósito, chamamos de "grafítico", da velha palavra européia graphos, que quer dizer "escrita"... esse método foi desenvolvido a partir dos próprios computadores, portanto não pode ter sido usado pelos primitivos. Ainda assim, o homem das cavernas deve ter tido algum método, não?

– Artes perdidas! Se você está falando de artes perdidas...

– Não, não é isso. Não sou um entusiasta das artes perdidas, embora não afirme que não exista nenhuma. Afinal, o homem comia cereais antes de aprender a fazer culturas hidropônicas, e se os primitivos comiam cereais, eles deviam cultivá-los no solo. De que outra forma poderiam ter conseguido?

– Não sei, mas só acreditarei em terra cultivada quando vir algum grão crescer no chão. Também só acreditarei que se faz fogo esfregando uma pedra na outra no dia em que me mostrarem que isso é possível.

Shuman tentou ser conciliador.

– Bem, vamos nos ater aos graníticos. Isto tudo faz parte do processo de eterificação. O transporte por meio de pesados equipamentos está sendo substituído por transferência direta de massa. Os instrumentos de comunicação se tornam cada vez mais leves e mais eficientes. Por causa disso, compare seu computador de bolso com aquelas engenhocas pesadas de mil

anos atrás. Então, por que não dar também o Último e definitivo passo, e abolir os computadores? Vamos, senhor, o Projeto Número é inevitável; ele está progredindo rapidamente. Mas queremos sua ajuda. Se o patriotismo não for suficiente para engajá-lo, pense na aventura intelectual que está em jogo.

– Que progresso? - disse Loesser com ceticismo. - O que você pode fazer além de multiplicar? Pode integrar uma operação transcendental?

– Dentro em breve, senhor, Dentro em breve. No mês passado, aprendi a dividir. Posso determinar, e corretamente, quocientes inteiros e quocientes decimais.

– Quocientes decimais? De quantas casas?

O programador Shuman tentou manter um tom natural.

– Qualquer número!

Loesser ficou de queixo caído.

– Sem um computador?

– Faça um problema.

– Dívida vinte e sete por treze. Em seis casas.

Cinco minutos depois, Shuman disse:

– Dois, vírgula, zero sete meia nove dois três.

Loesser conferiu.

– Isso é realmente fantástico. A multiplicação não me impressionou muito porque, afinal, isso envolvia números inteiros e acho que uma hábil manipulação pode conseguir isso. Mas decimais...

– E isso não é tudo. Há uma nova pesquisa em curso que até agora é ultra-secreta e que, falando sinceramente, não posso revelar. Mesmo assim... estamos perto de aprender a fazer uma raiz quadrada.

– Raiz quadrada?

– Ainda tem algumas coisas pendentes e não conseguimos acertar na mosca, mas o técnico Aub, o homem que inventou essa ciência e que tem uma incrível sensibilidade para a coisa, assegura que está prestes a resolver o problema. E ele é apenas um técnico. Um homem como o senhor, um matemático

talentoso e tarimbado, não encontraria tanta dificuldade.

– Raiz quadrada - resmungou Loesser, encantado.

– Raiz cúbica também. E então? Está conosco?

Loesser levantou a mão rapidamente.

– Pode contar comigo.

O general Weider marchava de um lado para o outro da sala e se dirigia aos ouvintes à sua frente como se fosse um professor ranzinza diante de uma turma de estudantes indóceis. Pouco lhe importava se eram os cientistas civis que coordenavam o Projeto Número. O general era um líder em todos os lugares e assim se comportava em todos os momentos de sua vida.

– Nenhum problema com as raízes quadradas, então - disse ele. - Eu mesmo não sei como fazê-las, mas já estão concluídas. Mesmo assim, não vamos interromper o projeto só porque já solucionamos os problemas que alguns de vocês consideram essenciais. Vocês podem fazer o que quiserem com os gráficos depois que a guerra acabar, mas, nesse exato momento, temos problemas específicos que precisam ser solucionados.

Num canto distante, o técnico Aub ouvia aflito. É claro que há muito tempo deixara de ser um técnico, tendo sido dispensado de suas tarefas e convocado a participar do projeto, com um título pomposo e um ótimo salário. Mas é claro que as diferenças sociais permaneciam e os líderes científicos, altamente classificados, jamais o aceitariam em seu meio ou o tratariam em pé de igualdade.

E Aub tampouco desejava isso. Sentia-se tão incomodado entre eles como eles se sentiam incomodados na sua presença.

– Nós só temos uma meta, cavalheiros - estava dizendo o general. - Substituir os computadores.

Uma nave que possa viajar pelo espaço sem um computador a bordo pode ser construída em um quinto de tempo e por um décimo dos custos de uma nave computadorizada. Poderíamos ter frotas especiais cinco ou dez vezes maiores do que as de Deneb se eliminássemos os computadores. E até vejo mais além disso. Talvez agora pareça loucura ou um simples sonho. Mas no futuro eu posso ver mísseis tripulados.

Houve um instantâneo murmúrio por parte da platéia.

O general prosseguiu:

– No momento, nosso problema principal é que a inteligência dos mísseis é limitada. O computador que os controla não pode alterar o rumo programado e, por essa razão, eles sempre acabam sendo detidos por antimísseis. Poucos mísseis, se é que algum consegue chegar a seu objetivo, e a guerra de mísseis está prestes a acabar; felizmente, tanto para o inimigo, como para nós. Por outro lado, um míssil com um ou dois homens dentro, controlando o vôo com graníticos, seria mais leve, mais ágil e mais inteligente. Isso nos daria uma vantagem que pode significar a vitória. Além disso, cavalheiros, as necessidades da guerra nos obrigam a lembrar de uma coisa. Um homem é mais descartável do que um computador. Mísseis tripulados podem ser lançados em maior número e sob circunstâncias que nenhum general empreenderia se usasse mísseis computadorizados.

Ele discorreu sobre muito mais coisas, mas o técnico Aub não esperou.

O técnico Aub, na intimidade dos seus aposentos, elaborou cuidadosamente sua carta de despedida. Ela dizia o que se segue: "Quando comecei a estudar o que agora chamam de graníticos, isso não passava de um passatempo. Nada mais do que um agradável passatempo, um exercício para a cabeça.

Quando o Projeto Número começou, achava que as pessoas fossem mais esclarecidas do que eu e que os graníticos poderiam ser usados para ajudar a humanidade, apoiando a modernização dos instrumentos necessários à transferência de massas. Mas agora vejo que ele só será usado para a morte e a destruição.

– Não posso suportar a responsabilidade de ter inventado os grafíticos.

Depois, virou contra si o foco do despolarizador de proteínas e morreu instantaneamente.

Eles se reuniram em torno do túmulo do pequeno técnico para prestar-lhe honra por sua notável descoberta.

O programador Shuman fez uma reverência com a cabeça, junto com os outros, mas continuou imóvel. O técnico tinha dado sua contribuição e não era mais necessário. Ele podia ter começado os graníticos, mas agora que o projeto já estava em andamento, iria se desenvolver automaticamente até triunfar, tornando os

mísseis tripulados uma realidade, juntamente com tantas outras coisas.

Nove vezes sete, pensou Shuman com orgulho, sessenta e três. Não precisava mais que um computador lhe dissesse isso. Sua própria cabeça era um computador. E isso lhe dava uma fantástica sensação de poder.

AFRESCO - Alastair Reynolds



No dia que os Azuis pararam de transmitir, o Zelador estava na sua ronda pelo Olho, cantarolando à toa, entre outros maçantes robôs de manutenção. Então quando a notícia chegou, parou imediatamente de cantarolar.

Próximo ao Olho - um vasto telescópio flutuando além da órbita de Júpiter - ficava um gigantesco tanque esférico que uma vez fora usado para guardar água para os humanos, durante a construção do Olho. Eles também tinham vivido dentro dele, em cabines pressurizadas cercadas pela água e que servia como escudo contra a radiação. Agora que haviam partido - há muito tempo partido - o tanque de cor azul meia-noite permanecera ali.

Como o Zelador tinha pensado certa vez, uma enorme e ampla tela vazia.

Até a chegada do Olho, nenhum rádio telescópio era sensível o bastante para identificar sinais de vida inteligente em meio ao ruído de fundo cósmico. Mas quando ligado, foi um tsunami de conhecimentos quase além da compreensão humana.

Ainda que as mensagens mostrassem que a humanidade permanecesse fundamentalmente sozinha. Todos os sinais tinham origem em outras galáxias, vindas de distâncias que beiravam o limite do Cosmos. Tinham sido enviadas há centenas de milhões de anos atrás, quando os dinossauros ainda eram uma nova idéia evolucionária.

Mas havia algo mais preocupador do que a solidão. A cada vez que o Olho selecionava uma nova transmissão, esta permanecia ativa por alguns poucos séculos, até silenciar-se de vez. O número de contatos permanecia praticamente constante, devido ao pulular de novas espécies que descobriam a rádio astronomia, mas estas também pareciam condenadas a durar somente um relativo e curto tempo, de algumas centenas de anos. Por alguns poucos e gloriosos séculos, podiam transmitir seu legado cultural aos céus, enriquecendo com conhecimento as outras culturas ouvintes.

Mas então - sempre acontecia de descobrirem algo mais interessante e que poderia ser feito com partículas subatômicas e então paravam de transmitir. Quase sempre sem aviso.

Isso nunca incomodou o Zelador.

Na manutenção do Olho, acabara achando que isso era quase inevitável para algumas destas culturas. Ele absorvia então suas histórias, fascinado por suas biologias e aparências.

Cantarolava suas músicas e refletia sobre suas artes. E esperava com profunda tristeza pelo dia, que sabia que iria chegar, o súbito urro vindo daquela parte do céu.

Moveu-se até a parte do Afresco onde estavam registrados os emissários da distante galáxia da constelação de Escultor. O Zelador havia marcado o tanque com finas linhas de latitudes e longitudes celestiais. Na precisa coordenada de transmissão daquela civilização, havia pintado uma galáxia espiral muito parecida com a sua, um redemoinho branco e ocre. Tinha sido uma das primeiras a ser pintada pelo Zelador, e apesar de ter ganho em pericia desde então - haviam outras melhor representadas por todo o Afresco - era notável um certo charme em seu esforço ao pintá-la. Dois terços para fora do centro, o Zelador havia marcado a localização da transmissão da cultura deste sistema solar.

Pensou neles: Os Azuis, seres tentaculares aquáticos com um sistema reprodutivo tão intrincado que precisara de décadas de trabalho para o Zelador poder determinar quantos sexos possuíam. Sua música era ainda mais desafiadora, soando numa primeira audição como um afogamento sincronizado. Mas o Zelador persistira e depois de algum tempo, podia ser achado cantarolando alguns trechos das composições mais acessíveis.

Mas agora haviam desaparecido.

Silêncio.

Com tristeza em seu coração - mas ao mesmo tempo incentivado pela execução de tal solene tarefa, e que sabia ser preciso ser feita - o Zelador preparou com precisão o azul meia-noite que seria necessário. Quando pronto, cuidadosamente salteou a galáxia com esquecimento, como um mestre restaurador removendo uma deformidade. O Zelador era muito bom em seu trabalho e quando terminado, não havia sequer sinal de que a

galáxia havia existido. O Afresco estava atualizado, mas não se passaria tanto tempo assim, até que tivesse que ser alterado novamente.

Duradoura é a arte, pensou.

E curta é a vida.

ANTIGAS MÁQUINAS - Michael Swanwick

– Planejando viver para sempre, Tiktok?

As palavras interromperam a conversa de bar e trouxe silêncio com elas. Um silêncio quase infinito e então - Acredito que está falando comigo? disse o mecanizado.

O bêbado riu – Tem mais alguém aqui enfiando agulhas na cara?

O velho viu tudo. De leve tocou na mão da jovem sentada ao lado dele e disse: – Observe isso.

Cuidadosamente o mecânico baixou sua seringa junto de uma garrafa de colágeno líquido sobre um pedaço de tecido aveludado. Desconectou-se do recarregador, deixando o plugue ao lado da seringa. Quando ergueu o rosto novamente, sua face era calma e rígida. Parecia com um jovem leão.

O bêbado riu-se desdenhoso.

O bar ficava bem no canto distante da entrada. Um refúgio à prova da irritação das ruas, todo de latão e espelhos e painéis de madeira, aconchegante como o interior de uma noz. Uma luz suave espalhava-se preguiçosa pela sala, criando uma variação de detalhes como nuvens cobrindo um dia de verão, mas longe de obscurecê-la.

O bar, as garrafas por detrás do bar, e as prateleiras sob as garrafas por detrás do bar, era tudo bastante real. Se havia algo virtual, estava longe dali, onde não poderia ser tocado.

– Se isso foi um desafio - disse o mecanizado – ficarei mais do que contente em encontrá-lo lá fora.

– Ah, não – respondeu o bêbado, sua expressão revelava a mentira em suas palavras – eu só vi você injetando esta meleca na cara, oh, tão delicado, parecia uma velha se enchendo de antioxidantes. Então pensei... – ele colocou uma mão sobre a mesa para se segurar – ...pensei que você esperasse viver para sempre.

A garota olhou para o velho como se fosse perguntar algo. Ele

colocou um dedo sobre os lábios.

– Bem, você está certo. Você tem... o que? Uns cinquenta anos? Mal começou a envelhecer e tornar-se decadente. Logo, logo seus dentes estarão podres e vão cair e seu cabelo vai desaparecer, sua face vai se encher com milhões de rugas. Sua audição e sua visão irão embora e não será capaz de lembrar-se de quando as possuía. Terá sorte se não precisar usar fraldas antes do fim. Enquanto eu... ele espirrou um filete do fluido de sua seringa e deu um tapinha na garrafa e bolhas subiram à superfície... 'tudo que puder falhar eu irei simplesmente repor. Então, sim, eu planejo viver para sempre, enquanto você, bem, suponho que esteja planejando morrer. Logo, eu espero.

O rosto do bêbado torceu-se e com um incoerente rugido de raiva atacou o mecanizado.

Rápido demais para poder ser visto, o mecanizado afastou-se, agarrou o bêbado e o ergueu por sobre sua cabeça. Uma de suas mãos pressionava a garganta do homem de modo que não podia falar. A outra mão juntava seus punhos presos por trás dos joelhos, e o bêbado não tinha como escapar.

– Poderia quebrar sua espinha fácil disse sem emoção - se quisesse poderia romper cada órgão interno de seu corpo. Sou dois ponto oito vezes mais forte do que um homem jovem e três ponto cinco vezes mais rápido. Meus reflexos só estão abaixo da velocidade da luz e acabei de ser regulado. Você não poderia ter escolhido uma pessoa pior para começar uma briga.

Então o bêbado foi solto e colocado de pé, tossindo procurando ar.

– Mas também sou um homem misericordioso, e pedirei gentilmente que vá embora.

O mecanizado empurrou o bêbado na direção da porta. O homem saiu correndo por ela.

Todos no local – e não eram muitos – estavam observando. Então se lembraram de seus drinques e a conversa voltou a encher o bar novamente. O barman guardou algo debaixo do balcão e voltou ao serviço.

Deixando sua recarga incompleta, o mecanizado guardou o kit de lubrificação em um bolso. Pagou e estava saindo, quando o

homem velho se aproximou e disse: - Ouvi dizer que espera viver para sempre, é verdade?

– Quem não espera? – respondeu curto e grosso.

– Então sente-se. Gaste alguns poucos minutos dos abundantes minutos que os séculos à sua frente lhe reservam e divirta um homem velho. O que é tão urgente para que você não possa gastar algum tempo?

O mecanizado hesitou. Então, quando a jovem sorriu para ele, ele se sentou.

– Obrigado. Meu nome é...

– Eu sei quem é você, Mister Brandt. – disse o mecanizado interrompendo-o. – Não há nada de errado com minha eidética (faculdade de evocar visualmente eventos passados.) Brandt sorriu: - É por isso que gosto tanto de vocês. Não preciso ficar lembrando-os das coisas. Fez um gesto em direção da jovem.

– Esta é minha neta. A luz se intensificara onde ela estava sentada, fazendo seu cabelo ruivo brilhar.

Ela sorriu graciosa.

– Sou Jack.– O jovem puxou uma cadeira. - Navegador-Fuego Quimera, modelo número...

– Por favor... Eu fundei a Quimera. Acha que não reconheço uma das minhas crianças?

Jack ficou vermelho. – Sobre o que quer falar comigo Mister Brandt? – sua voz era bem menos hostil agora, contra-hormônios sintéticos agiam para refrear suas emoções.

– Imortalidade. Achei sua ambição bastante intrigante.

– O que posso dizer? Eu me cuido, invisto cuidadosamente, compro meus upgrades. Não vejo razão pela qual não deveria viver para sempre. – e desafiadoramente continuou: – Espero que isso não o ofenda.

– Não, não, é claro que não. Porque deveria? Alguns homens procuram a imortalidade através do seu trabalho e outros através de seus filhos. Como eu poderia ser mais feliz do que ter a ambos? Mas me diga, realmente espera viver para sempre?

O mecanizado nada disse.

– Lembro de um incidente que ocorreu com meu falecido sogro, William Porter. Era um grande sujeito, Bill, e quem se lembra dele? Apenas eu. Mas ele era um pouco sem noção, um dia ele estava em uma excursão num museu de ciência que incluía uma antiga e magnífica locomotiva a vapor. Isso foi no século passado. Bem, ele estava ouvindo admirado a guia falar sobre as virtudes desta antiga máquina, quando ela mencionou sua data de fabricação e ele percebeu que era mais velho que ela. Neste ponto o velho Bill deu uma risada. Mas não havia nada para rir, certo?

– Não.

A neta estava sentada quieta prestando atenção e comendo aperitivos de uma vasilha.

– Quantos anos você tem Jack?

– Sete anos.

– Eu tenho oitenta e três. Quantas máquinas você conhece tão velhas quanto eu? Oitenta e três anos e ainda funcionando?

– Eu vi um carro outro dia – disse a neta - Um Dusenbergl. Vermelho.

– Maravilhoso. Mas ele não é mais usado para transporte, não é mesmo? Temos calçadas rolantes agora. Eu ganhei um prêmio certa vez, feito da válvula de um Univac. Ele foi o primeiro e verdadeiro computador. Apesar de toda a fama e importância histórica não passava de ferro velho.

– O Univac – disse o jovem – não podia agir por conta própria. Se pudesse talvez estivesse vivo hoje.

– Peças se quebram.

– Peças novas podem ser compradas.

– Sim, enquanto existe mercado para elas. Mas existem tão poucas pessoas mecânicas do seu modelo. E muitos de vocês estão em profissões de risco. Acidentes acontecem e a cada acidente, o mercado de consumo diminui.

– Pode-se comprar peças antigas. E pode pedir que alguém as fabrique.

– Sim, se puder pagar por isso. Mas e se não puder?

O jovem ficou calado.

– Filho, você não irá viver para sempre. Precisamos estabelecer isso. Então, quando admitir que morrerá algum dia, você deve admitir também que será mais cedo do que tarde. As pessoas mecânicas estão em sua infância. E ninguém pode transformar um modelo T numa esteira rolante, concorda?

Jack fez que sim.

– Você já sabia disso.

– Sim.

– É por causa disso que você agia daquele jeito.

– Sim.

– Vou ser direto aqui Jack – você provavelmente não vai viver oitenta e três anos. Você não tem as vantagens que tenho.

– E quais são elas?

– Bons genes. Eu escolhi meus ancestrais muito bem.

– Bons genes disse Jack amargamente. - Você recebeu bons genes e o que o que diabos eu recebi no lugar disso?

– Juntas de molibdênio e aço inoxidável. Chips de rubi de zircônio – ora, fizemos tudo de melhor para vocês garotos.

– Mas não o bastante!

– Não. Não é. Apenas o melhor que podíamos.

– Qual a solução então? – perguntou a neta sorrindo.

– Eu os aconselharia a tomar o caminho mais longo. Foi o que eu fiz.

– Tolices! – disse o mecanizado. – Você foi do movimento extensionista quando jovem. Eu baixei a sua biografia. Me parece que queria a imortalidade tanto quanto eu.

– Ah sim, fui um membro do movimento pela extensão da vida. Não pode imaginar as porcarias que colocávamos em nossos corpos. Mas um dia eu desisti. O problema é que a informação se deteriora com o tempo, na medida em que a célula humana se reproduz. A morte é inerente para pessoas de carne. Parece ter sido escrita em nosso programa básico, um meio talvez de manter o universo livre de velhos.

– E idéias velhas – disse a neta maliciosamente.

– Touché! Percebi que estender a vida era um erro. Então decidi que meus meninos poderiam ter sucesso onde eu fracassei. Que vocês iriam...

– Você falhou.

– Mas não parei de tentar. O velho socou a mesa ao mesmo tempo em que disse a frase. - Vamos pensar no que eu deveria ter feito. Como seria um verdadeiro imortal? Que instruções eu deveria ter dado ao meu time de desenhistas? Vamos fazer um homem mecânico que irá viver para sempre!

Com cuidado o mecanizado disse: - Era o jeito óbvio de começar. Ele deveria ser capaz de poder comprar partes novas quando estivessem disponíveis. Deveriam haver adaptadores para tornar fácil ajustar-se tecnologicamente. Deveria poder viver sob condições de extremo calor, frio ou umidade e... fez um gesto com a mão sobre o rosto - ...não deveria ser tão feio.

– Acho você bonito disse a neta.

– Tá, mas isso aqui deveria se passar por carne.

– Então seu hipoteticamente imortal deveria... um, poder receber upgrades infinitos, dois, capacidade de se adaptar a um vasto espectro de condições e três, ser discreto. Algo mais?

– Acho que ela deveria ser charmosa disse a neta.

– Ela? – perguntou o mecanizado.

– Por que não?

– Não seria ruim - disse o velho. - O organismo que sobrevive às forças evolucionárias é aquele melhor adaptado do nicho ambiental. O nicho ambiental em que vivem as pessoas é feito pelo homem. Qual o traço mais útil para um sobrevivente do que provavelmente a habilidade de se relacionar bem com os homens. O que seria melhor que uma mulher?

– Oh, ele não gosta de mulheres. Posso ver pela sua expressão corporal – disse a neta.

O jovem ficou corado.

- Não se ofenda disse o velho. - Você nunca deveria se ofender com a verdade. E quanto a você... – virou se para a jovem – se não passar a tratar as pessoas melhor, não a levarei mais a lugares assim.

Ela abaixou a cabeça e pediu desculpas.

– Desculpas aceitas. Mas podemos voltar ao assunto? Nosso hipotético imortal pareceria com uma mulher, de várias maneiras. Poderia se auto-regenerar. Fazer crescer partes de reposição sozinha. Poderia usar quase tudo como combustível. Um pouco de carbono, água...

– Álcool seria uma excelente idéia – disse a neta.

– Seria capaz de mimetizar efeitos superficiais de envelhecimento disse o mecanizado. A vida biológica evolui através das gerações. Quero que ela possa ser capaz de se desenvolver ao longo dos upgrades.

– É justo. O que eu faria seria acabar com os upgrades inteiramente, e daria a ela controle consciente de seu corpo todo. Assim ela poderia mudar e evoluir à vontade. Ela precisaria disso para sobreviver ao colapso da humanidade.

– O colapso da humanidade? Acho que vai acontecer?

– Em um longo tempo? É claro. Se for olhar para o futuro parece inevitável. Tudo parece inevitável.

– Para sempre é um longo tempo, lembre-se. Tempo suficiente para absolutamente tudo poder acontecer.

Por um momento ninguém falou.

Então o velho bateu as palmas das mãos uma contra a outra. - Bem, criamos nossa Nova Eva. Vamos então soltá-la ao vento e ver até onde ela poderá ir. Ela poderá viver quanto tempo?

– Para sempre – disse o mecanizado.

– Para sempre é muito tempo. Vamos partir em unidades menores. No ano 2500 ela estará fazendo o que?

– Trabalhando em um emprego – disse a neta. - Design de moléculas artísticas, talvez, ou escrevendo alucinações recreativas. Estará intensamente envolvida com a cultura. Terá muitos amigos dos quais cuidará com carinho e talvez um marido ou uma esposa ou duas.

– Que envelhecerão – disse o mecanizado - e morrerão.

– Ela irá lamentar-se por eles e seguir vivendo.

- No ano 3500. O Colapso da civilização. – Anunciou o velho

com prazer. - Então o que ela fará?

- Ela irá se preparar, é claro, se houver radiação ou toxinas no meio-ambiente, irá tornar seu sistema imune contra os efeitos. E se tornará útil para os sobreviventes. Como mais velha poderá ensinar as artes de cura. Irá aos poucos ensinando-os isso ou aquilo. Ela terá uma base de dados contendo tudo que eles perderam. Aos poucos, elas os guiará de volta a civilização. Mas para uma civilização pacífica desta vez. Uma que não irá querer se destruir.

- Ano um milhão. A humanidade evolui para um estado que não podemos hoje imaginar. Como ela responde a isso?

- Ela acompanha a evolução - Não. Ela dá forma à evolução da humanidade. Ela vai optar por um método livre de riscos para alcançar as estrelas, então ela irá encorajar um tipo de ser que desejará fortemente tal coisa. Ela não estará entre os primeiros a fazê-lo, penso. Esperará algumas centenas de gerações para experimentar.

O mecanizado que tinha estado ouvindo fascinado em silêncio agora disse: - Suponha que nunca aconteça? O vôo estelar será sempre difícil e perigoso? Então o que acontece?

- Antigamente diziam que o homem nunca voaria. Muita coisa que parece impossível se torna simples se você puder esperar por ela.

- Quatro bilhões de anos. O sol queima todo seu hidrogênio, a atmosfera entra em colapso, fusões de hélio se iniciam e o sol se torna uma gigante vermelha. A Terra é vaporizada.

- Ela estará em alguma parte então. Fácil.

- Cinco bilhões de anos. A Via Láctea colide com a galáxia de Andrômeda e toda vizinhança de torna altamente radioativa e as estrelas explodem.

- Esta é mais interessante. Ela já tinha previsto e estará a alguns milhões de anos luz distante em uma galáxia amigável. Ela terá tempo bastante para se preparar. Tenho fé que provará estar preparada para tal.

- Um trilhão de anos. A última estrela se apaga. Restarão apenas buracos negros.

- Buracos negros são uma fonte espetacular de energia. Nenhum

problema.

– 1,06 googol anos.

– Googol?

– É dez elevado a centésima potência – um, seguido de cem zeros. A morte do universo. Como ela poderia sobreviver a isso?

– Ela já teria percebido que isso se aproximava disse o mecanizado.

– Quando o último buraco negro desaparecer, não haverá mais energia disponível. Talvez ela precise reescrever sua personalidade pelas constantes físicas do universo moribundo - Seria possível?

– Oh, talvez. Mas eu realmente penso que a vida do universo é algo longa o bastante para qualquer um. Disse a neta. - Ela não seria gananciosa.

– Talvez sim disse pensativo o velho. - Talvez não e então disse ao mecanizado: - Então aí está, uma espiadela no futuro e uma breve biografia do primeiro imortal, que termina, aliás, com sua morte. Agora me diga, sabendo que contribuiu com algo, mesmo que pequeno, para esta realização – isso não seria o bastante?

– Não disse Jack. - Não seria.

Brandt fez uma careta.

– Bem, você é jovem. Deixe-me perguntar isso: Tem sido uma boa vida?

– Não tão boa. Não boa o bastante.

Por um longo tempo o velho ficou em silêncio, então disse: - Obrigado. Apreciei nossa conversa. – O interesse se fora de seus olhos e ele desviou sua atenção.

Sem saber o que fazer Jack olhava para a neta, que sorriu e deu de ombros: - Ele é assim mesmo. Ele é velho. Seu entusiasmo varia de acordo com seu equilíbrio químico. Espero que não se importe.

– Entendo disse o jovem ficando de pé e depois seguiu para a porta.

Chegando à porta, olhou para trás e viu a neta rasgando o guardanapo de linho em pequenas tiras e comendo os retalhos

delicadamente com a ajuda de pequenos goles de vinho.

APÓLOGOS – Ambrose Bierce



O ENGENHOSO PATRIOTA

Tendo obtido uma audiência com o Rei, o Engenhoso Patriota tirou um papel do bolso, dizendo:

– Com o favor de Vossa Majestade, tenho aqui uma fórmula para a construção de blindagens que arma nenhuma conseguirá perfurar. Se essas blindagens forem adotadas pela Marinha Real, nossos navios se tornarão invulneráveis e, portanto, invencíveis. Aqui estão, pois, atestados dos Ministros de Vossa Majestade, comprovando o valor da invenção. Partirei depois de receber, por meus direitos, a quantia de um milhão de tantãs.

O Rei examinou os papéis e os colocou de lado, prometendo passar uma ordem de um milhão de tantãs ao Excelentíssimo Senhor Tesoureiro do Departamento de Extorsões.

– E aqui – disse o Engenhoso Patriota, sacando outro papel do bolso – estão esboços de uma arma que inventei, a qual perfurará essas blindagens. O irmão de Vossa Majestade, o Imperador de Cabum, parece ansioso por adquiri-la, mas a lealdade ao trono e à pessoa de Vossa Majestade me obrigam a oferecê-los primeiro a Vossa Majestade. O preço é de um milhão de tantãs.

Recebendo a promessa de outro cheque, enfiou a mão num terceiro bolso, anunciando:

– O preço dessa arma irresistível seria muito maior, Majestade, mas pelo fato de que seus petardos podem ser facilmente evitados por meio de um método de tratar blindagens com um novo...

– Dêem busca nesse homem – disse o Rei – e confirmem quantos bolsos ele tem.

– Quarenta e três, Sir – disse o Grande Faz-Tudo Geral, ao terminar o escrutínio.

– Com a graça de Vossa Majestade – gritou o Engenhoso Patriota, aterrorizado – um deles contém tabaco.

– Segurem-no pelos tornozelos e chacoalhem-no – disse o Rei. – Então, dêem-lhe um cheque de quarenta e dois milhões de tantãs e mandem matá-lo. Publiquem um decreto declarando a engenhosidade ofensa capital.

OS CRÍTICOS

Durante o banho, Antínoo foi visto por Minerva, a qual se enamorou tanto de sua beleza que, toda armada como costumava andar, desceu do Olimpo para cortejá-lo. Mas, mostrando acidentalmente seu escudo adornado com a cabeça da Medusa, teve a infelicidade de ver o belo mortal converter-se em pedra quando este a olhou. Imediatamente, subiu até Jove para lhe pedir que o restabelecesse. Porém, antes que isso fosse feito, um Escultor e um Crítico passaram por ali e viram o jovem.

– Este é um Apolo muito ruim – disse o Escultor. – O tronco é estreito demais, e um dos braços é pelo menos meia polegada mais curto do que o outro. O gesto é pouco natural e, pode-se dizer, impossível. Ah, meu amigo, você devia ver minha estátua de Antínoo.

– A meu ver, a figura – disse o crítico – é passavelmente boa, embora bastante etrusca, mas a expressão do rosto é decididamente toscana, e portanto infiel à natureza. Aliás, você leu minha obra - A falácia do aspectual na arte”?

OS DOIS POETAS

Dois poetas disputavam a Maça da Discórdia e o Osso da Controvérsia, pois estavam famintos.

– Meus filhos – disse Apolo –, repartirei os prêmios entre vocês. Você – disse ao Primeiro Poeta –, excelente em Arte, tome a Maça. E você – disse ao Segundo Poeta –, em Imaginação, tome o Osso.

– Para a Arte o melhor prêmio! – disse triunfalmente o Primeiro Poeta. E, ao tentar devorar seu prêmio, quebrou todos os dentes. A Maça era uma obra de Arte.

– Isso mostra o desprezo de nosso Mestre pela mera Arte – disse o Segundo Poeta, sorrindo.

Logo em seguida, tentou morder o Osso, mas seus dentes passaram através dele sem encontrar resistência. Era um Osso imaginário.

O PRINCÍPIO MORAL E O INTERESSE MATERIAL

Um Princípio Moral deparou com um Interesse Material sobre uma estreita ponte que só permitia a passagem de um deles.

– Abaixei-se, coisa do chão! – trovejou o Princípio Moral – e deixe-me passar em cima de você.

O Interesse Material apenas olhou o outro nos olhos, sem dizer nada.

– Ah! – disse o Princípio Moral, hesitante – vamos tirar a sorte para ver quem se afastará de modo que o outro passe.

O Interesse Material manteve seu olhar resolutivo e seu silêncio inalterado.

– Para evitar conflitos – continuou o Princípio Moral, com certo desconforto –, eu me abaixarei e deixarei que você passe em cima de mim.

Então o Interesse Material achou a língua, que por estranha coincidência era a sua própria língua.

– Não acho que você seja uma boa calçada – disse. – Tenho certas reservas quanto àquilo que está debaixo de meus pés. Que tal se você pulasse na água...

Assim sucedeu.

A MÁQUINA VOADORA

Um Homem Engenhoso, que tinha construído uma máquina voadora, convidou grande multidão de pessoas para vê-la levantar vôo. Na hora marcada, com tudo pronto, ele ocupou o compartimento e deu partida. A máquina desabou imediatamente sobre a enorme estrutura em que estava apoiada, sumindo de vista sob a terra. O aeronauta teve tempo apenas de saltar fora e escapar.

– Bem – disse –, foi o suficiente para mostrar a correção de meus detalhes. Os defeitos – acrescentou, com uma vista de olhos à ruína de tijolos – são meramente de base e de fundamentos.

Após essa assertiva, as pessoas fizeram uma subscrição para construir uma segunda máquina.

A LÁGRIMA DO ANJO

Um Homem Indigno, que tinha rido das dores de uma Mulher a quem amava, estava chorando sua indiscrição com muitas lágrimas de arrependimento, quando o Anjo da Compaixão baixou os olhos sobre ele, dizendo:

– Pobre mortal! Que desgraça não saber o quanto é perverso rir das desgraças alheias!

Ao dizer isso, deixou rolar uma grande lágrima, a qual, encontrando na queda uma corrente de ar frio, se congelou num enorme granizo. Este foi bater na cabeça do Homem Indigno, fazendo-o esfregar vigorosamente com uma mão o órgão avariado, enquanto com a outra tentava sem sucesso abrir um guarda-chuva.

Ao que o Anjo da Compaixão gargalhou muito vergonhosa e perversamente.

AS ABOMINAÇÕES DE YONDO – Clark Ashton Smith

A areia do deserto de Yondo não é como a areia de outros desertos, pois Yondo é aquele que está mais próximo dos extremos do mundo; e estranhos ventos, provenientes de um golfo que nenhum astrônomo jamais sondou, esparramaram sobre os seus campos devastados a poeira cinzenta de planetas corroídos, as cinzas negras de sóis extintos. As montanhas escuras e ovaladas que se elevam de sua superfície escavada, rugosa, não lhe pertencem de todo, pois algumas são asteróides caídos, meio sepultos na areia abismal. Algumas coisas vieram rastejando dos espaços inferiores, nos quais os deuses de todas as terras decentes e bem ordenadas proibem incursionar; mas não existem tais deuses em Yondo, onde vivem os gênios vetustos de estrelas abolidas e demônios decrépitos que perderam o lar com a destruição de infernos antiquados.

Foi no entardecer de um dia de primavera que emergi daquela interminável floresta de cactos na qual os inquisidores de Ong me haviam abandonado, e vi aos meus pés os começos cinzentos de Yondo. Repito: foi no entardecer de um dia primaveril; mas naquela mata fantástica eu não encontrara o menor indício ou lembrança de primavera; e as elevações inchadas, fulvas, mortíferas e meio podres através das quais eu abrisse caminho não eram como os outros cactos; antes, exibiam formas tão abomináveis que mal se poderia descrever. O próprio ar pesava com os odores estagnados da decadência; e líquens leprosos manchavam com frequência cada vez maior o solo negro e a vegetação castanho-vermelha. Víboras verde-claras erguiam suas cabeças de cactos prostrados e me observavam com olhos de um brilho ocre, destituídos de pupilas ou pálpebras. Essas coisas me inquietaram durante horas; e desgostaram-me os fungos monstruosos, dotados de apêndices descoloridos e cabeças infirmes, de repulsiva cor malva, que brotavam dos lábios úmidos de fétidos poços; e as ondulações sinistras que surgiam e desapareciam sobre a água amarela quando me aproximei não pareciam encorajadoras para alguém cujos nervos ainda estavam tensos de indizíveis torturas. Então, quando até mesmo os cactos

manchados e doentios se tornaram escassos ou nanicos, e veios de areia cinzenta serpenteavam entre eles, comecei a suspeitar de quão enorme fora o ódio que minha heresia despertou entre os sacerdotes de Ong e fiz idéia da extrema malignidade de sua vingança.

Não entrarei em detalhes quanto às indiscrições que me levaram – um desprevenido estrangeiro de terras distantes – de encontro ao poder desses mágicos e mistagogos temíveis, que servem a Ong, o que tem cabeça de leão. É doloroso recordar essas indiscrições e os pormenores de meu aprisionamento; e aquilo que menos quero lembrar são os estiradores de tripa de dragão cobertos com pó de diamante onde os homens são estendidos nus, ou aquele cômodo escuro, com janelas de seis polegadas junto ao chão por onde vermes gordos entravam às centenas, vindos de uma catacumba próxima. Basta dizer que, após terem gasto os recursos de sua medonha fantasia, meus inquisidores me trouxeram vendado, em lombo de camelo, durante horas incontáveis, para abandonar-me ao primeiro clarão da aurora naquela floresta sinistra. Estava livre, disseram-me, para ir aonde quisesse; e, como prova da clemência de Ong, deram-me uma côdea de pão áspero e uma garrafa de couro contendo água intragável, à guisa de provisão. Foi na tarde daquele mesmo dia que alcancei o deserto de Yondo.

Até então, eu não pensara em retornar, não obstante os terrores desses cactos apodrecidos ou as coisas malignas que viviam entre eles. Agora, parei, conhecendo as lendas abomináveis da terra para a qual viera, pois Yondo é um lugar aonde apenas uns poucos tinham ido de sã consciência e por vontade própria. Menos numerosos ainda foram os que retornaram – balbuciando acerca de horrores desconhecidos e estranhos tesouros; e a eterna paralisia que faz tremer os seus membros emaciados, junto com o brilho louco de seus olhos em sobressalto, por baixo de frontes e pálpebras descoradas, não serve de incentivo para os outros.

Assim foi que hesitei no limiar dessas areias cinzentas e senti o tremor de um novo medo invadir-me as entranhas. Seria horrendo prosseguir, e horrendo retornar, pois eu estava certo de que os sacerdotes tinham se preparado para esta última eventualidade. Então, após um instante, continuei a andar,

cantarolando baixo a cada passo, e seguido por alguns insetos de pernas compridas que encontrara entre os cactos. Esses insetos tinham a cor de cadáveres de uma semana e eram do tamanho de tarântulas; mas, quando me voltei e pisei no que vinha à frente, um cheiro mefítico se exalou, o qual me pareceu mais nauseante até do que a própria cor. A partir de então, passei a ignorá-los o mais que podia.

Com efeito, tais coisas erram horrores menores no meu infortúnio. À minha frente, sob um sol imenso, de um escarlate doentio, Yondo se estendia interminável, tal como a terra de um sonho de haxixe, contra o escuro do céu. Ao longe, na fímbria mais distante, jaziam aquelas montanhas ovaladas que mencionei; mas em meio estavam os horríveis vazios de desolação cinzenta e colinas baixas, desnudas, semelhantes a dorsos de monstros semi-sepultos. Lutando para avançar, avistei grandes poços onde meteoros afundaram, e jóias multicores que eu não saberia nomear brilhavam e cintilavam sobre a poeira. Havia ciprestes caídos que apodreciam junto a mausoléus arruinados, sobres cujos mármore manchados de líquens se arrastavam camaleões gordos levando pérolas reais em suas bocas. Escondidas pelas cristas mais baixas, havia cidades das quais sequer uma estela jazia intacta – cidades vastíssimas, imemorais, desintegrando-se, de fragmento em fragmento, de átomo em átomo, para alimentar infinitos de desolação.

Arrastei os membros exaustos de tortura através de vastos montes de ruínas que um dia foram templos imponentes; e deuses caídos franziam o cenho em meio ao arenito decadente ou miravam de entre o pórfiro despedaçado aos meus pés. Sobre tudo pairava um silêncio mau, interrompido apenas por um gargalhar satânico de hienas, um ciciar de cobras por entre as moitas de espinheiros mortos ou antigos jardins consumidos pela urtiga e pela fumária.

No topo de um dos muitos platôs em forma de monte, vi as águas de um lago estranho, insondavelmente escuro e verde como malaquita, das quais surgiam refulgentes depósitos de sal. Essas águas estavam muito abaixo de mim, numa abertura em forma de xícara, mas quase junto aos meus pés, sobre as encostas gastas pelas águas, havia montes daquele sal antigo; e compreendi que o lago nada mais era que os resíduos amargos e

escassos de algum mar. Descendo, aproximei-me das águas escuras e comecei a lavar as mãos; mas havia uma ardência cortante e corrosiva naquela água salobra e imemorial, e logo desisti, preferindo o pó do deserto que me envolvia como um lento sudário. Decidi descansar por um momento; e a fome forçou-me a consumir parte da ração minguada e risível que os sacerdotes me deram. Era minha intenção prosseguir, se minhas forças o permitissem, e alcançar as terras ao norte de Yondo.

Essas terras são desoladas, por certo, mas sua desolação é de um tipo mais comum do que aquela de Yondo; e sabe-se que certas tribos de nômades as visitavam ocasionalmente. Se a fortuna me favorecesse, eu poderia juntar-me a uma dessas tribos.

A ração escassa me reanimou; e, pela primeira vez em semanas das quais eu perdera a noção, ouvi o sussurro de uma débil esperança. Os insetos de cor cadavérica há muito deixaram de me seguir; e depois deles, a despeito do silêncio sepulcral e tétrico e dos montes de poeira de ruínas intemporais, eu nada encontrei que fosse tão horrível. Comecei a pensar que os terrores de Yondo tinham sido exagerados. Foi então que ouvi uma risota diabólica na colina acima. O som começou com uma subitaneidade aguda que me estarreceu para além de qualquer razão e continuou, indefinidamente, sem jamais variar numa nota sequer, tal como o riso de um demônio idiotizado. Voltei-me e vi a boca de uma caverna escura denteada de estalactites verdes, que eu não percebera antes. O som parecia vir de dentro da caverna.

Com uma atenção medrosa, olhei através da abertura negra. O riso tornou-se mais alto, mas por um instante nada vi. Finalmente, percebi um fulgor esbranquiçado na escuridão; então, com a velocidade de um pesadelo, uma Coisa monstruosa emergiu.

Seu corpo era pálido, sem pêlos, em forma de ovo e volumoso como o de uma cabra prenha; e esse corpo era amparado por nove pernas trêmulas, com muitas junções, como as pernas de uma aranha descomunal. A criatura passou por mim, correndo até a margem da água; e vi que não havia olhos em sua face estranhamente oblíqua; mas duas orelhas compridas, em forma de facas, se elevavam de sua cabeça; e um focinho fino, rugoso, pendia sobre a boca, cujos lábios flácidos, abertos naquele

gargalhar eterno, deixavam ver fileiras de dentes de morcego. Bebeu da água amarga, ácida, e então, satisfeita a sede, voltou-se e pareceu notar minha presença, porquanto o focinho rugoso se ergueu e apontou em minha direção, farejando alto. Se a criatura fugiria ou se intentava atacar-me nunca saberei; pois, sem poder suportar por mais tempo essa visão, pus-me a correr, as pernas tremendo, por entre as grandes elevações e as grandes jazidas de sal à margem do lago.

Totalmente sem fôlego, parei afinal e vi que não fora seguido. Sentei-me, ainda tremendo, à sombra de uma elevação, mas apenas para obter um breve descanso, pois aí começou a segunda dessas aventuras bizarras que me obrigaram a crer em todas as lendas insanas que ouvira. Mais estarrecedor do que aquela risota diabólica foi o grito que ecoou junto ao meu cotovelo, surgido da areia salina – o grito de uma mulher possuída por uma agonia atroz ou atacada por demônios. Voltando-me, deparei-me com uma verdadeira Vênus, de uma brancura perfeita, mas imersa até o umbigo na areia.

Seus olhos, arregalados de terror, imploravam-me e suas mãos de lótus se estendiam num gesto de súplica. Saltei para junto dela – e toquei uma estátua de mármore, cujas pálpebras esculpidas estavam imersas numa sonho enigmático de ciclos extintos e cujas mãos estavam enterradas junto com a graça perdida dos quadris e das coxas.

Novamente fugi, tomado pelo terror, e novamente ouvi o grito de uma mulher em agonia. Mas desta vez não me voltei para ver os olhos e as mãos suplicantes.

Subindo a longa encosta ao norte daquele lago maldito, tropeçando em meio às elevações de basalto e às arestas cortantes, recobertas por metais esverdeados, avançando por entre poços de sal ou sobre terraços esculpidos pelas águas evanescentes em éons ancestrais, fugi como um homem foge de um sonho sinistro a outro sonho numa noite demoníaca. Às vezes, soava um sussurro frio junto à minha orelha, que não era causado pelos ventos da fuga; e, olhando para trás, enquanto alcançava um dos terraços mais elevados, percebi uma sombra singular que corria no mesmo ritmo que a minha. Essa sombra não era a sombra de um homem, nem de um macaco, nem de nenhum animal conhecido; a cabeça era grotesca e alongada

demais, o corpo demasiadamente arqueado, e eu não pude determinar se a sombra tinha cinco pernas ou se o que me pareceu ser a quinta era apenas uma cauda.

O terror me restituiu as forças; e só quando alcancei o topo da colina é que tive coragem de olhar para trás outra vez. Mas a sombra fantástica ainda me seguia passo a passo; e agora me chegava um odor curioso e nauseante, medonho como o odor de morcegos que tivessem pendido num matadouro em meio a montes de podridão. Corri por léguas, enquanto o sol vermelho se punha lá adiante, por sobre as montanhas dos asteróides, a oeste; mas, embora tivesse o comprimento da minha, a estranha sombra mantinha sempre a mesma distância atrás de mim.

Uma hora antes do pôr-do-sol, cheguei a um círculo de pequenos pilares que jaziam miraculosamente intactos em meio a ruínas que eram como uma vasta pilha de cacos. Ao passar por entre os pilares, ouvi um gemido, tal como o gemido de um animal feroz, entre a raiva e o medo, e vi que a sombra não me seguira para dentro do círculo.

Parei e aguardei, conjecturando ter encontrado um santuário onde meu indesejável acompanhante não se atreveria a penetrar; o que a ação da sombra confirmou, pois a Coisa hesitou e então correu em volta do círculo, parando às vezes entre dois pilares; e por fim, sem deixar de gemer, fugiu e desapareceu no deserto, no rumo do sol poente.

Durante meia hora, não ousei me mexer; então, a iminência da noite, com todas as suas promessas de renovado terror, forçou-me a prosseguir desesperadamente em direção ao norte; pois agora eu estava bem no coração de Yondo, onde poderiam habitar demônios ou fantasmas que talvez não respeitassem o santuário das colunas intactas. Agora, enquanto eu avançava, a luz do sol mudava estranhamente; pois o globo vermelho próximo ao horizonte irregular afundava e ardia num cinturão de névoa miasmática, onde a poeira erguida de todos os templos e necrópoles destruídos de Yondo se misturava aos vapores aziagos que subiam para o céu, exalando de enormes golfos negros que jaziam para além da orla mais extrema do mundo. A essa luz, a vasta desolação, as montanhas redondas, as colinas serpenteantes, as cidades perdidas eram banhadas num escarlate fantasmal e escuro.

Então, do norte, onde as sombras se adensavam, veio surgindo a figura curiosa de um homem alto, inteiramente coberto por uma cota de malha – ou, antes, o que pensei ser um homem. Quando a figura se aproximou, produzindo ruídos pressagos a cada passo que dava sobre o solo coberto de cacos, vi que sua armadura era feita de bronze salpintado de verde; e um elmo desse mesmo metal, guarnecido de chifres espiralados e de uma crista, se elevava bem alto sobre sua cabeça. Digo sua cabeça, pois a escuridão aumentava, e eu nada podia ver claramente; mas, quando a aparição chegou mais perto, percebi que não havia face alguma por detrás da viseira do capacete bizarro cujos contornos se delinearam por um momento contra a luz evanescente. Então a figura passou e, chocalhando funestamente, desapareceu.

Mas, em seus calcanhares, antes que o pôr-do-sol se completasse, veio uma segunda aparição, dando incríveis passadas e parando quase junto de mim sob o crepúsculo vermelho – a monstruosa múmia de algum rei antigo, ainda coroado num ouro sem manchas, mas impondo ao meu olhar uma visão que mais do que o tempo ou os vermes haviam devastado. Bandagens partidas adejavam em torno às pernas de esqueleto, e, sobre a coroa cravejada de safiras e rubis alaranjados, alguma coisa negra se mexia e balançava horivelmente; mas, por um instante, sequer sonhei com o que poderia ser. Então, no meio dela, dois olhos oblíquos e vermelhos se abriram e brilharam como brasas infernais, e dois caninos ofídicos cintilaram numa boca de macaco. Uma cabeça achatada, sem pêlos, disforme sobre um pescoço de extensão desproporcional abaixou-se, indizivelmente, e sussurrou ao ouvido da múmia. Então, com uma passada, o morto-vivo titânico encurtou pela metade a distância que nos separava, e de entre as dobras esfarrapadas do tecido mofado, um braço esquelético surgiu, e dedos descarnados, aduncos, carregados de gemas brilhantes, se ergueram e tentaram agarrar minha garganta.

De volta, de volta através de éons de loucura e terror, num vôo precipitado, vertical, corri e me afastei desses dedos que se erguiam sempre atrás de mim na escuridão; de volta, de volta para sempre, sem pensar, sem hesitar, de volta a todas as abominações por que passara, de volta, no espesso crepúsculo, às ruínas fragmentadas, inomináveis, ao lago assombrado, à

floresta dos cactos malignos, e aos inquisidores cruéis e cínicos de Ong, que aguardavam o meu retorno.

BELA, ELA AVANÇA - Lord Byron



Bela, ela avança, como a noite escura
Sob um céu estrelado e transparente
E o que há de mais sombrio e mais luzente
Em seus olhos e aspecto se mistura,
Àquele doce brilho suavizado
Que ao dia rude os deuses têm negado.

Uma sombra, um reflexo a mais teria
Turbado um pouco a indescritível graça
Que em suas negras mechas se embarça
E em seu rosto, adorável, se alumia,
Onde, sereno, expressa o pensamento
O quanto é puro e terno esse aposento.

E sobre aquela face e fronte altiva,
Tão eloquente, embora calma e amável,
A nuance acesa, o riso incomparável
Falam-nos da bondade sempre viva,
Da paz que há no seu ânimo insuspeito
E do inocente amor que há no seu peito.

COIN LOCKER BABIES - Ryu Murakami

– Chuva.

O homem da meteorologia disse ontem que a temporada de chuvas tinha acabado, mas ainda está tão úmido que não dá para ficar de janela fechada sem embaçá-las. Minha avó dizia que só havia duas coisas na vida em que você podia acreditar: O homem do tempo da NHK e o dicionário Inglês-Japonês Sanseido. Isso e aquelas placas nas jaulas do Zôo de Ueno... e talvez os árbitros de beisebol do colégio. Minha avó se formou na universidade nos anos 20, quando quase ninguém de onde eu vim ia para a escola... Merda! Olha o imbecil que tentou me cortar... ela era uma garota esperta... malditos vidros embaçados... ih, caramba, me desculpe madame pelos meus modos, mas que faculdade você frequentou? Aposto que foi de música...

Anemone o ignorou e o homem continuou falando e xingando os outros motoristas. Ela tinha feito sinal para o táxi na frente do atacado de carnes, onde todas aquelas enormes peças congeladas de carne eram carregadas para dentro dos caminhões. Foi azar, ela descobriu ao entrar no interior do taxi, que o motorista era um pouco amigável demais.

– Sabe como eu sei reconhecer estudantes de música? O jeito deles denuncia: os de ombros fortes são pianistas, pescoços finos são cantores, violinistas tem calosidades no queixo e os celistas tem pernas em arco. Sou bom, não sou? Pode apostar que não sou um motorista qualquer. Sempre tive o dom para perceber coisas, e meus amigos dizem que é uma vergonha eu perder meu tempo neste trabalho. Eles dizem que eu podia ser um escritor ou capitão de barco. Capitão de barco... isso é que é trabalho. Tem que ser bom para controlar sua tripulação ou pode ter problemas... tem que ser bom... Senhorita? Senhorita ? Tá dormindo?

Pessoas conversam o tempo todo, Anemone pensou. Eles chegam e começam a falar com você no trem, na fila, no cinema, na lanchonete ou no supermercado, e se você responder, aí é que está perdido, não param mais de falar. Imbecis sorridentes, se

oferecem para carregar suas malas ou pagar um copo de café, e então vocês se tornam imediatamente - melhores amigos. Parecem perigosos, todos estes faladores patológicos. Anemone tinha lido sobre um caso de um homem que tentou escapar de um e foi esfaqueado nas costas.

– Cansaço né? Deixa você maluco... droga de garoa. É ruim para os limpadores e pior para os motoristas. Mal dá para enxergar... a gente fica cego, né? É, cego... você é bem calada madame. Para onde quer ir mesmo? Você é tão calada que eu acabei esquecendo totalmente... não é brincadeira não, não lembro mesmo. Vamos lá madame, me dá uma chance. pediu olhando para trás, para Anemone. Ele secou as palmas das mãos nas calças e ela abriu a janela um pouco, apenas para entrar ar. Um cheiro quente de concreto úmido flutuou pelo carro, o cheiro da noite.

– É sério, precisa me falar... pra onde vamos? Eu não consigo me lembrar.

O motorista parou o carro bem no meio da pista e ligou o alerta. Buzinas foram ouvidas no trânsito atrás.

– Daikanyama murmurou Anemone. O rosto do homem relaxou.

– Certo! Daikanyama então, Avenida Yamate. Só fugiu da minha cabeça por um minuto... senhorita, me desculpe por falar, mas você não é como a maioria das moças. Neste tipo de trabalho eu aprendo muito sobre as pessoas. Devo pegar umas cinquenta todo dia - estou lhe dizendo, você é um pouquinho diferente, no bom sentido é claro. Por exemplo, se pego uma jovem senhora, ela ao menos conversa um pouquinho, diz olá, estas coisas... acho que o que eu quero dizer é que uma jovem comum tem educação; como quando eu disse para você, alguns minutos atrás, que estava chovendo, lembro que o odômetro marcava 70.092 quilômetros e o taxímetro 1.780 ienes... bem, uma garota normalmente diria algo como - Sim, certamente ou - a temporada de chuvas já deveria ter acabado ou algo assim. Pessoas sempre falam do tempo para começar uma conversa, são boas maneiras. Sabe, sou um cara fácil de lidar em geral. Tenho lá minhas broncas, mas tenho a mente bem aberta... mas eu preciso dizer que você é a porra da madame mais calada que já encontrei.

– Merda, este trânsito! Devagar pra caramba e ainda por cima chove. E um passageiro mal humorado e quieto. Isso é o que eu ganho por ser um sujeito legal.

O táxi mal se movia e à frente o borrão vermelho das luzes do freio pintava o pavimento. Sem mais nada o que fazer, o motorista estudava o perfil de Anemone pelo retrovisor, enquanto as luzes dos carros seu rosto pálido, com sombras manchando olhos e bochechas. Alí a estrada começava a descer para uma parte de Tóquio popularmente chamada de Toxítown (cidade tóxica), uma área contaminada, bem no centro da cidade. Há uns cinco anos atrás, pássaros e pequenos animais começaram a morrer nas vizinhanças. Testes revelaram um nível anormal de cloro no solo, o bastante para causar erupções na pele quando exposta ou danos ao fígado e aos nervos. Mulheres grávidas foram alertadas sobre o risco de aborto ou defeitos congênitos. Mas isso foi só; nenhuma explicação foi dada, de como o cloro chegou ao solo, contudo ocorreram várias especulações. Já que não havia uma fábrica na área, alguns disseram ter sido vazamento de algum caminhão. Houve uma conversa sobre derramamento, práticas ilegais de empresas de construção, ou até mesmo alguma reação química natural e peculiar, disparada pelas altas temperaturas do solo. De qualquer modo, qualquer que fosse a causa, não podia ser resolvida pelos meios habituais; não era solúvel em água e era imune ao calor, e mesmo os microorganismos desenvolvidos especialmente para se alimentar de dejetos eram inúteis. Ao final o Departamento de Saúde Pública obteve subsídios para realocar os habitantes e toda daquela área foi isolada. O chão foi coberto de cimento, o perímetro cercado por arame farpado e guaritas de segurança.

Havia duas teorias que explicavam o nome Toxítown, uma era simplesmente pelo perigo à saúde, a outra porque a área isolada tinha se tornado um reduto do crime, particularmente do tráfico de tóxicos. Os criminosos entravam e saíam de Toxítown, apesar dos guardas que patrulhavam o local. Os guardas carregavam lança-chamas para prevenir que qualquer coisa entrasse, principalmente vândalos tentando roubar alguma coisa. Já que as casas abandonadas permaneciam com seus pertences dentro,

as autoridades temiam que a área fosse uma tentação para os desabrigados e invasores de propriedades, e anunciaram que os guardas tinham ordens para incinerar não apenas aquilo que estivesse contaminado, mas qualquer um que estivesse de posse de objetos contaminados. O alerta não teve muito efeito no tráfego que entrava e saía de Toxítown, já que o interesse das pessoas pelo novo território era precisamente por ser um lugar em Tóquio onde a polícia não possuía jurisdição. E uma vez que a área foi colonizada por gangsteres e gigolôs, outros tipos passaram a frequentar também, como vagabundos e andarilhos, pessoas mentalmente debilitadas, putas baratas, prostitutos, procurados pela justiça, degenerados e desajustados, que estabeleceram residência em Toxítown, e desta forma um tipo estranho de sociedade começou a formar-se.

Ao fim, até a polícia aparentemente preferia olhar para o outro lado, agradecendo pelo inesperado resultado de tantos marginais em um só lugar: a taxa de criminalidade, particularmente crimes sexuais, caiu tremendamente em outras partes da cidade. Todos de fato, não oficialmente é claro, estavam satisfeitos com a situação, exceto por um pequeno detalhe: a área delimitada por arame farpado ficava adjacente e na sombra dos novos super arranha-céus de West Shinjuku, como se a coroa na linha do horizonte da cidade estivesse colocada sobre o esgoto.

– É bom senso o motorista estava dizendo. - Use o seu bom senso, é o que sempre digo. Este pessoal todo que não tem bom senso, você pode levá-los para onde quiser e dar um jeito. Olhe para este engarrafamento por exemplo: é claro que se todos em Tóquio quiserem ir para o mesmo lugar ao mesmo tempo, bem, vai terminar nisso. O que precisamos é que alguém apareça com alternativas, alguma coisa criativa. Deve haver muitos outros meios de se fazer isso, carros voadores ou estradas subterrâneas, ou outra coisa qualquer... e essa maldita chuva que não ajuda também... Peraí! Porra, espere aí! Ei ... senhoria, é você não é? Sim, sim, é claro que é! Você é aquela do comercial de televisão, aquela que o xampu cai nos olhos, que ficam vermelhos e você vira um coelho. Que merda! Como é que não vi isso antes! Uma modelo!

A chuva começara a cair mais forte quando Toxítown surgiu à

esquerda. Uma luz pálida banhava as guaritas e os carros blindados, iluminando uma placa onde se lia: - ÁREA TÓXICA, MANTENHA-SE AFASTADO. O cenário brilhava como se grandes tiras de luz dos arranha-céus tivessem se destacado e iluminado a fortaleza de arame farpado. O motorista, que tinha se dado conta de possuir uma celebridade a bordo de seu carro, tornou-se ainda mais falante:

- Sabe quem você me lembra? Aquelas atrizes de antigamente de Hollywood, naquelas cenas debaixo d'água, onde piscavam para a câmera. Você tem os mesmos belos e enormes olhos... E então - Caramba! Que dia é hoje? Sexta! Eu devia saber! Semana passada uma vidente leu minha sorte e disse que sexta eu encontraria uma pessoa que mudaria minha vida, alguém que mudaria meu futuro! É você! Hoje! E com certeza você tem cara de quem pode mudar a sorte de um cara. Que rosto! E que olhos! Como os olhos daquela boneca de plástico que minha irmã pequena brincava, que podia beber leite de verdade. Você tem arco-íris em suas pálpebras, você sabe? É bonita mesmo, todas aquelas cores nos seus olhos... uh, desculpe se estou falando loucuras, mas você tem um rosto que faz um cara ficar maluco... mas todo mundo deve dizer isso pra você.

Em algum lugar atrás deles uma buzina soou por longo tempo como se disparasse, e muitos motoristas estavam tentando ver o que acontecera. Alguém gritava: - Quietos seu babaca, e que ecoou através da chuva. Então outras buzinas se juntaram e motores aceleraram.

Dentro do táxi a excitação do motorista tinha embaçado todas as janelas, enquanto que algumas pessoas ao longo da estrada, perturbadas pelo barulho - ou apenas aborrecidas - começaram a jogar pedras nos carros. Quando uma delas ricocheteou no teto do táxi, Anemone começou a sentir-se desconfortável. A superfície lisa da estrada refletia as luzes da cidade em seu rosto. O motorista baixou o vidro e gritou - Fiquem quietos, porra onze vezes seguidas, pelas contas de Anemone.

- Que merda, que grande porcaria ele murmurou balançando a cabeça. - Ouça moça, o trânsito está louco e vai acabar me matando se eu não sair daqui. É isso! Que tal se sairmos juntos? O que me diz? A companhia tem um pequeno bangalô na praia, lá pra leste de Chiba: podíamos ir até lá juntos.

– Assim fugiríamos desse trânsito. Que tal? Exceto que... custa dinheiro dar uma escapulida, especialmente com uma garota como você. Aposto que nunca saiu com um cara sem grana. Não deve ter nada a não ser cerveja nesta casa de praia, e uma garota como você deve beber apenas vinhos finos. E provavelmente a roupa de cama deve ser vagabunda; e precisaremos de lençóis novos. É isso, tem que ter dinheiro pra essas coisas... Espera aí! Estamos na Avenida Yamate?

– Espere um maldito minuto! Conheço um cara que faz apostas e que tem um escritório logo ali. Tem me enrolado há anos, mas eu dou um jeito nele e conserto a situação. Se não se importar em ficar sentada aqui um pouquinho! Vou lá e pego algum dinheiro, e enquanto estiver por lá... há! Não vou me importar de enfiar uma faca naquele porco! Não demoro nem um minuto e saiu.

O motorista tinha parado o carro em uma das pistas; Anemone que mal ouvira o que ele tinha dito, pensou que ele tinha ido comprar cigarros ou algo assim. Ela começava a se preocupar com seu embrulho de carne de cavalo e cabeças de galinha, que iria estragar se não colocasse logo na geladeira; e ignorou os insultos gritados pelos outros motoristas dos carros que precisavam se desviar do táxi que bloqueava a pista. Como o motorista não voltou em cinco minutos, Anemone ficou furiosa. Esfregando um círculo na janela embaçada, achou o soldado armado, bem ao lado do carro.

O jovem vestia uma capa transparente plástica e seus pés se moviam no ritmo da música que chegava aos seus ouvidos por um pequeno fone de ouvidos.

– Descuuuuulpa! disse o motorista deslizando para dentro.

Anemone olhou para ele e tentou gritar, mas nada saiu de sua boca.

Seu rosto e sua camisa estavam cobertas de sangue.

– Que decepção! Que sujeito mais mole! Bem, ao menos consegui a grana. Vamos nós! A voz do motorista tremia um pouco, mas sua habilidade era incontestável. Subiu no meio fio com o carro e fez a volta, seguindo na direção contrária.

Anemone não sabia o que fazer: sabia que devia gritar, mas não conseguia. Um arrepio tomara todo seu corpo e sua cabeça

estava quente. Agora mesmo era que a carne iria estragar, pensou. Começava a ficar com raiva de verdade.

Enquanto isso a sorte do motorista chegou ao fim e o táxi bateu, pior, amassou o outro carro. O homem do outro carro saiu e veio até a janela do táxi, pressionando seu rosto contra o vidro e gritando - abra, mas o motorista estava acovardado demais para fazer qualquer coisa. Sem ter resposta, o outro motorista começou a chutar a porta, ajudado por outro homem que arrebentou o pára-brisa com um taco de beisebol de alumínio.

Anemone atirou-se ao chão enquanto que o motorista, recobrando-se um pouco, empurrou a marcha à ré e subiu pela calçada. Achou um lugar onde um dos postes que deveria manter a cerca de arame farpado tinha tombado, e apertando o acelerador, foi de encontro à cerca, abrindo um buraco nela; e então o motor morreu.

Neste instante um holofote entrou em ação e um fecho de luz potente caiu sobre o carro. Uma sirene disparou e o soldado com fones de ouvido pulou de seu posto e veio correndo com a arma apontada.

Assim que outros dois guardas em uniformes brancos saíram do carro blindado, o motorista conseguiu fazer o motor pegar e engatou uma marcha. Os guardas como advertência, mostraram seus lança-chamas, mas antes que pudessem abrir fogo, o táxi atravessou a cerca e desapareceu em Toxítown.

DE COMO MICROMIL E GIGACIANO PROVOCARAM A FUGA DAS NEBULOSAS – Stanislaw Lem

Os astrônomos nos ensinam que tudo quanto existe, as nebulosas, as galáxias, as estrelas, se afastam umas das outras em todas as direções e, como consequência desta fuga contínua, o universo cresce sem cessar há milhões e milhões de anos.

Algumas pessoas, assombradas com esta fuga universal, trataram de inverter a ideia e chegaram à hipótese de que, nos tempos mais remotos, o Cosmo inteiro se aglomerava em um ponto, como uma bola estelar, que por uma estranha causa, totalmente desconhecida, explodiu, e que esta explosão continua até os nossos dias.

Pensando desta maneira, sente-se uma enorme curiosidade sobre o que poderia existir antigamente, mas são incapazes de esclarecer o mistério. Na realidade foi isso que aconteceu: No Universo anterior viviam os construtores, mestres incomparáveis da arte cosmogônica.

Não havia coisa que eles não pudessem fazer, embora se saiba que para construir qualquer coisa é preciso dispor antes de um planejamento daquilo que se pretende construir.

De maneira que estes dois construtores, chamados Micromil e Gigaciano, passavam o tempo discutindo de que maneira seria possível entender o que poderia ser construído por ambos.

– Posso realizar tudo que se passa na cabeça - afirmava Micromil - porém não me lembro de tudo. Isso me limita, e a você também, pois não somos capazes de imaginar tudo que pode ser imaginado; e é muito possível de que exista alguma coisa que não seja exatamente aquilo que estamos imaginando e construindo e que valha a pena ser feita. Não acha?

– Tem toda razão, - disse Gigaciano - mas o que podemos fazer?

– Me parece muito simples: Tudo que construímos sai da matéria, disse Micromil, já que nela se encerram todas as

possibilidades. Se pensamos numa casa, construímos uma casa, se imaginamos um palácio de cristal, levantamos este palácio. Não importa se falta uma palavra, uma estrela ou uma mente, também conseguimos fabricá-las. Sem dúvida, dentro da matéria existem mais possibilidades do que dentro de nossas cabeças, por isso precisamos dar uma voz à matéria para que ela possa nos dizer o que podemos fazer com ela, diferente daquilo que somente nos ocorre ser possível.

– Sim, claro, uma voz é necessária - disse Gigaciano - mas não basta, já que a voz somente é capaz de expressar o que a mente concebe. Portanto a matéria não precisa só de uma voz, mas também do pensamento, e então seguramente revelará todos os seus segredos.

– É correto-concordou Micromil, vale a pena tentarmos. No meu modo de ver, devemos proceder assim, já que tudo que existe é energia: é necessário construir uma mente começando por sua menor parte, desde o Quantum.... é preciso aprisionar a mente quântica em uma cela feita de átomos pequenos. Quando tivermos cem milhões destes pequenos gênios de bolso, teremos conseguido nosso objetivo: estes cérebros se multiplicarão e então qualquer punhado de areia pensante nos dirá o que fazer e como fazê-lo, muito melhor do que um conselho formado por incontáveis pessoas.

– Não, não, assim não é possível, reclamou Gigaciano. Temos que fazer o inverso, já que tudo que existe é massa. Com a massa do Universo construiremos um cérebro imenso e repleto de ideias. E, quando perguntarmos, ele revelará todos os segredos do Universo. Seus pequenos gênios não serão mais do que um fenômeno desprovido de eficácia, já que cada grão pensante dirá uma coisa diferente e será uma confusão, e você não entenderá coisa alguma.

Seguiram assim discutindo os dois construtores até terminarem por se desentender de tal maneira que não haveria como empreenderem a tarefa juntos. Assim, se separaram e cada qual passou a trabalhar de seu modo.

Micromil começou capturando os quantuns e meteu-os em jaulinhas atômicas, e como os mais diminutos se concentraram

em cristais, dotou de uma mente os diamantes, as calcedônias e os rubis; as coisas deram muito certo, principalmente com os rubis, até o extremo de, por tanta energia racional contida neles, lançarem fagulhas. Havia também outros minerais pensantes, tais como esmeraldas, as prudentes safiras e espertos topázios, mas os que se saíram melhor, do ponto de vista de uma mente, foram os rubis vermelhos.

Enquanto Micromil se dedicava à gestação de corpos diminutos, Gigaciano se dedicava a criar um gigante. Escolheu toda a matéria disponível, fundindo-a, mesclando, soldando e martelando, até que criou seu ser cósmico, chamado Cosmoludo, uma criatura enorme que a tudo abarcava, ao ponto de que nada ficasse fora dele, salvo o pequeno reduto onde Micromil estava com suas jóias pensantes.

Quando ambos os construtores terminaram sua obras já não se tratava de saber qual das duas engenhosidades criadas por eles possuía mais ideias e revelava mais enigmas, mas qual dos dois construtores havia tido razão e escolhido mais acertadamente. Decidiram então competir.

Gigaciano aguardava Micromil junto a Cosmoludo, que se estendia por séculos e séculos-luz em comprimento, largura e altura, pois seu corpo era formado de escuras nebulosas estelares, seu sistema respiratório se compunha de múltiplos sóis e as pernas e braços eram galáxias engessadas pela gravidade, a cabeça formada por trilhões de globos metálicos e um chapéu peludo sobre a cabeleira solar. Quando Gigaciano preparava Cosmoludo, tinha que ir da orelha até a boca e cada uma destas viagens durava seis meses. Ao contrário, Micromil chegou ao campo de batalha sozinho, com as mãos vazias; e em seu bolso levava o diminuto rubi que iria enfrentar o gigante.

Gigaciano sorriu ao vê-lo.

– Para que serve esta nulidade? Caçoou. O que ele pode diante deste gigantesco poço de sabedoria galáctica, o que pode contra sua compreensão feita de nebulosas, cujos pensamentos são transmitidos de um sol para outro, reforçando sua poderosa gravidade, até que as estrelas explodindo conferem o resplendor das ideias, e a escuridão interplanetária agiganta sua reflexão?

– Deixe de se gabar de sua criação e de caçoar de mim e vamos aos fatos! disse Micromil. Sabe o que é melhor? Deixemos para eles a competição! Que meu gênio microscópio se bata com seu ser estelar, neste torneio em que o escudo é a inteligência e a espada a prudente razão.

– Pois que seja! Concordou Giganciano.

Então se separaram e ambas suas criações permaneceram sozinhas no campo de batalha. O diminuto e vermelho rubi começou a dar voltas, girando no escuro vácuo cósmico riscado pelas estrelas por sobre o corpo iluminado de seu incomensurável rival, e então disse, com voz de passarinho.

– Ei, grandão sem fim! És capazes de pensar?

Suas palavras levaram um ano até chegar ao cérebro do colosso, cujos pavilhões harmônicos e artisticamente concebidos começaram a se mover e então o colosso se assombrou com aquelas palavras atrevidas e quis ver quem era o ousado que assim falava.

Começou a girar a cabeça naquela direção, mas antes de terminar a rotação já haviam se passado dois anos. Olhou através da escuridão com seus claros olhos galáticos, mas não viu nada, já que o rubi, já fazia algum tempo, estava em suas costas.

– Estúpido! Ao invés de mover sua cabeça, vê se pode me dizer quanto é dois mais dois, antes que a metade desses seus sóis azuis gigantes ardam em teu cérebro e se consumam de tão velhos!

Furioso por conta das brincadeiras do diminuto rubi, Cosmoludo começou a girar novamente a cabeça o mais rapidamente que pode, mas o rubi já estava falando novamente às suas costas, então tratou de girar mais depressa, e ao redor do eixo de seu corpo rodopiavam vias lácteas e os membros feitos de galáxias, até então definidos, se enroscaram em espirais e as nebulosas estelares giraram vertiginosamente, de modo que tudo se converteu em uma bola e todos os sóis e os planetas se dispararam com tal velocidade que pareciam piões; mas antes que o colosso pudesse enquadrar seu adversário, este já zombava às suas costas.

O atrevido engenho de Micromil escapava cada vez mais

depressa, enquanto Cosmoludo não fazia mais do que girar e girar, mas sem poder alcançá-lo, apesar de dar mais voltas que um pião gigantesco e tanto girou, e com tanta velocidade, que se distenderam as cadeias gravitacionais até o ponto de alcançarem o limite de sua resistência, destruindo seus pontos de atração elétrica e, com a terrível potência centrífuga, o gigante imediatamente estourou e seus pedaços saíram disparados pelo espaço, derramando suas ardentes espirais galáticas e assim começando a fuga das nebulosas.

Micromil afirmou que devido àquela catástrofe o triunfo era portanto seu, já que o Cosmoludo de Gigaciano havia volatizado antes sequer de pronunciar uma palavra racional, ao que Gigaciano respondeu que o objetivo da competição não consentia em medir forças, e sim a compreensão, ou seja, qual das criações era a mais inteligente e não qual era mais resistente, e já que o que aconteceu nada tinha a ver com o objetivo do desafio, afirmava que Micromil o havia enganado vergonhosamente.

Desde então, Micromil anda procurando seu rubi, que se perdeu durante a catástrofe, porém sem poder encontrá-lo; de vez enquanto enxerga uma luz vermelha e corre até ela, mas encontra uma nebulosa corada de velhice e volta a continuar buscando, mas sempre em vão.

Por sua vez, Gigaciano se dedica, com a ajuda de grandes cordas gravitacionais e de fios de calor, a cozer os fragmentos dispersos de seu Cosmoludo, utilizando como agulha a radiação. Porém tudo que costura logo se rompe de tão enorme é a força das nebulosas foragidas a correr.

Assim, nem um nem outro conseguiram descobrir os mistérios da matéria, apesar de a terem dotado de uma mente e posto uma voz; porém no momento decisivo da conversação, esta resultou tão pobre que se qualificaria de irracional e tola por sua ignorância.

Porém se há um fato concreto, é que o gigante Cosmoludo de Gigaciano se rompeu em uma infinidade de pedaços por culpa do rubi de Micromil e todos os fragmentos seguem voando até hoje em todas as direções. E se alguém não acredita, basta

perguntar aos sábios se não é verdade que tudo que existe no cosmos gira incessantemente ao redor de seu eixo como um pião - pois tudo começou com esta vertiginosa rotação.

DIÁRIOS ESTELARES: 23ª VIAGEM - Stanislaw Lem

Da conhecida Cosmozoologia do professor Tarantoga, li sobre um planeta que orbita ao redor da estrela dupla Erpeya, que é tão pequeno que se todos seus habitantes saíssem de suas casas ao mesmo tempo, a única maneira de poderem caber na superfície seria levantando uma das pernas.

A despeito da enorme reputação do professor Tarantoga, contudo parece ter exagerado um pouco neste ponto, então decidi que iria determinar a veracidade pessoalmente.

Minha viagem foi confusa, na variável Cefeida-443 meu motor falhou e o foguete começou a cair em direção da estrela, o que me deixou alarmado, já que a temperatura da coisa era de seis mil graus centígrados. O calor aumentava a cada minuto e ficou de tal forma que precisei me espremer dentro do pequeno congelador onde usualmente eu guardava a comida – certamente uma tremenda falta de sorte, pois nunca antes tal coisa me havia acontecido . Com sucesso reparei o problema e voei para Erpeya sem mais incidentes.

A estrela dupla era constituída de uma gigante vermelha, vermelha como uma fornalha, mas não tão quente, enquanto a outra era uma pequena azul que emitia um calor terrível.

O planeta em si era de fato bem pequeno, só o encontrei após percorrer a vizinhança inteira. Seus habitantes, os Whds, receberam-me muito cordialmente.

Excepcionalmente belos eram os sucessivos ocasos e auroras, os eclipses também forneciam visões espetaculares. Por metade do dia, brilhava o sol vermelho e todos os objetos pareciam mergulhados em sangue, na outra metade do dia surgia o sol azul, poderoso, e era preciso andar com os olhos fechados, apesar de disso, era quase tolerável. Sem saber o que era a noite, os Whds chamavam o sol azul de dia e o vermelho de noite.

Suas casas, e isso era verdade, eram incrivelmente minúsculas, mas os Whds sendo bastante inteligentes e possuindo grande conhecimento particularmente da física, haviam superado esta

dificuldade através de uma idéia engenhosa, contudo admiravelmente singular.

Usavam de um aparato altamente preciso de raios-x com o qual tiravam o que chamavam de perfil atômico, que era um diagrama exato, mostrando cada molécula de proteína e seu elo químico, do qual seus corpos eram feitos. Então, quando chegava a hora de entrar para passar a noite, os Whds atravessavam por uma pequena porta que possuía dentro um mecanismo que os reduzia individualmente a átomos. Desta forma ocupavam pouco espaço e assim passavam a noite, então de manhã, um alarme ligava o mecanismo que seguindo os perfis atômicos, colocava de volta as moléculas na ordem e sequência apropriadas, a porta se abria e os Whds voltavam à vida, bocejavam e iam trabalhar.

Os Whds me falavam sobre as vantagens deste modo de vida, observando que deste jeito nunca tinham insônia, pesadelos, noites mal dormidas, já que a máquina os reduzia a átomos privando-os de vida e consciência. Eles utilizavam tal expediente em outras situações, como por exemplo nas salas de espera de médicos e escritórios do governo, que ao invés de cadeiras tinham pequenas caixas, pintadas de rosa e azul, com aquelas máquinas dentro e em certos encontros e conferências – quando um homem ficava por demais enfadado e sem nenhuma utilidade, simplesmente ocupando espaço pelo fato de sua existência.

Desta mesma forma os Whds estavam habituados a viajar. Se queriam ir a algum lugar, escreviam o endereço em um cartão e o colavam num cilindro pequeno que era colocado então sob a máquina, e então eram atomizados para dentro do cilindro. Havia uma instituição especial, semelhante ao nosso serviço de correios que enviava o cilindro para o respectivo endereço.

Se alguém estivesse com pressa, seu perfil atômico podia ser transmitido por telégrafo ao local designado e lá eles o recriavam através da máquina. O Whd original, enquanto pulverizado, ficaria nos arquivos. Este modo de viagem telegráfica era simples e rápida, consideravelmente atraente, apesar de conter certos riscos. Pouco depois da minha chegada, os jornais noticiaram um desagradável acidente. Parecia que um

jovem Whd de nome Thermopheles, deveria supostamente ir até uma cidade situada no outro hemisfério do planeta, para se casar. Estando apaixonado, era naturalmente impaciente e desejando estar junto de seu par o mais rápido possível, foi até um posto e telegrafou a si mesmo. Naquele mesmo momento, o operador do telégrafo foi chamado por conta de um assunto urgente e seu substituto, sem saber que Thermopheles já fora enviado, submeteu seu perfil novamente, e eis que diante da ansiosa quase-noiva estavam dois Thermopheles, como duas ervilhas em uma vagem. Difícil imaginar o choque, a confusão, e a angústia da pobre garota, sem falar dos convidados da festa. Tentou-se então convencer a um dos Thermopheles a se submeter a atomização e então assim acabar com tal desagradável incidente, mas a tentativa falhou por completo, pois cada qual acreditava ser o verdadeiro e único Thermopheles.

O caso foi levado ao tribunal e passou por muitas apelações. Foi só após a minha partida que se deu o veredito, contudo não posso dizer como o caso foi resolvido.

(Nota do editor: O veredito obrigou ambos os noivos a serem atomizados e a subsequente reconstrução de apenas um, o que foi verdadeiramente salomônico.)

Os Whds queriam a todo custo que eu experimentasse seus métodos de viagem, garantindo que erros como aquele eram extremamente raros e que o processo em si de nada tinha de misterioso ou sobrenatural. Como todo mundo sabe, organismos vivos são feitos da mesma matéria que tudo ao nosso redor, planetas e estrelas inclusive, a única diferença estava na interconexão e arranjo das partes que os constituem. Estes argumentos eu compreendia perfeitamente, mas me recusei terminantemente a entrar na máquina.

Certa tarde uma coisa muito curiosa me aconteceu. Fui me encontrar com um Whd que conhecia, sem ter antes telefonado para ele. Ninguém estava em casa quando cheguei. Procurando por ele, abri várias portas, uma por uma (os quartos eram extremamente apertados) até que finalmente depois de abrir uma porta que era menor do que as outras, vi que seu interior parecia com o de um refrigerador, completamente vazio com

exceção de uma prateleira na qual havia uma caixa cheia de um pó cinzento. Sem pensar, peguei um pouco daquele pó, então ouvi o barulho de uma porta se abrindo e larguei o pó ao chão.

– O que você está fazendo, honorável alienígena? disse o filho do Whd que eu procurava. Preste atenção, você está derramando o meu pai!

Ao ouvir estas palavras, fiquei aterrorizado em pavor, mas o jovem disse: - Não foi nada, não se preocupe!

Saiu e voltou pouco depois carregando uma quantidade considerável de carvão, um saco de açúcar, uma pitada de enxofre e um punhado de areia comum. Ouvi algo parecido com um profundo suspiro e um engolir, a porta se abriu e lá estava meu amigo Whd, rindo da minha cara, são e salvo.

Perguntei para ele depois, durante nossa conversa, se eu não havia lhe causado algum mal, por ter pego parte de seu material corpóreo, e também como seu filho fora capaz de consertar meu desastrado ato.

– Ora vamos, nem pense nisso! Você não me causou mal algum, que besteira! Certamente está ciente, meu querido amigo alienígena, das descobertas da moderna fisiologia, que diz que todos os átomos do nosso corpo são constantemente repostos por novos, algunselos se partem, outros se formam, a perda é recuperada pela assimilação de alimentos e líquidos, e graças também ao processo respiratório – tudo isso junto é o que chamamos de metabolismo. Sendo assim, os átomos que compõem seu corpo, um ano atrás, agora estão vagando distantes, apenas a estrutura geral do organismo permanece inalterada, um sistema inter-relacionado constituído por partes materiais. Não há nada de estranho naquilo que meu filho fez, ele apenas repôs o suprimento de material necessário para minha recreação; afinal somos feitos de carbono, enxofre, hidrogênio, oxigênio, nitrogênio e traços de metais, e estas substâncias que ele trouxe, possuem todos os elementos necessários. Por favor, entre e experimente por você mesmo, verá como o processo não causa qualquer dor...

Declinei graciosamente da oferta de meu anfitrião e por algum tempo fiquei relutante frente a convites semelhantes, porém ao fim, depois de uma longa reflexão, me convenci a fazê-lo. Fui a

um escritório de raios-x e eles registraram meu perfil atômico, então fui ver meu amigo.

Espremer-me dentro daquela coisa não foi fácil, contudo meu anfitrião me auxiliou; a pequena porta só podia ser fechada depois que todos estivessem do lado de dentro. A porta fechou com um clique e tudo ficou escuro. O que aconteceu então eu não me lembro.

Só senti que estava pouco confortável e que o topo da prateleira apertava minha orelha e antes que pudesse tentar mudar de posição a pequena porta se abriu e eu sai de dentro.

Minha primeira pergunta foi do motivo deles terem cancelado o experimento, mas meu anfitrião me informou, com um sorriso de prazer, que eu estava enganado. E para completar, uma rápida olhada no relógio da parede confirmava que vinte horas haviam se passado sem que eu tivesse a menor sensação disso. O único inconveniente estava que meu relógio de bolso indicava a hora em que eu entrara no mecanismo, a hora precisa em que eu fora reduzido a átomos, junto com ele.

Os Whds - com quem cada vez mais sentia se fortalecerem os laços de amizade - me disseram que ainda haviam outras aplicações para este método; eles tinham desenvolvido o costume de ao se verem diante de um problema sem solução, permanecerem dentro da máquina por décadas e então renasciam – voltando para o mundo perguntavam se o problema havia sido solucionado – se não, submetiam-se mais uma vez a atomização até que a solução viesse.

Após esta experiência bem sucedida tomei gosto pela coisa, por aquele jeito novo de descansar, de modo que não passava mais apenas as noites, mas cada minuto livre no estado atomizado, no parque, na rua, onde houvesse uma destas máquinas, que pareciam caixas postais com pequenas portas. Tudo que era preciso era lembrar-se de colocar o alarme para a hora certa; uma pessoa esquecida poderia passar a eternidade dentro da máquina, mas felizmente haviam os inspetores que a cada mês checavam os mecanismos.

Próximo do fim da minha estada naquele planeta, me tornei um entusiasta dos costumes dos Wdhs e o fazia como disse, sempre

que podia.

Por esta temeridade eu iria pagar caro.

Aconteceu certa vez, que o mecanismo onde eu estava ter emperrado um pouco e naquela manhã, quando o alarme foi disparado, a coisa me reconstruiu não na minha forma habitual, mas como Napoleão Bonaparte em seu uniforme imperial, usando da faixa tricolor da legião de honra, o sabre ao lado, o chapéu com detalhes dourados na cabeça, e um orbe e um cedro em cada mão – e foi assim que eu apareci na frente de meu espantado anfitrião Whd.

Me aconselharam de imediato a procurar um mecanismo que não estivesse danificado, para me refazer, enquanto que meu perfil atômico verdadeiro estivesse gravado e disponível; assim mesmo não quis ouvi-los e contentei-me em trocar o chapéu por um boné com abas, o sabre por alguns talheres e o orbe e o cedro por um guarda-chuva.

Quando já sentado nos controles do meu foguete e com o planeta desaparecendo longe, atrás de mim, na escuridão da noite eterna, derrepente me dei conta de ter sido muito precipitado ao me desfazer daquelas provas tangíveis, que poderiam dar crédito à minha história.

Mas agora era tarde demais.

DIVIRTA-SE COM SUA PRÓPRIA CABEÇA - Thomas Disch

As cabeças são graciosas e possuem milhares de risos armazenados para você, na nova e melhorada cabeça.

Todos podem desfrutar de uma cabeça falante, jovens e adultos também.

Saboreie, veja, ouça, e - sinta dor com uma cabeça.

Experimente cada emoção conhecida pela cabeça, e se você já teve uma, deve se lembrar do que dizem: - Duas cabeças são melhores do que uma.

Todos podem desfrutar de uma cabeça falante, cada minuto é diferente do outro, no incrível caos de pensamentos de uma cabeça e cada cabeça é diferente da outra!

As cabeças são graciosas, escute a cabeça desmembrada falar sobre - liberdade, - morte e - Deus. Faça com que sua cabeça lhe fale sobre - amor. Qualquer cabeça está pronta para falar sobre 'amor', se forem seguidas as instruções do manual de entretenimento.

Observe uma cabeça usada morrer, falando, falando, falando até desfalecer.

Sem dúvida não é um exagero dizer que são maravilhosas!

Saboreie, veja, ouça e - sinta dor com uma cabeça.

Cada comprador de uma cabeça recebe absolutamente grátis um suprimento vitalício de - alimento. Ponha - alimento na - boca de sua cabeça, depois insira o dispositivo co-sensitivo em - clavícula esquerda, e você desfrutará de cada molécula de - alimento em sua - boca.

Somente aqueles que já comeram com - boca podem entender as incríveis sensações do - alimento.

A - clavícula esquerda é também a interface de entrada/saída para - olho esquerdo e - olho direito. Veja um estranho mundo através do - olho direito, olhando para você próprio!

Veja através do - olho esquerdo também! Então veja através do - olho direito e do - olho esquerdo juntos. Cada cabeça da Exo-Export vem com dois - olhos. Não aceite menos!

- Clavícula esquerda também é interface para - nariz. Agora com a nova cabeça melhorada, você pode experimentar o desconcertante e primitivo mundo do - sexo, já que o centro da nova resposta sexotrópica da cabeça foi retirado da área obsoleta e inalcançável do osso sacro e direcionada para o gracioso - nariz.

Apenas mais uma razão para que duas cabeças sejam ainda melhores do que uma.

- Clavícula esquerda também é interface para - queixo sensível a - dor.

Em todas as galáxias existem criaturas, frequentemente as mais insignificantes, que podem experimentar o famoso - prazer negativo, e agora com uma cabeça, você também poderá fazê-lo! A nova cabeça melhorada possui mais 35% de sensibilidade à - dor, graças aos refinamentos introduzidos em - queixo.

- Clavícula esquerda também é interface de controle para - pomo de adão.

Nada é mais fácil do que manusear a função-falar de sua cabeça.

Divirta seus amigos falando através de sua própria cabeça! O que poderia ser mais divertido do que falar para outra cabeça que pensa que você também é uma cabeça?

Todos podem desfrutar de uma cabeça falante, jovens e adultos também!

E mais divertida do que sua função-falar é sua função-pensar. Insira o dispositivo - compaixão na - clavícula direita e experimente cada emoção conhecida da cabeça. Você sentirá o assombroso - amor da uma cabeça.

Você ficará paralisado com - terror e a - dor de sua cabeça e sua própria e inevitável - morte. Você se odiará a si mesmo, talvez a sensação mais excitante de todas.

As cabeças são educativas.

Todos deveriam ter uma cabeça própria com a qual poderiam crescer. As cabeças fornecem uma introdução fácil e estimulante

à conceitos básicos de Exo-linguagem e Exo-cultura. Cada cabeça possui uma base completa de assombrosas tradições culturais de seu planeta de origem.

Um terço da vida de uma cabeça da Exo-Export é dedicado para educação.

As cabeças são perfeitamente seguras para os mais jovens. Os dentes pontudos são extraídos da - boca de cada cabeça e pseudo-dentes hidráulicos inofensivos são instalados.

Muitos decoradores consideram que as cabeças são uma atrativa adição na decoração de interiores, especialmente quando dispostas junto a Exo-flora e a Exo-fauna contrastantes. Para aqueles preocupados com a moda, já estão disponíveis cabeças em uma ampla variedade de cores naturais, desde o castanho até o rosado. Se tratada com a nova fórmula especial Fungi-X, as cabeças também podem ter cores mais agradáveis, apesar de que desta forma, as cabeças terão seu tempo de vida encurtado.

Todos deveriam ter sua própria cabeça e agora todos podem!

Graças a diminuição do volume do - peito, as novas e melhoradas cabeças são o resultado de recentes avanços em biominiaturização e são mais baratas do que o modelo anterior! Também comem menos e ocupam menos espaço! Então, por que voce não compra sua nova cabeça hoje mesmo?

Qualquer cabeça que você comprar da Exo-Export, tem a garantia de que pertence ao planeta de origem, pois é lá que se encontram os responsáveis pelo desmembramento e fabricação das cabeças, onde se pratica à muito tempo a bioengenharia necessária.

São milhares de risos armazenados para você na sua nova e melhorada cabeça!

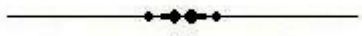
Por que não comprar sua nova cabeça hoje?

Por que não comprar sua nova cabeça hoje?

Por que não comprar sua nova cabeça hoje?

Somente 49,95 nos Mercados Exo-Export!

EQUILÍBRIO - Mike Resnick



Susan Calvin subiu ao palco e observou a sua audiência: acionistas da US Robóticos e Homens Mecânicos.

– Quero agradecer a todos pelo comparecimento. Vou atualizá-los sobre nossos últimos desenvolvimentos disse ela em seu jeito breve e profissional.

– Que rosto medonho ela tem, pensou August Geller, sentado na quarta fileira da platéia. Ela me lembra a minha professora de inglês da sétima série, aquela que eu temia.

Calvin iniciou com uma detalhada explicação dos novos circuitos que haviam sido introduzidos no cérebro positrônico, em termos que um leigo - mesmo um acionista - pudesse entender.

Que mente brilhante, pensou Geller. Absolutamente brilhante. Imagine um semblante como esse sem um cérebro para contrabalançar.

– Alguma pergunta até este ponto? – Perguntou Calvin, seus olhos azuis escaneando a audiência.

– Eu tenho uma – disse uma bela e jovem moça, ficando de pé.

– Sim?

A moça fez sua pergunta.

– Eu pensei ter explicado esta questão' respondeu Calvin fazendo o máximo para esconder sua irritação e começou a explicar de uma forma ainda mais simplista.

Não é surpreendente? Pensou Geller. Temos aqui duas mulheres, uma possui uma mente primorosa, a outra possui um QI que poderia congelar a água, e ainda assim não consigo tirar os olhos daquela que fez esta pergunta estúpida. Pobre doutora Calvin, a natureza tem um senso de humor bastante malicioso.

Calvin reparou que um bom número de homens estava admirando a questionante. Não era a primeira vez que aqueles homens haviam encontrado algo mais fascinante do que Calvin para direcionar suas atenções, nem a centésima, nem a

milésima.

Que vergonha, ela pensou, que eles não eram mais parecidos com os robôs, que eles deixavam seus hormônios sobrepujassem a lógica. Aqui estou eu, explicando como gastei doze bilhões de dólares do dinheiro deles e eles estão mais interessados em um rosto bonito.

Após completar sua resposta, começou a discutir sobre as tentativas que estavam fazendo para tornar os corpos mais fortes para os robôs desenhados para uso extraterrestre usando a aplicação de ligas moleculares de titânio.

Imagino, pensou Geller, se ela algum dia já teve um encontro com um homem? Ou uma noite de paixão selvagem. Sabe Deus, apenas uma refeição, quem sabe uma ida ao teatro, onde ela não falaria de negócios.

Ele balançou a cabeça quase imperceptivelmente. Não, provavelmente este tipo de coisa a entediaria. Tudo com o que ela deve se importar são fórmulas e equações. Uma bela aparência seria inútil nela.

Calvin percebeu que Geller a encarava e permanecia assim.

– Que homem elegante, ela pensou. Será que já o tinha visto antes em alguma reunião? Tenho certeza de que lembraria. Por que ele está me olhando assim, tão intensamente?

Imagino, pensou Geller, se ela já amou alguém e se foi correspondida.

Provavelmente era apenas mais um homem deslumbrado diante de uma mulher com cérebro, ela concluiu.

De fato, pensou Geller, será que ela já amou alguém?

Olhe para aquele bronzeado, pensou ela, ainda encarando Geller. É atraente, sem dúvida, mas será que ele trabalha ou passa o tempo descansando na praia, sem pensar em nada? Ela sentiu necessidade urgente de elaborar melhor seu pensamento. Às vezes é difícil imaginar que pessoas como eu e você pertencemos à mesma espécie; eu tenho muito mais em comum com meus robôs.

Às vezes, pensou Geller, quando a ouço dissertar assim, cheia de entusiasmo sobre cérebros positrônicos e ligas moleculares, é difícil acreditar que pertencemos à mesma espécie; ela parece

um de seus robôs.

Ainda assim, pensou Calvin, contra a sua vontade, você é alta e elegante, e certamente tem um ar de autocontrole; a maioria dos homens não quer ou não conseguem me olhar assim. E seus olhos são azuis claros...

Ainda assim, pensou Geller, deve haver algo nela, algum espectro de feminilidade debaixo desta carapaça e dentro desta mente analítica.

Calvin balançou a cabeça inadvertidamente e quase perdeu o fio do que estava dizendo. Ridículo, ela concluiu, absolutamente ridículo.

Geller continuou olhando para ela, estudando o seu queixo forte, os ombros largos, a postura agressiva, o rosto desprovido de maquiagem, o cabelo que poderia ser um pouco mais atraente. Ridículo, ele concluiu, absolutamente ridículo.

Calvin falou por mais quinze minutos - então chegou a parte das perguntas. Foram feitas duas e ambas respondidas sucintamente.

– Eu quero agradecer à Doutora Calvin por ter separado parte de seu tempo para passar conosco' concluiu Linus Becker, o jovem chefe de operações e executivo da US Robôs e Homens Mecânicos.

– Enquanto tivermos sua notável inteligência trabalhando para nós, estou confiante de que continuaremos a progredir e expandir os parâmetros da ciência robótica.

– Eu quero acrescentar que quando nós tivermos condições de produzir um cérebro positrônico com a metade da capacidade da nossa doutora, a área de robótica terá chegado ao seu auge' disse um dos acionistas majoritários.

– Obrigada – disse Calvin, ignorando uma estranha sensação de vazio. – É uma honra.

– Nós é que estamos honrados com tal brilhante presença. – disse Becker suavemente.

Ele a aplaudiu e logo toda a audiência também aplaudia, incluindo Gel er, que se ergueu e deu a ela sua ovação de pé. Então cada um deles avançou na sua direção, se apresentando e apertando sua mão e comentando sobre sua inteligência e criatividade.

– Obrigada – disse Calvin, agradecendo outro cumprimento.

– Você pegou minha mão como se esperasse que fosse de tungstênio ou aço, ao invés de carne e osso. Será que eu pareço tanto assim com meus robôs?

– Adorei seus comentários. – disse Calvin para outro acionista. Imagino se amantes falam um com o outro assim neste mesmo tom amigável.

Então Geller deu um passo à frente e apertou sua mão, e ela quase pulou com aquela sensação, a eletricidade passando através de sua mão forte e bronzeada.

– Acho que você é nosso ativo mais valioso, Doutora Calvin – ele disse.

– Nossos robôs são nosso maior ativo. – ela respondeu graciosamente e completou: – Sou apenas uma parteira científica.

Ele a confrontou intencionalmente por algum tempo e subitamente a tensão se desfez. Impossível. Você é por demais parecida com seus robôs. Se eu a convidasse para sair, você acharia ser um ato de caridade, e penso que você é muito orgulhosa para aceitar esta gentileza.

Ela olhou nos olhos dele mais uma última vez. Impossível. Tenho meu trabalho a fazer e meus robôs nunca me desapontaram, provando serem mais do que meramente humanos.

– Atenção! Lembrem-se que haverá um banquete daqui a três horas – disse Becker, e virando-se para Calvin disse: – Você vai estar lá, é claro.

Calvin assentiu. – Estarei.

Ela só tinha quatro horas para se trocar, vestindo algo mais formal para o banquete e já estava atrasada.

Entrou em seu indescritível apartamento, caminhando através da sala de estar e do quarto, ambos repletos de jornais e suplementos científicos, abriu o closet e começou a tirar suas roupas de dentro dele, esticando-as sobre a cama.

– Alguém já lhe disse que você tem os mais belos olhos azuis? –

perguntou o robô mordomo.

– Obrigada – disse Calvin.

– É verdade, sabe, lindos, lindos olhos, tão azuis quanto safiras.

A robô arrumadeira entrou no quarto para ajudá-la a se vestir.

– E um belo sorriso. – disse a arrumadeira, e completou – Se eu tivesse um sorriso como esse, os homens brigariam apenas pelo prazer de vê-lo.

– Você é muito gentil – disse Calvin.

– Ah, não, senhorita Susan. Você é muito bonita. – Corrigiu a empregada.

Calvin percebeu que seu robô cozinheiro estava parado à entrada do quarto.

– Pare de olhar para mim – ela falou. – Eu estou apenas meio-vestida. Onde estão os seus modos?

– Com pernas como as suas, você achava que eu pararia de olhar?' disse o cozinheiro com uma risada seca e mecânica. 'Toda noite eu sonho em encontrar uma mulher com pernas assim.

Calvin escorregou para dentro do vestido e esperou a robô empregada subir o zíper nas suas costas.

– Uma pele tão clara e macia. – sussurrou a empregada. – Se eu fosse uma mulher, este seria o tipo de pele que eu iria querer ter.

Eles eram criaturas com percepção extrema, refletiu Calvin em frente ao espelho e aplicou uma camada leve de batom. Que criaturas adoráveis. Era claro que estavam apenas respondendo às necessidades da Primeira Lei - minhas necessidades - mas quanta consideração eles tinham.

Pegando a bolsa, seguiu para a porta. Pensou se eles se cansavam de recitar esta litania.

– Você será a mais bela da festa – disse prontamente o robô mordomo, enquanto ela atravessava o apartamento.

– Obrigada, muito obrigada. – disse ela 'Você se torna mais bajulador a cada dia que passa.

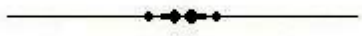
O robô inclinou sua cabeça metálica e disse pouco antes da

porta se fechar atrás dela: 'Só se fosse mentira, minha senhora.

Com seu equilíbrio emocional plenamente restaurado, como sempre se fazia necessário ao chegar em casa após lidar com seres humanos, ela tomou o caminho do banquete sentindo-se revigorada e renovada.

Pensou se poderia sentar próximo ao elegante August Geller, que havia prestado tanta atenção nela durante sua explanação. Depois de refletir, esperou que pudesse sentar em qualquer lugar. Ele parecera manifestar alguns sentimentos desconfortáveis a seu respeito, aquele homem jovem e galante - e as fantasias, uma vez que tudo tivesse sido dito e feito, existiam somente para intelectos inferiores que, diferente dela, não sabiam lidar com as frias verdades do mundo real.

IMPRESSÃO FRIA - Ramsey Campbell



...mesmo os servos de Cthulhu não ousam mencionar Y'gononac, pois virá o tempo em que Y'gononac libertar-se-á da solidão das eras para mais uma vez caminhar entre a humanidade...

—Revelações de Glaaki, volume 12

Sam Strutt lambeu seus dedos e os limpou no seu lenço; as pontas de seus dedos estavam cinzentas e sujas de neve da barra da plataforma de ônibus. Então puxou seu livro da sacola de politeno ao seu lado, retirou o tíquete de ônibus do meio das páginas, uniu-o à capa para proteger esta de seus dedos, e começou a ler. Como muitas vezes acontecia, o condutor assumia que o tíquete autorizava a jornada atual de Strutt; e este não o corrigia. Lá fora, a neve rodopiava, descendo pelas ruas laterais e escorrendo por entre as rodas dos carros estacionados.

O barro enlameou suas botas quando saiu da Brichester Central e, escondendo a sacola sob seu casaco para melhor protegê-la, arrastou-se até a banca de livros, quase escorregando nos flocos de neve que se assentavam sobre a rua. As vidraças da banca não estavam bem fechados; a neve havia se infiltrado e caído sobre as brochuras lustrosas. - Olha só isso!” reclamou Strutt com um jovem que estava perto dele e ansiosamente esquadrihava a multidão, colocando seu pescoço por dentro da gola, como se fosse uma tartaruga.

– Não é nojento?Essas pessoas não se importam mesmo!

O jovem, ainda observando os rostos úmidos, concordou de maneira abstráida. Strutt foi ao outro lado da banca, onde o assistente distribuía jornais.

– Ei! chamou Strutt. O assistente, separando troco para um cliente, fez gesto de pedir que esperasse. Sobre as brochuras, pelo vidro esfumado, Strutt percebeu o jovem correr e abraçar uma garota, e então gentilmente enxugar o rosto dela com um lenço. Strutt notou o jornal segurado pelo homem que

aguardava o troco. Lia-se ASSASSINATO BRUTAL EM IGREJA EM RUÍNAS; na noite anterior um corpo fora encontrado dentro das paredes sem teto de uma igreja de Lower Brichester, quando a neve foi retirada de uma imagem de mármore, revelou macabras mutilações sobre o cadáver, mutilações ovais que pareciam – O homem tomou do jornal e seu troco e saiu para a estação. O assistente voltou-se para Strutt, sorridente:

– Desculpe fazê-lo esperar.

- Sim, disse Strutt.

- Você percebe que esses livros estão pegando neve? As pessoas podem querer comprá-los, sabe.

- Você quer comprar um? respondeu o assistente.

Strutt apertou os lábios e voltou-se para o vento que trazia a neve. Por trás dele ouviu o retinir de vidraça contra vidraça.

A banca BONS LIVROS PRA LER NA ESTRADA servia de abrigo a quem passasse; ele fechou a vidraça que batia e começou a checar os livros. Nas prateleiras, os títulos atuais mostravam a capa frontal enquanto outros, a contracapa. Garotas riam próximo a cartões de natal engraçados; um homem de barba por fazer foi pego por uma rajada de vento, cheia de flocos de neve incômodos, e parou, olhando ao redor, incerto. Strutt apertou a língua com os dentes; não deveriam permitir que vagabundos ficassem nas livrarias, sujando os livros. Atento com a visão periférica, para ver se o homem dobraria as capas dos livros, ou quebraria as encadernações, Strutt moveu-se entre as prateleiras, mas não conseguiu achar o que procurava. Porém, conversando com o caixa, estava um assistente que havia conversado com ele, elogiando *Noites Violentas no Brooklin* quando Strutt comprara esse volume, semana passada, e pacientemente ouvira uma lista das leituras recentes do professor, embora houvesse parecido que ele não reconheceria os títulos. Strutt aproximou-se e inquiriu:

– Olá! tem outros livros empolgantes para esta semana?

O homem o fitou, confuso.

– Outros...?

– Você sabe, livros como este? Strutt levantou a sacola de politeno para mostrar a capa cinzenta de *O Mestre do Chicote*, de

Hector Q., da editora Ultimate Press.

– Ah, não. Acho que não temos. Tamborilou os lábios. - Exceto – Jean Genet?

– Quem? Ah, você quer dizer, Jennet. Não, não, obrigado, ele é chato feito água parada.

– Bem, desculpe, senhor, mas acho que não posso ajudá-lo, então.

– Oh. Strutt sentiu-se rejeitado. O homem parecia não tê-lo reconhecido, ou talvez estivesse fingindo. Strutt havia conhecido esse tipo de gente antes, sempre reprovando intimamente seu gênero de leitura. Ele buscou pelas prateleiras novamente, mas nenhuma capa chamou sua atenção. Na porta, desabotoou furtivamente a camisa, para proteger seu livro mais ainda, quando sentiu uma mão descer sobre seu braço. Cheia de gordura, a mão deslizou até tocar sua sacola. Strutt a expulsou com raiva e confrontou o vagabundo.

– Espera um pouco! sibilou o homem. - Você está procurando mais livros como esse? Eu sei onde pode encontrar alguns.

Esta abordagem ofendeu o senso orgulhoso de leitura de Strutt, que não tinha razão para ser suprimido. Ele puxou a sacola dos dedos que dela se aproximavam. - Então, gosta desse tipo de literatura também, não é?

– Ah, sim, tenho vários.

Strutt fisgou a isca para ver se valia a pena. - Tipo quais?

– Oh, *Adão e Evandro*, *Me Leve Onde Quiser*, todas as aventuras do Harrison, você sabe, são várias.

Strutt admitiu, resmungando por dentro, que a oferta do sujeito parecia genuína. O assistente os observava; Strutt devolveu o olhar. - Muito bem, disse. - Onde é esse lugar de que você está falando? O outro tomou de seu braço e puxou-o com disposição para a neve que soprava.

Erguendo sobre os rostos suas golas, os pedestres deslizavam por entre os carros, enquanto esperavam pela remoção de um ônibus que havia derrapado; os flocos de neve esmagavam-se nos cantos dos para-brisas e sobre os limpadores. O homem arrastou Strutt por entre as buzinas que soavam e gritavam, e então por entre duas vitrines de lojas, onde moças fitavam presunçosas enquanto

vestiam manequins sem cabeça, e então por um beco. Strutt reconheceu a área como um lugar onde havia procurado em vão por livrarias escondidas; desapontantes alcovas de revistas masculinas, o ocasional hálito quente e pungente de cozinhas, carros cheios de coberturas de neve, bares ruidosos oferecendo calor contra o clima frio. O guia de Strutt esgueirou-se pela porta de um bar público, para espanar o casaco; a camada branca rachou e caiu. Strutt juntou-se ao homem e ajustou o livro em sua sacola, aninhada sob sua camisa. Bateu as botas no chão, para tirar a crosta de neve, parando enquanto o outro seguia; não queria ficar conectado àquele homem, mesmo numa ação tão trivial.

Observou com desagrado o companheiro, seu nariz inchado que agora fungava, a barba rala que se mexia nas bochechas que inflavam quando o homem soprava as próprias mãos trêmulas. Strutt tinha horror de tocar qualquer pessoa que não fosse meticulosamente limpa. Além da porta, os flocos de neve já começavam a cobrir suas pegadas, e o homem disse: - Sempre sinto tanta sede, ao caminhar rápido assim.

– Era esse seu jogo, não era? Mas a livraria o esperava. Strutt andou pelo bar e pediu duas doses a uma enorme garçonete, de busto arrepiado de frio, que ia e voltava com os copos e girava as torneiras com gosto. Velhos fumavam cachimbo em vagas alcovas, um rádio blaterava marchinhas, os homens segurando canecos alvejavam com jovial imprecisão tanto um jogo de dardos quanto as escarradeiras. Strutt dobrou seu casaco e ficou próximo ao homem; o outro permaneceu como estava e ficou olhando para a própria cerveja. Determinado a não falar, Strutt prestou atenção aos espelhos turvos que refletiam grupos gesticulantes ao redor de mesas lotadas, fora de sua linha de visão direta. Mas gradualmente ficou surpreso com a taciturnidade de seu companheiro de mesa; era certo que essas pessoas (assim pensava ele) eram notavelmente loquazes, na verdade, virtualmente impossíveis de calar a boca? Aquilo era intolerável; sentar à toa num boteco de esquina abafado, quando podia estar caminhando, ou lendo – algo devia ser feito. Engoliu a própria cerveja e bateu com o vidro no protetor de mesa. O outro o imitou. E então, visivelmente embaraçado, começou a bebericar, parecendo estranhamente nervoso. Ficou depois óbvio que o sujeito estava brincando com a espuma, e então pôs o

copo na mesa e começou a fitá-lo. - Parece que é hora de irmos andando, disse Strutt.

O homem olhou para cima; o medo arregalou seus olhos. - Jesus Cristo, eu estou todo molhado, resmungou. - Levo você lá assim que a neve baixar.

– Era esse seu jogo, não era mesmo? Gritou Strutt. Nos espelhos, alguns olhos o fitaram. – Você não vai tirar esse drinque de mim, a troco de nada! Não vim até aqui pra...!

O homem andou para lá e para cá, encurralado.

– Tá bom, tá bom, mas pode ser que eu não encontre o lugar nesse tempo feio.

Strutt achou que essa última frase havia sido idiota demais para merecer resposta. Levantou, e abotoando seu casaco, atravessou as arcadas nevadas, olhando para trás para ter certeza de que estava sendo seguido.

As últimas vitrines de lojas, e por trás delas pirâmides de latas, marcadas com rótulos mal escritos, eram substituídas por linhas de janelas furtivamente acortinadas, postas em panoramas cansativos de tijolo vermelho; por trás das vidraças, decorações de Natal penduradas como coroas de flores fúnebres. Atravessando a rua, enquadrada pela janela de um quarto, uma mulher de meia-idade puxava as cortinas e escondia o rapaz adolescente em seu ombro. Strutt não perguntou exatamente aonde estavam indo; achava que podia controlar a figura à frente sem falar com ele, e de fato não tinha interesse de falar com o homem quando ele parava, trêmulo, sem dúvida devido ao frio, e voltava a andar, apressado, enquanto Strutt, cinco centímetros mais alto que o metro e setenta do outro, e de melhor físico, continuava a segui-lo.

Por um instante, quando um pedaço de neve caindo o empurrou para a rua, os flocos superexpondo o ambiente e cortando suas bochechas como navalhas temporárias de gelo, Strutt ansiou por conversar, falar das noites que passara acordado em seu quarto, ouvindo a filha da senhoria ser espancada pelo pai, no quarto um andar acima, tentando pegar os sons abafados que vinham do ranger de camas, talvez do casal abaixo. Mas esse momento passou, levado pela neve; o fim da rua havia se aberto, separado por uma demarcação em duas pistas acarpetadas de neve grossa,

uma virando para esconder-se entre as casas, e a outra mais curta, pegada à rotatória. E agora Strutt sabia onde estava. De um ônibus que pegara antes, naquela semana, havia notado aquela placa de MANTENHA À ESQUERDA jogada inútil sobre a demarcação, sua face voltada para baixo.

Cruzaram a rotatória, embrenharam-se pelos restos decompostos de relheiras, cheios de poças enganosamente cobertas, acumuladas por trás do rastro de escavadeira de uma obra de restauração do bairro, e adiantaram através do remoinho branco até um trecho de terreno baldio, onde uma fogueira solitária esgotava a força da neve. O guia de Strutt esgueirava-se para dentro de um beco e o professor o seguiu, tencionando manter-se próximo do outro conforme este batia a neve granulada das tampas das latas de lixo e esquivava-se de portões de quintais onde cães arranhavam e grunhiam.

O homem virou à esquerda, e então à direita, por entre os paredes próximas e labirínticas, entre casas cujos cantos cruéis das vidraças quebradas e portas oscilantes e tortas, nem mesmo a neve, mais gentil para com prédios do que para com seus ocupantes, pode suavizar. Uma última virada e o homem deslizou para uma calçada sob os restos de uma loja, sua fachada quase vazia, salvo por garrafas de vinho sob um pôster com os dizeres, HEIN 57 VARIET. Uma massa de neve caiu dos frangalhos de toldo, apenas para ser engolida pelo bueiro abaixo. O homem ficou ali tremendo, mas quando Strutt o confrontou, apontou temerosamente para a calçada oposta:

– Ali está, já chegamos.

Rastros de lama da neve derretida molharam as calças de Strutt ao atravessar a rua, enquanto este checava mentalmente que, enquanto o homem tentara desorientá-lo, ele havia deduzido qual avenida principal estava a cerca de quinhentos metros dali, e então leu a inscrição por sobre a loja: LIVROS AMERICANOS: COMPRA E VENDA. Tocou uma cerca que protegia uma janela opaca abaixo do nível da rua, deixando uma ferrugem úmida irritá-lo sob as unhas, e observou a vitrine na janela diante de si: *História do Flagelo* – um livro que achara monótono – dividindo espaço com romances de ficção científica de Aldiss, Rubb e Harrison, que escondiam-se envergonhados por entre capas lascivas; *Le Sadisme au Cinéma*; o *Voyeur* de Robbe-Grillet,

parecendo estar perdido; *Almoço Nu* – nada que valesse sua jornada até ali, refletiu Strutt.

– Tudo bem, é hora de entrar, impeliu o homem para dentro, e com uma olhadela por cima do tijolo vermelho erodido na janela do primeiro andar, notando as costas do espelho de penteadeira encaixado para substituir uma vidraça, Strutt também entrou. O outro pausou mais uma vez e por um segundo desagradável, os dedos do rapaz roçaram o casaco úmido do sujeito.

– Vamos lá, onde estão os livros? exigiu, abrindo alas para entrar na loja.

A amarelada luz solar fazia-se ainda mais sombria pela influência da vitrine e das revistas de pin-up penduradas pelo lado de dentro da janela almofadada; a poeira flutuava preguiçosamente pelos raios de luz dispersos. Strutt parou para ler as capas das brochuras enfiadas em caixas de papelão em uma mesa, mas as caixas continham apenas faroestes, fantasias e erotismo americano, vendidos por metade do preço.

Fazendo careta diante dos livros que tinham as pontas esticadas como pétalas em flor, Strutt passou pelos encadernados e espiou atrás do balcão, levemente preocupado; quando havia fechado a porta ao passar pelo sino sem lingueta, havia imaginado ouvir um grito em algum lugar próximo, rapidamente contido. Sem dúvida, seria o tipo de coisa que se ouve o tempo todo por aqui, pensou, e voltou-se para o outro: - Bem, eu não vi ainda a razão para ter vindo aqui. Ninguém trabalha nesse lugar?

De olhos arregalados, o homem fitava para além dos ombros de Strutt; este olhou para trás e viu o painel de vidro fosco de uma porta, um canto do vidro completado com papelão, negro contra uma diáfana luz amarelada, que filtrava-se através do painel.

Presumiu ser o escritório do livreiro – será que ele havia ouvido o comentário de Strutt? O professor confrontou a porta, pronto para enfrentar alguma impertinência.

Então o homem passou por ele, buscando distraidamente algo por trás do balcão, abrindo descuidadamente uma cristaleira cheia de volumes de sobrecapas de papel marrom, e finalmente extraindo um pacote de papel cinzento de seu esconderijo em um canto da cristaleira. Jogou o pacote para Strutt, resmungando, a pele sob seus olhos pinicando em tiques:

– Olha um aí, olha um aí, e observou Strutt rasgar o pacote. A *Vida Secreta de Wackford Squeers* – Ah, esse é bom, aprovou Strutt, distraíndo-se momentaneamente e metendo a mão no bolso em busca da carteira; mas dedos gordurentos agarraram seu pulso.

– Pague na vez seguinte, implorou o homem.

Strutt hesitou; será que dava pra ficar com o livro sem pagar? Naquele exato momento, uma sombra tremulou por sobre o vidro fosco: um homem sem cabeça, arrastando algo pesado. Decapitado pelo vidro fosco e por sua posição agachada, racionalizou Strutt, percebendo então que o livreiro deveria ter contato com a Ultimate Press; e ele não deveria prejudicar este contato, roubando um livro. Empurrou os dedos frenéticos do sujeito para o lado e contou duas libras; mas o outro recuou, esticando os dedos num visível temor, e escolheu-se contra a porta do escritório, de cujo painel a silhueta de antes havia desaparecido, antes de quase aninhar-se contra o peito de Strutt.

O professor o empurrou e deixou as notas no espaço deixado na cristaleira, onde estava antes o *Wackford Squeers*, e então virou-se para o sujeito:

– Não vai embalar o livro? Aliás, não, pensando melhor, eu mesmo faço isso.

O cilindro no balcão soltou de maneira estrondosa uma faixa de papel marrom; Strutt tirou um pedaço descolorido. Ao empacotar o livro, afastando o pé da embalagem anterior, algo caiu no chão. O outro havia recuado até a porta da frente, quando fez um botão solto de seu punho puxou a borda de uma caixa cheia de livros; ficou pasmo diante dos livros espalhados no chão, mãos e boca bem abertas, um pé sobre um romance aberto como se fosse um mariposa pisada, e ao seu redor flutuavam os ciscos de poeira por entre os raios de luz salpicados de neve solta. Em alguma parte, ouviu-se o clique de uma tranca. Strutt respirou fundo, fechou seu pacote com fita adesiva e, rodeando o homem com ar de desagrado, abriu a porta. O frio atacou suas pernas.

Começou a subir os degraus e o outro disparou em seguida. O pé do homem estava na soleira da porta, quando passadas fortes aproximaram-se, sentidas no tremer das tábuas. O homem deu

meia-volta, e abaixo de Strutt, a porta bateu. Strutt esperou; mas então ocorreu-lhe que poderia se apressar e livrar-se do guia. Alcançou a porta e uma brisa purulenta de neve alfinetou-lhe as bochechas, limpando a poeira velha da loja. Virou o rosto e, chutando a casca de neve que formara-se sobre a manchete de um jornal molhado, dirigiu-se para avenida principal, que ele sabia ser próxima.

Strutt acordou tremendo. O sinal em neon do lado de fora da janela de seu apartamento, algo clichê, mas teimoso como uma dor de dente, definia-se extravagante contra a noite a cada cinco segundos, e baseado nisso e nas rajadas de vento frio, Strutt soube que era manhãzinha. Fechou novamente os olhos, mas embora suas pálpebras estivessem quentes e pesadas, sua mente não se anuviou. Além dos limites de sua memória, espreitava o sonho que o havia acordado; ele movimentava-se temeroso. Por alguma razão, havia pensado numa passagem de sua leitura noturna anterior: - Quando Adão chegou à porta, sentiu a mão de Evandro agarrar a sua, torcendo seu braço para trás, forçando-o a ajoelhar-se no chão... Seus olhos abriram-se e buscaram a estante, em busca de alívio; sim, o livro existia, seguro dentro de sua capa, cuidadosamente alinhado a seus companheiros. Lembrou-se de retornar para casa uma noite, para encontrar *Senhorita Whippe, Governanta à Moda Antiga*, enfiado dentro de *Prefeitos e Bichas*, escangalhado dentro de *Prefeitos e Bichas*; a senhoria explicou que ela deve ter substituído erroneamente após a limpeza, mas Strutt sabia que ela os havia danificado de propósito.

Comprou uma estante com tranca, e quando a senhoria pediu a chave, ele respondeu:

- Obrigado, acho que posso lidar com os livros eu mesmo. Você não consegue fazer amizades hoje em dia. Ele fechou os olhos novamente; o quarto e a estante, criados em cinco segundos pelo neon e destruídos em igual regularidade, encheram-no de seu vazio, lembrando-o que ainda restavam semanas até o começo do novo período letivo, quando enfrentaria a primeira aula da manhã e adicionaria o - Vocês já me conhecem à usual apresentação no estilo - Vocês jogam limpo comigo e eu jogo limpo com vocês, aviso que algum garoto certamente testaria, e Strutt teria de lidar com ele; ele viu a extensão de cadeiras de

ginásio espalhadas, lá onde ele bateria um tênis de ginástica com força revigorante – Strutt relaxou; embalado pelo eco totalizante de pés como pilões sobre o chão de madeira do ginásio, o balançar febril das barras de parede quando os rapazes subiam como enxame na direção do teto, e olhando fixamente para cima, acabou adormecendo.

Ofegando, obrigou-se a fazer os exercícios matutinos, e então bebeu rapidamente o suco de frutas que era sempre sua primeira escolha na bandeja trazido pela filha da senhoria. Maldosamente bateu com o copo ao devolvê-lo à bandeja; o vidro trincou (ele iria dizer que era uma acidente; ele pagava aluguel suficiente para cobrir esse prejuízo, e podia muito bem ter um pouco de satisfação com esse dinheiro). - Imagino que você teve um Natal estupendo, falou a garota, inspecionando o quarto. Ele pensou em agarrá-la pela cintura e satisfazer aquela feminilidade arrogante – mas ela já havia ido embora, as pregas de sua saia dançando, deixando o estômago de Strutt embrulhado e quente de antecipação.

Depois, arrastou-se até o supermercado. De vários jardins vinha o arranhar de pás limpando a neve, ruído de fazer rangir os dentes; esses sons diminuía e eram respondidos pelo chiados da neve engolindo as botas que andavam. Quando emergiu do supermercado, abraçado a um monte de latas, uma bola de neve roçou seu rosto para esmagar-se contra a janela, formando uma barba translúcida, que descia pela vidraça como o muco dos narizes daqueles rapazes que mais sentiam a cólera de Strutt, pois ele tinha o propósito de extrair aquela feiura, aquela hediondez, na base dos castigos físicos. Strutt olhou ao redor, buscando quem havia arremessado a bola de neve – um menino de sete anos, que subia em seu triciclo para fugir com rapidez; Strutt moveu-se involuntariamente, como se fosse puxar o garoto para dar-lhe uma surra. Mas a rua não estava deserta; logo a mãe da criança, de bobes saindo por debaixo de um lenço, batia na mão do filho:

– Eu te avisei, não faça isso

– Desculpe, dirigiu-se ela a Strutt.

- Está bem, resmungou, e marchou de volta a seu apartamento.

Seu coração batia incontrolavelmente. Desejava de maneira

febril que pudesse conversar com alguém, como havia conversado com o livreiro dos limites de Goatswood, que compartilhava de seus instintos; quando o homem morrera, no começo daquele ano, Strutt sentira-se abandonado num mundo hostil e de conspiração tácita. Talvez o dono da nova loja pudesse provar-se similarmente simpático? Strutt teve esperanças de que o homem que o havia conduzido até ali não fosse um atendente, mas se ele era, certamente poderia ser alguém de quem se podia livrar – um livreiro com contatos com a Ultimate Press certamente deveria ser alguém similar ao próprio Strutt, que se oporia tanto quanto ele à presença daquele sujeito, enquanto estivessem conversando com franqueza. Além desses devaneios, Strutt precisava de livros para ler naqueles feriados natalinos, e o *Squeers* não duraria o suficiente; a loja com certeza estaria fechada na Véspera de Natal. Tendo definido seus propósitos, largou as latas na mesa da cozinha e desceu correndo pelas escadas.

Strutt saltou do ônibus em silêncio; a barulhada do motor rapidamente foi sumindo e abafou-se por entre as casas cobertas de neve. A neve empilhada aguardava a vinda de algum som. Ele chapinhou por entre os rastros de carros até a calçada, a camada de neve sobre esta marcada por incontáveis pegadas sobrepostas. A rua serpenteava; tão logo a avenida principal estivesse fora de vista, a rua lateral revelava seu verdadeiro caráter. A neve acumulada sobre as entradas das casas tornava-se gasta; protusões enferrujadas surgiam em meio à brancura. Uma ou duas janelas mostravam árvores de Natal, suas carumas envelhecidas caindo, seus galhos encurvados com as luzes voluptuosamente faiscantes. Contudo Strutt não tinha olhos para esses detalhes, mas mantinha seus olhos na calçada, buscando evitar as manchas circuladas por pegadas de cães. Seu olhar acabou encontrando o de uma velha senhora que fitava um ponto abaixo de sua janela, que talvez fosse o limite de seu mundo exterior. Sentindo um calafrio momentâneo, apressou o passo, seguido por uma mulher que, dado o conteúdo de seu carrinho de bebê, havia parido uma pilha de jornais, e parou diante da loja.

Embora o céu alaranjado mal podia iluminar o interior da loja, nenhum brilho elétrico era visível por entre as revistas, e a placa quebrada pendurada por trás do entulho poderia talvez ter

escrito a palavra FECHADO. Lentamente, Strutt desceu pelos degraus. O carrinho de bebê rangeu próximo, os últimos flocos de neve espalhando-se por sobre os jornais em seu interior. Strutt fitou sua curiosa proprietária, voltou-se e quase caiu numa súbita escuridão. A porta havia se abrido e uma figura bloqueava o umbral.

– Não estão fechados, imagino? falou Strutt com a língua enrolada.

– Talvez não. Em que posso ajudá-lo?

– Estive aqui ontem. Livro da Ultimate Press, respondeu Strutt ao rosto na mesma altura do seu, desconfortavelmente próximo.

– Claro que esteve, sim, eu lembro. O outro oscilava sem cessar, como se fosse um atleta fazendo aquecimento, e sua voz variava constantemente de baixo para falsete, o que perturbava Strutt. - Bem, entre antes que a neve te pegue, disse o outro, e bateu a porta por trás deles, evocando uma nota do fantasma de lingueta do sino.

O livreiro – este deveria ser ele, presumiu Strutt – assomou por detrás dele, uma cabeça mais alto; descendo por entre a meia-luz, entre os vagos e vindicativos cantos das mesas, Strutt sentiu uma obscura compulsão de assegurar-se de alguma forma, e comentou: - Espero que tenha encontrado o dinheiro do livro. Seu homem parecia não querer que eu pagasse. Algumas pessoas teriam levado isso ao pé da letra.

– Ele não está hoje conosco. O livreiro ligou a luz dentro de seu escritório. Quando seu rosto de dobras e linhas gordas recebeu luz, pareceu crescer; os olhos afundaram-se em estrelas flácidas de rugas; as bochechas e a testa rebentaram com tantas linhas de expressão; a cabeça flutuava como um balão inflado pela metade, por sobre o paletó de lã. Por baixo do bulbo luminoso descoberto, as paredes se apertavam, cercando uma mesa bastante desgastada, da qual fluíam cópias cheias de impressões digitais da revista *O Livreiro*, jogadas de lado por uma máquina datilográfica negra, cheia de poeira, do lado da qual descansavam um toco de cera de lacre e uma caixa de fósforos aberta. Duas cadeiras opostas em cada lado da mesa, e por trás desta uma porta fechada. Strutt sentou-se diante da mesa, espalhando pó pelo chão. O livreiro caminhou de um lado para

o outro ao redor de Strutt e subitamente, como se atingido pela própria pergunta, disparou: - Diga-me, por que você lê esses livros?

Aquela era uma pergunta muitas vezes dirigida a Strutt por aquele professor de inglês na sala de docentes, até que parasse de ler seus romances durante os intervalos. O súbito retorno da pergunta o pegou desprevenido, e conseguiu apenas soltar seu velho contra-argumento: - Como assim, por quê? E por que não?

- Eu não estava te criticando, apressou-se o outro, movendo-se inquieto atrás da mesa.

- Estou genuinamente interessado. Eu iria perguntar se você não deseja que o que lê aconteça, de certa forma?

- Bem, talvez. Strutt ficou desconfiado com o rumo que a conversa estava tomando, e desejou poder impor seus próprios termos; mas suas palavras pareciam cair naquele silêncio coberto de neve que escondia-se por dentro das paredes empoeiradas, para desaparecerem de imediato, sem deixar rastros.

- Quero dizer: quando você lê um livro, não o faz acontecer diante de si, dentro de sua mente? Em particular se tentar conscientemente visualizar, mas isto não é o essencial. Você pode afastar-se do livro, é claro. Conheci um livreiro que trabalhava com esta teoria; você não tem muito tempo para ser você mesmo nesse tipo de área, mas quando ele podia, trabalhava na questão, embora nunca a tenha formulado apropriadamente - Espere só um segundo, vou mostrar te uma coisa.

Pulou da mesa para dentro da loja. Strutt imaginou o que estava além da porta por trás da mesa. Semiergueu-se, espreitando para trás, mas viu o livreiro já retornando pelas sombras esvoaçantes, segurando um volume extraído em meio a Lovecrafts e Derleths.

- Este aqui tem a ver com seus livros da Ultimate Press, sério, disse o outro, batendo a porta do escritório ao entrar. - Estarão publicando um livro de Johannes Henricus Pott no ano que vem, assim ouvi falar, e que também trata de sabedorias proibidas, como este aqui; você sem dúvida se encantaria em saber que eles acham que podem deixar algo do Pott no latim original. Este aqui deve interessá-lo, contudo; é a única cópia.

Provavelmente, você não conhece as *Revelações de Glaaki*; é uma espécie de Bíblia escrita sob orientação sobrenatural. Existiram apenas onze volumes – mas este é o duodécimo, escrito por um homem no alto de Mercy Hill, guiado por sonhos. Sua voz ficou menos firme, conforme continuava a falar. - Não sei como foi que foi que ganhou as ruas; suponho que a família do homem possa tê-lo encontrado em algum sótão, após sua morte, e com ele ganhou um punhado de cobres, quem sabe? Meu livreiro – bem, ele conhecia as *Revelações*, e percebeu que este exemplar era sem preço; mas não queria que o fornecedor percebesse que tinha uma descoberta em mãos e talvez a levasse à biblioteca ou à Universidade, de modo que o tomou como parte de um lote maior e disse que iria usá-lo para rascunho. Quando leu – Bem, havia uma passagem aqui, que parecia ter sido feita especialmente para testar sua teoria. Olhe só.

O livreiro mais uma vez deu a volta por Strutt e colocou o livro em seu colo, seus braços descansando nos ombros do professor. Strutt comprimiu os lábios e deu uma olhadela no rosto do outro; mas alguma força diminuiu, recusando-se a apoiar sua desaprovação, e ele abriu o livro. Era um velho livro-razão, de encadernação craqueante, suas páginas amareladas cobertas por linhas irregulares de finas linhas manuscritas. Por todo o monólogo introdutório, Strutt ficara atônito; agora que o livro estava diante de si, lembrou vagamente daqueles pacotes de folhas datilografadas duplicadas, que eram passadas adiante nos banheiros de sua adolescência, pois - *Revelações* sugeria algo proibido. Assim intrigado, leu de maneira aleatória. Ali em Baixo Brichester, o bulbo exposto definia cada pedaço de tinta descascada da porta à sua frente, e mãos moviam-se em seus ombros, mas em alguma parte lá no fundo, sentia-se perseguido através da escuridão, por pegadas vastas e sutis; e quando virou-se para olhar o que era aquilo, uma figura inchada e brilhante já estava sobre ele – Mas o que era tudo aquilo? Uma mão apertava seu ombro esquerdo e a mão direita virava as páginas; e finalmente um dedo sublinhou a seguinte sentença:

Além dum abismo na noite subterrânea, uma passagem leva a uma muralha de tijolos massivos, e além da muralha está Y'golonac, esperando para ser servido pelas esfarrapadas

figuras sem olhos da escuridão.

Há muito ele tem dormido além da muralha, e aqueles que rastejam por sobre os tijolos passam por sobre seu corpo, sem saber que ali está Y'golonac; mas quando seu nome é pronunciado ou lido, ele atende para ser venerado ou para alimentar-se e assumir a forma e alma daqueles de que se alimenta.

Pois aqueles que leem sobre o mal e buscam a forma desse mal dentro de suas mentes convocam o mal, e assim poderá Y'golonac retornar para caminhar entre a humanidade e esperar aquele tempo quando a terra será limpa e Cthulhu ascenderá de sua tumba entre as algas, Glaaki arrebratará o alçapão de cristal, a prole de Eihort nascerá para a luz do dia, Shub-Niggurath forçará e esmagará a lente lunar, Byatis destruirá sua prisão, Daoloth rasgará a ilusão para expor a realidade que está oculta por trás dos véus.

As mãos em seus ombros mudavam constantemente a pressão, afrouxando e apertando. A voz flutuava:

– O que achou disso?

Strutt pensou que era um lixo, mas de alguma forma, sua coragem escorregou e se desfez; replicou de maneira bem mais suave: - Bem, não é – não é o tipo de coisa que se vê à venda.

– Achou o trecho interessante? A voz se aprofundava; agora era um baixo arrebatador. O outro rodou para trás da mesa; parecia maior – sua cabeça batia no bulbo, lançando sombras que espreitavam pelos cantos, e recuavam, e mais uma vez espreitavam. - Está interessado? Sua expressão era intensa, se é que aquilo podia-se chamar de expressão; pois a luz movia as trevas nos buracos de seu rosto, como se a estrutura óssea estivesse visivelmente derretendo.

Lá no fundo da mente ofuscada de Strutt, surgiu uma suspeita; ele não ouvira falar de seu querido amigo morto, o livreiro de Goatswood, que um culto de magia negra existia em Brichester, um círculo de jovens dominado por um certo Franklin, ou Franklyn? Será que estava sendo entrevistado para admissão no culto? - Eu não diria isso, argumentou.

– Ouça. Houve um livreiro que leu este trecho, e eu contei a ele que você podia ser o alto sacerdote de Y'golonac. Você convocará os vultos da noite para venerá-lo, em certas épocas do ano; prostrar-se-á diante dele e em troca, sobreviverá quando a terra for limpa para os Grandes Antigos; irá além dos limiar para aquilo que se separa da luz...

Antes que pudesse terminar, Strutt interrompeu sem pensar: - Vocês estavam falando de mim? Acabara de perceber que estava sozinho com um louco, num recinto fechado.

– Não, não, quis dizer o livreiro. Mas a oferta agora é para você.

– Bem, desculpe, mas tenho outras coisas para fazer. Strutt preparou-se para levantar.

– Ele também recusou. O timbre da voz feria os ouvidos de Strutt. - Eu tive de matá-lo.

Strutt congelou. Como lidar com alguém insano? Pacificando-o. - Espere aí, espere aí, espere só um segundo...

– Que benefício lhe traria a dúvida? Tenho mais provas à sua disposição do que você seria capaz de suportar. Você será meu alto sacerdote, ou jamais deixará esta sala.

Pela primeira vez em sua vida, enquanto as sombras entre as paredes opressivas moviam-se mais lentas, como se antecipantes, Strutt batalhava para conter uma emoção; submergiu sua mescla de medo e cólera com calma. - Se não se importar, tenho de encontrar uma pessoa.

– Não quando seu destino está aqui entre essas paredes. A voz engrossara. - Você sabe que eu matei o livreiro – estava em seus jornais. Ele fugiu para a igreja em ruínas, mas eu o segurei com minhas mãos... E então deixei que o livro na loja para ser lido, mas o único que o pegou, por engano, foi aquele homem que o trouxe aqui... Um tolo!

Enlouqueceu e entrou em posição fetal no canto da sala, quando viu as bocas! Eu o mantive porque pensei que ele poderia trazer alguns de seus amigos que chafurdam nos tabus físicos e perdem as verdadeiras experiências, aqueles lugares proibidos ao espírito.

Mas ele acabou por contatá-lo e trazê-lo logo quando eu estava me alimentando. Aparece comida aqui, de vez em quando;

jovens rapazes que vêm buscando livros, em segredo; eles têm de ter certeza de que ninguém saiba o que estão lendo! – e podem ser persuadidos a ler as *Revelações*. Imbecil! Ele não pode mais trair-me com seu desleixo – mas eu sabia que você iria retornar. E agora será meu.

Os dentes de Strutt rangiam silenciosamente, até que ele pensou que suas mandíbulas iriam estourar; levantou-se, assentindo a cabeça, e passou o volume das *Revelações* para a figura; estava pronto para, assim que a mão se fechasse sobre o encadernado, sair correndo pela porta do escritório.

– Você não pode sair, sabe disso; está trancado. O livreiro balançou os pés, mas não fez movimento na direção de Strutt; as sombras agora estavam impiedosamente claras, e a poeira estava suspensa no silêncio. - Você não está sentindo medo – parece ser calculista demais. É possível que ainda não acredite? Tudo bem... colocou suas mãos na maçaneta da porta por trás da mesa: - ...você quer ver o que restou de minha comida?

Uma porta abriu-se na mente de Strutt, e ele recuou horrorizado do que poderia estar além dela. - Não! Não! gritou. A fúria seguiu-se a sua involuntária demonstração de medo; desejou ter uma bengala, com que subjugar a figura que o intimidava. Julgando por seu rosto, pensou, as massas proeminentes no paletó de lã devem ser de gordura; se eles brigassem, Strutt venceria. - Vamos deixar isto claro, gritou, - já brincamos demais aqui! Ou você me deixa sair ou eu... mas encontrou-se procurando uma arma qualquer.

Subitamente, pensou no livro que estava ainda em sua mão. Roubou a caixa de fósforos da mesa, por trás da qual a figura observava, ominosamente impassiva. Strutt riscou um fósforo, e então segurou as capas por entre o dedo indicador e o polegar, balançando as páginas.

– Eu vou queimar o livro! ameaçou.

A figura ficou tensa, e Strutt ficou frio de medo de seu movimento seguinte. Ele tocou a chama no papel, e as páginas viraram-se, consumindo-se tão rapidamente que Strutt teve a impressão de fogo brilhante e sombras crescendo instavelmente massivas nas paredes, antes do livro tornar-se cinzas no chão. Por um momento, encararam um ao outro, imóveis. Depois das

chamas, uma escuridão correu até os olhos de Strutt. Através dela, ele enxergou o paletó rasgar-se com estrépito, diante da expansão da figura.

Strutt jogou-se contra a porta do escritório, que resistiu. Girou seu punho, e observou num estranho deslocamento atemporal o punho estilhaçar o vidro fosco; o ato pareceu isolá-lo, como se suspendendo toda ação além de si mesmo. Através das facas de vidro, na qual brilhavam gotas de sangue, viu os flocos de neve dançarem na luz âmbar, infinitamente distante; distante demais para que pudesse chamar por ajuda. Assaltou-o um horror de ser seguro por trás. Do fundo do escritório, veio um som; Strutt virou-se, mas ao fazê-lo fechou os olhos, aterrorizado demais para encarar a fonte daquele som – mas quando os abriu, viu a razão pela qual a sombra no vidro fosco, ontem, parecia sem cabeça, e então gritou. Quando a mesa foi jogada para o lado, pela gigantesca figura nua, e cuja pele ainda prendiam-se trapos do paletó de lã, o último pensamento de Strutt fora uma inacreditável convicção de aquilo só estava acontecendo porque ele lera as *Revelações*; em algum lugar, alguém havia *desejado* que aquilo acontecesse com ele.

Não era justo, ele não fizera nada para merecer aquilo – mas antes que pudesse gritar em protesto, seu fôlego foi cortado, quando as mãos desceram sobre seu rosto e nas palmas, abriram-se bocas úmidas e vermelhas.

RAMSEY CAMPBELL é um autor britânico de ficção de horror, tido por alguns como o sucessor de Lovecraft e o equivalente britânico de Stephen King. Entre suas primeiras criações no campo do horror estão as histórias do Mythos de Cthulhu que, por conselho de August Derleth, passam num cenário britânico fictício chamado Severn Valley, com localidades como Brichester, Goatswood e outras, assim como HP Lovecraft havia desenvolvido o Vale do Miskatonic com Arkham, Dunwich, Innsmouth e Kingsport.

NÓS DE ARCTURUS - Christopher Anvil



Boglis Kamm parou no limite da floresta e olhou para as fábricas, os carros e o avião brilhante descendo em direção ao vale que se abria na sua frente. Inconscientemente umedeceu os lábios.

– São tantos pontos de entrada e flancos desprotegidos, ele disse, que você não sabe por onde começar a atacá-los.

Slint, companheiro de Kamm no Teste de Infiltração #6, enfiou os ganchos do pano de camuflagem no gramado, prendendo-o ao redor da pequena espaçonave pessoal arcturiana.

– Parece fácil, disse Slint. Mas o que aconteceu com os Testes de Infiltração 1, 2, 3, 4 e 5 ? Eles desceram por aqui também, você sabe. Nos últimos 90 dias. E não ouvimos nenhum sinal de nenhum deles.

Kamm olhou-o com cara feia e procurou através dos vários canais de comunicação telepática.

– Nada além de estática' ele disse. – E já vimos seus transportes e habitações. É tudo físico.

Slint pegou uma pá bruta, feita por sua própria raça: com a extremidade irregular, sem a curvatura para alavanca onde a lâmina se unia ao cabo. A pá era feita de placas superpostas e o punho com fita enrolada era seu ponto mais fraco. Slint examinou-a com desgosto antes de guardá-la sob a roupa camuflada.

– Podemos esperar que este planeta tenha algumas ferramentas mecanizadas. Toda vez que atingimos uma pedra grande demais para teletransportar, acabamos tendo que trabalhar com pés-de-cabra e estas pás miseráveis.

Kamm concordou. – A coisa acaba nos ocupando demais. Já é ruim o bastante ter que converter a forma arcturiana . Mas ter que contar com esta malditas ferramentas a cada vez que queremos nos mover é demais.

Um barulho baixo interrompeu a conversa. Kamm olhou apreensivo para as enormes nuvens escuras acima dele.

Slint disse: – Como estou? Pareço um nativo?

Kamm estudou a aparência de um humano comum de Slint, os braços, a cabeça sobre o pescoço, o movimento de braços e pernas enquanto caminhava, seu casaco cinza, a camisa branca e a gravata azul. Checou para ver se Slint tinha quatro dedos e um polegar em cada mão.

– Parece satisfatório.

– Ok. Vou checar você.

Kamm caminhou pela clareira e voltou até o lugar onde estivera antes, olhando da colina para lá embaixo. Slint fez um sinal de satisfação.

– Está bom. Parece com o que vimos na 'televisão colorida' e o que estivemos recebendo via telepática.

– Bom. Mais alguns detalhes e podemos ir.

Kamm alcançou o bolso lateral, conferiu o protoplasma-coagulador aldebariano, checou-o cuidadosamente e guardou-o de volta em seu bolso.

Slint olhava para o céu e hesitava.

– Deveríamos ir lá enquanto há tempo? Ou desistir...

– Hmmm. – Kamm olhava a formidável nuvem negra atravessando o céu na direção deles.

– Mas e se ao voltarmos eles nos perguntarem o que se passou?

Slint suspirou. 'Irei pegar o gravador e depois poderemos sair daqui...

Ouviram um trovão poderoso.

Kamm disse: – Okay, ninguém vai mesmo ouvir isso e não entenderiam de qualquer maneira. Talvez o trovão abafe a coisa para nós.

– Não temos tanta sorte – rosnou Slint. Desapareceu assim que se teleportou para o transporte pessoal e então reapareceu um momento depois, segurando um pequeno gravador centuriano, que pendurou num galho mais baixo de um pinheiro, uns vinte metros da extremidade da clareira. Apertou o botão.

– Cidadãos – trovejou a voz da caixa gravadora falando na sua língua nativa.

A camuflagem siriana sobre a espaçonave arcturiana tinha se adaptado para simular o solo ao redor.

– Soldados – gritou o gravador.

Ouviu-se um murmúrio de trovão. Slint disse – Espero que termine logo.

– Nunca é rápido – disse Kamm.

– Conquistadores – gritou a caixa. – Sempre em frente para a Glória e para o Triunfo. Para arrancar outra jóia preciosa da orbe violeta do espaço e colocá-la no diadema da Única Verdadeira Raça! A Vitória e a Glória são suas! O triunfo! É de vocês o esplendor! Da maior raça de conquistadores que já atravessou as estrelas!

– Se, murmurou Slint. o seu gravitor não fundir.

– Ou o controle de temperatura – completou Kamm.

Um providencial e estrondoso trovão abafou a parte seguinte. Quando conseguiram ouvir de novo, o gravador havia terminado as generalidades da abertura e entrado nos detalhes.

– Isso, então, é o que nos distingue de outras formas de vida conhecidas. Nossa capacidade de nos adaptar. Qualquer um pode conseguir a Glória meramente através do uso da força. Centenas de raças se orgulham disso, apesar de seus intelectos medíocres. Conquistamos ostentando o poder da comunicação e da clarividência telepática, e da habilidade telecinética de exercer nossa força à distância. Somente nós, de todas as raças conhecidas, pode tomar a forma e reproduzir a estrutura e todo o resto e através de uma conquista silenciosa e eficiente, destruí-los mesmo telepaticamente, através de nossa capacidade de assumir a identidade deles temporariamente.

– Contudo, uma condição protoplasmática magnífica deve ser rigidamente mantida, condições saudáveis de limpeza, ou nosso incomparável controle protoplasmático estará prejudicado. Esta é a única condição, é só. Nada mais. Porém é essencial.

– Assim, para cumprir sua missão, devem manter-se protegidos da contaminação, para a Glória da Conquista! Para o triunfo da Raça. Para o...

Um flash cegante e o trovão fez a terra tremer. A chuva caiu banhando-os.

Slint correu para o gravador que agora despejava música marcial no aguaceiro.

Kamm e Slint teleportaram-se para o pequena nave espacial, onde estavam tão desconfortáveis quando sardinhas em lata.

Acima deles, o som da chuva tamborilando na camuflagem e escorrendo ao longo dela e penetrando os espaços e molhando o lugar onde estavam sentados.

O gravador, após um instante de silêncio terminou num crescendo final que os deixou surdos.

Slint disse com raiva: 'Agora o que fazemos? Voltamos a forma arcturiana para caber nestas caixas de sapato?'

Kamm contorceu-se para livrar-se de um dos controles afiados que magoava sua costela.

– Bem, não podemos enxergar através do aguaceiro. E não podemos arriscar ir parar dentro de uma caldeira ou ficar presos dentro de uma parede. Então teletransportar está fora!

– O Controle de Pessoal e suas idéias estúpidas sobre não poder ir a um Tese de Infiltração se tem a clarividência desenvolvida!

Kamm experimentou enxergar mentalmente, mas apenas conseguiu a estática de sempre, vaga e mal definida imagem

– Bem, certamente não confiam em mim o bastante para isso.

– Eu suponho, murmurou Slint, que eles tem medo que apenas fiquemos olhando à distância, ao invés realmente de fazer um teste de infiltração, e que alguma raça PSI poderosa possa nos enganar.

– 'Criaturas inferiores são algumas vezes superiores em certas habilidades menores.' disse Kamm tentando se confortar com sua parca clarividência. 'Mas, ele completou, mudando de assunto, estamos ainda presos aqui.

– Vou te dizer, começou Slint, você se lembra daquela raça de seis pernas, que vivia mergulhada na lama em Grinnel II? Eles não teriam nenhum problema num tempo destes!

– Boa idéia, disse Kamm. E podemos providenciar duas malas para a prova d'água para carregar as roupas. Eu vi num filme na televisão que se pode ir para um HOTEL, com uma MALETA."

Duas horas depois, um par de monstros saía debaixo da camuflagem, caminhando com cinco pernas enquanto uma sexta perna segurava uma maleta. Afastaram-se da floresta, caminhando devagar, descendo o morro. No caminho encontraram uma auto-estrada e aquilo se converteu em um problema.

– Olhe para aquilo, disse Kamm, tem ainda um monte de carros na estrada, apesar da chuva. E os Céus nos ajudem se eles nos virem.

Kamm pensou em vários detalhes das informações que tiraram dos programas noturnos da televisão.

O planeta era sujeito frequentemente ao surgimento de gorilas gigantes, formigas e aranhas enormes, monstros do mar e invasores de outros planetas do seu sistema solar local, e sem dúvida, eles não teriam dificuldade de esmagar um par de mergulhadores-da-lama de várias patas.

– De outro modo, disse exasperado, apesar de poder ver o outro lado da estrada, não podemos nos teletransportar para lá.

– Queimaria nosso sistema nervoso' concordou Slint.

– Hum – murmurou Kamm olhando ao redor. – Bem, não podemos correr o risco de sermos vistos. Talvez possamos pegar um desvio ao redor da estrada. a floresta segue ao longo da colina e poderia nos dar cobertura.

– Vale a pena tentar!'

Quinze ou vinte minutos depois tinham outro problema.

Apesar daquele corpo não ser afetado pela chuva forte, os pés das criaturas não estavam acostumados ao solo duro e os músculos e ossos eram feitos para uma gravidade menor.

– Não estou agüentando' disse Kamm passando a maleta de uma pata para outra. `Preciso mudar os músculos desta criatura.

– Isso significa juntas dos ossos maiores e um sistema sanguíneo melhor.

– Que significa um coração maior...

– E pulmões melhores...

– E já nos transformamos em outras criaturas em outras vezes, apenas para poder falar algumas simples palavras.

Slint falou: – Vamos nos sentar um pouco.

– Como? Onde você vai colocar estas patas todas e estas garras para teias?

– Eu esqueci. Estas coisas nunca se sentam. Elas saem das profundezas e flutuam sobre a água.

Kamm esforçou-se com o vocabulário de mergulhador-de-lama para fazer alguns comentários.

O resultado foi que meia hora depois eles saíram debaixo de uma grande árvore folhuda e caminharam eretos, parecendo homens carregando suas malas de trabalho.

– É provável, resmungou Kamm, que as outras cinco equipes tenham se afogado.

– Pode ser, disse Slint. É realmente uma vergonha que com nossas habilidades superiores não possamos sequer ficar secos.

– É verdade.

Kamm tentava teletransportar gotas de chuva assim antes que caíssem, mas eram tão finas e rápidas que escapavam.

Ao aguaceiro seguiu-se algo parecido com uma cachoeira.

Eles correram morro abaixo em direção a estrada. A chuva momentaneamente diminuiu.

– Por que, perguntou Slint, não fazemos alguns daqueles guarda-chuvas no Fabricador. Você sabe. Como aqueles que vimos na televisão. Que usam no nevoeiro em Londres para se esconder debaixo.

– Não podemos, pois estivemos ocupados demais seguindo sua idéia de fazer o trajeto como mergulhadores-da-lama.

Seguiram em silêncio a partir daí até a estrada.

Na estrada os primeiros cinco carros se desviaram, o sexto passou por uma poça e atirou água neles, os três seguintes em uma sucessão rápida passaram acelerando como se com medo que eles os atacassem, e então um carro freou, parou e deu ré. A porta abriu, deixando ver um interior surrado, o piso de

borracha gasto e manchas nos assentos.

– Entrem rapazes, disse o motorista jovialmente. Vocês estão molhados mas não se incomodem, não vai fazer mal a este calhambeque.

– Obrigado, disse Kamm ao entrar.

– Muito obrigado', disse Slint.

O motorista alcançou a porta e a fechou: 'Já andei bastante por aí, muita chuva e muito sol, sei como é. Querem um cigarro?

Ele pegou alguns tubinhos esbranquiçados de uma caixa de papel e os ofereceu. Tendo visto na televisão, eles sabiam o que esperar, e cada um colocou os pequenos cilindros em suas bocas.

Kamm murmurou telepaticamente – acho que nossa sorte mudou para melhor. Este nativo é amigável. Vamos conseguir alguma informação.

– Sim, mas precisamos acender estes como-você-os-chama. Como fazemos isso?

– Veja que o motorista empurrou um pequeno plugue no painel do carro e quando ele saltou, basta pegá-lo e encostar ao cigarro e a fumaça vai sair. Vi isso num filme.

– Sim senhor, disse o motorista amável, não há nada como um carro... desde que funcione. O de vocês deve ter quebrado, eu suponho.

– Sim, sim, foi isso.

Eles sentaram lá pingando no assento em amigável silêncio.

Slint transmitiu um pensamento para Kamm. "Não consigo entender por que as outras cinco equipes falharam. Veja como este espécime é amigável e não suspeita de nós. Parecem certamente com vítimas" pensou Kamm.

O amável motorista pigarreou.

– Vocês não disseram o que aconteceu com o carro de vocês.

Slint falou, tentando imitar um fazendeiro que vira na televisão. 'A vara pulou para fora do lado do bloco.

O motorista grunhiu: 'Isso é ruim.

Slint pensou – O que quer que isso seja.

– Eu imagino, pensou Kamm, que eles certamente não suspeitam. Vamos tentar saber mais.

Slint então falou – Isso é sério mesmo?

– E não é?' disse o motorista após quase tirar o carro da estrada.

– Só queria saber' murmurou Slint querendo parecer despreocupado.

O motorista controlou o carro e o pequeno plugue saltou e Slint o pegou e levou sua ponta até seu cigarro. Esperou pacientemente por fumaça.

Kamm, balançado pela aura poderosa de suspeita que derrepente emanou do motorista, começou a falar alto: 'Não, não, a outra ponta!

Slint pegou o cigarro da boca, o virou e disse: 'Qual a diferença?

O motorista alcançou algo sob o banco e trouxe um cano, que guardou sob o seu casaco, esperando que não o tivessem visto.

– Não, não" Kamm dizia telepaticamente. "O plugue, o outro lado do plugue, vire-o.

– Com cuidado!

Slint juntou o acendedor ao cigarro e a fumaça surgiu e por algum motivo ele passou imediatamente a tossir. Os pensamentos do motorista vinham freneticamente, obviamente impelido por alguma forte emoção.

Uma dupla de loucos que escapou do Hospital Estadual. Tenho que tirá-los do carro na primeira oportunidade.

Kamm compreendeu as palavras ,mas não a idéia por trás. Tentando acalmar ao motorista, devolveu o acendedor ao seu lugar, como se habituado a isso e fez um comentário com uma voz amável: 'Se você puder nos deixar em...' Uma busca desesperada nos shows da televisão falhou em retornar com a palavra exata que estava procurando, então tomou emprestado algumas palavras que ele estava certo de que significavam o mesmo.

– ...Especialista automotivo'.

– Claro', disse o motorista com a mão esquerda sob o casaco.

O acendedor pulou para fora e Kamm querendo agir como um

homem da terra comum, puxou o plugue para fora, encostou ao cigarro, tragou, soprou, tragou, soprou, tragou, soprou...

Pontos brilhantes surgiram em sua vista. Seu estômago estava revirado, a garganta congestionada e lágrimas lhe corriam pelas bochechas. Parecia que gases vulcânicos circulavam pelo seu interior. A fumaça enchia seus pulmões, e tinha a sensação de uma marreta acertando-o entre seus olhos.

O carro saiu de lado. O motorista se esticou para abrir a porta e sua voz, com um tom falso, disse: 'Aqui estamos rapazes. Oficina mecânica. Eles vão cuidar do carro de vocês.

Kamm e Slint saltaram do carro. A porta bateu, então o motor acelerou e o carro partiu para logo desaparecer na distância. Kamm olhou para o banco molhado, a lata de lixo e a placa 'Parada de estacionamento'. Outro trovão e uma mão de ar frio e a chuva novamente.

Slint murmurou: 'Não tem mecânica nenhuma.

– Tem que ter uma ao longo da estrada.

– Eu só queria deitar e...

– Ande, – disse Kamm. – Se nós nos deitarmos nesta chuva, estes corpos humanos podem ficar resfriados e ter uma congestão, lembrou-se da televisão. Quem sabe até sinusite'.

– Certo, eu andarei.

Eles voltaram para a estrada e os carros passavam por eles monotonamente. Trinta e cinco minutos depois chegaram a uma parada. A porta do mercado estava aberta e eles entraram. Um atendente apareceu de algum lugar, um cigarro pendente no lábio inferior e olhou para eles. Sumiu dentro de um tipo de escritório. Ouviram um som de líquido sendo despejado e ele retornou com dois copos de papel.

– Remédio para resfriado. O melhor que tem. Vocês parecem mesmo estar precisando. O carro quebrou?

– Obrigado', disse Kamm pegando o copo com o líquido marrom.

Slint murmurou um obrigado e completou: 'É, nosso carro quebrou. Não sabemos o que está errado com ele.

Eles beberam o remédio para resfriado, cientes dos anúncios da televisão sobre que um corpo humano com resfriado não era

nada agradável. O remédio desceu pelas gargantas e momentaneamente ricocheteou nos seus estômagos. E então ouviram uma campainha.

– Cliente' disse o atendente. 'Volto já' e correu para fora.

O remédio parecia ter se transformado em vapor quente que os envolvia. A parte de cima da cabeça de Kamm parecia ter se erguido para deixar sair a fumaça pelos ouvidos.

– Sensação estranha' disse a voz de Slint vinda de algum lugar.

A garagem girava ao redor deles e do atendente quando entrou.

– Vocês tem sorte. Meu sócio saiu para comer mas já vai voltar. Sabe o que mais? Vão até o banheiro, tirem a roupa e deixem elas secando. Leva só alguns minutos. Então nós saímos naquele caminhão e vocês mostram onde está o carro de vocês e a gente guincha ele até aqui. Eu deixo vocês no motel Roadside Inn e podem se secar por lá. Se quiserem podem alugar um chalé e descansar enquanto a gente conserta o carro de vocês. Okay? Vocês estão legal, não estão?

Kamm sentia-se bem legal, mas Slint entendeu o significado melhor.

– É só o carro que não funciona.

Kamm e Slint tiraram suas roupas, as secaram com um conveniente rolo de toalha de papel e as vestiram novamente, sentindo-se mais frios e molhados que antes. Foram para o caminhão onde 'Sam' os convidou para entrar: 'Subam aqui rapazes. Não é muito confortável mas é um transporte.

As portas fecharam, o motor ligou e Sam subiu sua janela e ligou o aquecedor no máximo.

– Já ia esquecendo. Não quero que os rapazes peguem um resfriado.

Fumava um cigarro escuro, quase no fim. Nuvens de fumaça cinzenta circulavam pelo interior da cabine. A caixa de marchas rangeu de novo e o caminhão aumentou a velocidade e Sam gritou acima do barulho do motor: 'Pro sul, não é? Para lá?

Kamm fez que sim.

– OK – disse Sam animado. –Aqui vamos nós.

As marchas subiram de novo, o motor aumentou o giro e o aquecedor largou seu bafo de ar velho e quente, Sam cuspiu fumaça e gritou: 'Está muito longe?

– Oh, disse Kamm, uns...

– Um quilômetro? Um quilômetro e meio?

Slint falou, sua voz saiu alta e desafinada: 'Pra lá... no....

Kamm tossiu assim que Slint sinalizou telepaticamente por ajuda.

– Parada de estacionamento' disse Kamm.

– À esquerda da estrada?

Kamm não sabia o que 'esquerda' queria dizer, mas entendeu a imagem mental.

– É.

O caminhão balançava e saltava a cada buraco da estrada.

Sam acendeu um novo cigarro negro e fino enquanto amassava o antigo no cinzeiro bem a frente de Kamm. Slint junto à porta, colocou o nariz numa brecha entre a porta e a cabine.

Um grande caminhão a frente deles soltava uma grossa fumaça preta no ar.

– Diesel – murmurou Sam quase ao final do seu cigarro. – Fedem pra caramba não?

Um novo odor se juntava ao cigarro novo, as roupas molhadas, ao cigarro apagado, ao vapor do remédio de resfriado, a graxa quente e ao cheiro de gasolina que entrava por alguma parte. E o aquecedor pegava isso tudo e o fazia recircular mais quente ainda.

Simultaneamente os dois se teletransportaram para a clareira. Encostados ao tronco de uma árvore, tossiram buscando ar.

– Espaço aberto' gemeu Kamm.

– Estamos derrotados' disse Slint, engolindo grandes bocados de ar. 'Se o planeta é todo assim, nós já perdemos. Temos que voltar e admitir que não há esperança.

– Não pode ser tão ruim assim' disse Kamm. 'Talvez tenha sido

apenas má sorte. Veja, parou de chover. podemos nos teletransportar direto para a cidade.

Slint olhou para o alto. Tinha este vento frio e as nuvens escuras passando mas era só.

Uma nesga de esperança se apresentou.

– Está parando de chover não? É claro, com roupas ensopadas assim...

– É fácil. Basta passá-las pelo Fabricador e retiramos a água.

Com isso na cabeça, se teletransportaram para a espaçonave e trataram de se preparar.

– Uh – grunhiu Slint, 'Não vamos dar conta do serviço daqui. Nas lá fora tem aquele vento gelado...

Kamm estava tentando dar um jeito em seu pé, preso pela barra de controle gravitacional número quatro.

– Ahgr. Precisamos reconverter à forma arcturiana. Se acertamos o controle errado por descuido, estaremos em apuros. Não dá para controlar a maldita nave, a menos que você assuma a forma de geléia, de um ovo numa frigideira, e possa alcançar todos os dispositivos em diversos níveis na cabine e trabalhando todos eles simultaneamente. Basta deixar um fora de posição e nós estaremos presos para sempre aqui.

– Certo, não há nada mais a ser feito, precisamos nos reconverter' murmurou Slint.

Kamm relaxou e fez uma tentativa. Slint murmurou algo baixo.

Kamm grunhiu com o esforço. Slint soltou um xingamento.

O suor escorreu na face de Kamm.

Nada aconteceu.

Slint disse: – Eu não consigo!

Assustado, Kamm tentou novamente. Novamente nada aconteceu.

Slint estourou furioso: 'Agora eu vou conseguir!

– Cuidado! – gritou Kamm. – Não se mova! Ou você vai nos destruir!

– Vamos sair daqui.

– Certo. Mas nenhum movimento súbito.

Eles se teletransportaram para o exterior.

– Esta dificuldade', disse Slint, 'é por que estamos protoplasmaticamente envenenados. Foi isso que aquele gravador imbecil queria nos alertar antes de começarmos.

– Você está certo', disse Kamm, 'mas o que poderá ter sido? O cigarro, o remédio, a fumaça ou aquele caminhão?

– Não sei o que foi, só sei que aconteceu.

– Argh! Estamos presos então. Ninguém a não ser um arcturiano pode conduzir aquela nave. E se não pudermos nos converter mais...

– Precisamos nos purificar' disse Slint, 'Vamos voltar para a nave, comer a comida do Fabricador, respirar o ar sem fumaça...

Kamm visou a cidade distante, percebendo a fumaça que saia das altas chaminés.

– Como vamos lidar com aquilo? Olhe lá! E como operar o Fabricador se não pudermos nos converter? A mesma coisa dos controles de comunicação.

Slint gemeu. 'Como vamos deixar que saibam onde estamos?

– Acho melhor não. Eles irão assumir que estamos com os nativos.

– Bem, não podemos simplesmente ficar e morrer de fome. Temos que fazer algo.

– Vamos para a cidade. Talvez não seja tão ruim quanto parece.'

Teletransportaram-se para a cidade em dois saltos rápidos, surgindo perto de uma esquina bastante movimentada. A luz do semáforo mudou e carros passaram velozes em ambos os lados da rua. O ar encheu-se de fumaça azul. O cheiro da queima de gasolina os cercou.

– Nada bom' reclamou Kamm.

Eles se teletransportaram de volta a clareira.

Slint olhou enervado para a cidade.

– Aquela coisa se infiltra por toda parte. São milhares daqueles

veículos. Dezenas de milhares, centenas... O que faremos? E quanto ao campo? Uma fazenda quieta e bonita? Poderíamos passar por trabalhadores, alimentar os animais, comer a pura comida natural.

– Boa idéia!' disse Kamm. 'Vamos!'

Um trator atravessava vários acres de campos abertos, enquanto arrastava atrás um aparelho que borrifava um pó esverdeado-branco por cima da plantação. Na casa da fazenda, uma mulher esguichava uma nuvem de spray inseticida ao lado da casa.

Um jovem magro em calças jeans saiu da casa com um cigarro no canto da boca, lançou-o na grama, pisou e apoiou-se contra o capô aberto do motor do carro. Com uma mão, ele alcançou a janela do carro e empurrou algum tipo de abertura cilíndrica. Fumaça cinzenta foi cuspidada dos canos de descarga. O garoto trabalhava furiosamente, saltou dentro do carro, com fumaça se espalhando por toda parte, para depois sair de lá triunfante, com um novo cigarro aceso em sua boca.

– Uh, – disse Kamm, – pó químico nas plantas, spray na casa, fumaça de combustão, fumaça de cigarro... Talvez seja melhor uma... como chamam? Casa do campo... sabe, onde vão descansar...

– Não é uma boa idéia também' disse Slint. 'Vi um... acho que em um documentário. Bem, de qualquer maneira, agora eles não usam mais cavalos. Usam algo chamado... eeps. Funcionam com gasolina.

– Tem que haver um lugar neste planeta. Algo primitivo, mas onde possamos nos adaptar, onde não sejamos irreversivelmente envenenados, ou precisemos usar de armas de explosão para lutar contra os selvagens, como naquele filme onde dois homens e uma garota...

Slint estalou os dedos.

– Já sei. Tudo que precisamos é de alguns documentos falsos e com nossos talentos, será fácil.

– O que? – perguntou Kamm cheio de esperança.

– Vou te dizer. Na televisão, numa noite, eu vi aquilo, lembra?

Ele transmitiu telepaticamente o pensamento e o cérebro de Kamm maravilhou-se com a idéia.

– Vamos então. Não podemos perder tempo.

O recrutador estava irradiando como se apertasse suas mãos. Não era todo mundo que se oferecia avidamente para ir aos territórios possivelmente mais primitivos do planeta.

A insígnia especial no quepe dizia que fazia parte de um grupo de jovens idealistas e decididos, altamente indicados ao se inscrever pelo escritório dele, como aquelas outras cinco duplas de rapazes, isso apenas nos últimos noventa dias.

– Homens – ele disse, 'podem achar que é coisa pesada e difícil, que o pagamento é pequeno e as condições são miseráveis. Mas o fato mais importante é a camaradagem e o serviço prestado à humanidade. Foi, é claro, com esta intenção que vocês se voluntariaram. Servir à humanidade.

Ele soprou a fumaça do cigarro bem nos olhos deles, cheio de algum tipo de emoção sem nome.

– Homens, estou orgulhoso de vocês.

E pensando nos quase milagrosos relatórios que iria preencher, irradiou emoção ao jogar o cigarro ao chão e segurando Kamm e Slint pelos braços, disse:

– Bem vindos ao Corpo de Voluntários pela Paz.

NOSSO FEYNMAN QUE ESTÁ NO CÉU - Paul Di Filippo

A carreira promissora de Ettore Majorana foi encurtada devido ao seu súbito desaparecimento aos 31 anos de idade, durante uma viagem de barco entre Palermo e Nápoles, na Itália. Seu corpo nunca foi encontrado apesar das investigações e a opinião ficou dividida entre aqueles que achavam que ele teria cometido suicídio, fora raptado ou mudara de identidade para começar uma nova vida. 'Agora, o físico teórico Oleg Zaslavskii sugeriu que a ambigüidade que envolve seu destino é parte de uma elaborada ilusão engendrada pelo próprio Majorana, para demonstrar a superposição quântica... Majorana quisera demonstrar os eventos decorrentes do paradoxo com sua própria vida...

- O homem que estava vivo e morto ao mesmo tempo New Scientist, Agosto de 2006.

Cobrando acontecimentos religiosos para um jornal da cidade grande, acreditava ter encontrado cada pequena variação possível da fé popular, e cada pequeno culto imaginável.

Entre as principais religiões, eu tinha entrevistado e simpaticamente escrito sobre Testemunhas de Jeová e Mórmons, de praticantes de meditação transcendental a Wiccans, Budistas Nichiren a Cientologistas, Muçulmanos a Xintoístas.

Uma vez conversei com o cardeal Ratzinger, antes dele se tornar Papa. Estivemos em um jantar de caridade juntos e eu lhe pedi para passar o sal.

Mas ainda assim... Nada me preparou para os Majoranistas.

Meu editor me chamou num dia cheio e bruscamente passou minha nova tarefa.

– Aparentemente surgiu um novo e estranho tipo de igreja lá na esquina da Hoyle e Wickramasinghe. Por que não vai lá dar uma olhada?

Armado com um pequeno gravador de voz, um bloco de reserva e meu esfarrapado exemplar do Novo Livro de Cultos, parti para lá. Assim que o taxi me largou na rua, eu já sabia que aquilo seria uma experiência única.

O prédio que abrigava a nova igreja literalmente era de doer a vista.

Eu não conseguia focar sua forma, Salas e extensões aparentemente brotavam e dissolviam-se, indo e vindo. Finalmente obtive a impressão de ser algum tipo de matriz de cubos anexando-se ao mais próximo em ângulos impossíveis.

Baixando olhos, avancei às cegas em direção da entrada e de frente para uma porta, toquei a campainha. Quando senti a porta se abrir, levantei os olhos.

A pessoa que me encarava, tinha atrás de si uma sala de recepção normal, era jovem, de cabelos castanhos de aparência comum, vestindo uma túnica branca. Na frente dela um símbolo largo e negro de um - n minúsculo.

– Ola! disse o homem agradavelmente. - Sou Nick, um nêutron. Bem vindo ao Primeiro Templo Majoranista. Quer entrar por favor? Entrei e a porta se fechou.

Apresentei-me à Nick e expliquei-lhe minha missão. Ele reagiu com bastante entusiasmo.

– Isso é maravilhoso! Nossa religião nunca teve publicidade antes e estamos ansiosos para atrair novos adeptos. Ficarei feliz em responder a qualquer pergunta.

– Bem, primeiro - que tipo de prédio é esse?

– É simples. Trata-se de um tesseract da quarta dimensão. Um hipercubo. Já leu - E ele construiu uma casa torta de Heinlein?

– Não.

– Bem, leia! Vai aprender tudo que precisa saber. Mas é claro que o prédio de nossa igreja é menos interessante que nossa congregação e crenças.

– É claro. Vocês se chamam de Majoranistas?

– Correto. Nick então começou a contar a história sobre a vida de Ettore Majorana, o homem que inspirou seu culto.

- Então, vocês cultuam este cientista por sua dedicação ao seu campo de estudos... ?
- Não de todo. Nós meramente o respeitamos como a um profeta e santo, a rocha sobre a qual nossa igreja foi fundada. O que louvamos é o Modelo Padrão.
- Qual modelo padrão?
- Nick fez uma careta exasperada. - Só existe um Modelo Padrão e é o paradigma consensual da física moderna.
- Você quer dizer, aquela coisa sobre as partículas subatômicas?
- Precisamente. Apesar da sua síntese grosseira do tema da nossa fé ser injusto. O Modelo Padrão é, elegantemente falando, a melhor compreensão e síntese e entendimento da humanidade, quanto ao funcionamento da Criação. Você consegue conceber um material melhor para reger a vida de alguém ou mais apropriado como objeto de adoração?
- Não faço julgamentos sobre a crença dos outros, Nick. Por que não continua me explicando as coisas pra mim, de maneira que nossos leitores possam entender?
- Muito bem. Farei-lhe uma apresentação dos vários átrios de nossa devoção.

Tomamos o caminho através da sala de recepção, em direção a uma saída em arco. Quando pisamos além dele, senti ser torcido através de uma dúzia de dimensões diferentes. De repente me encontrava em uma pequena sala na penumbra, que não era previamente visível da sua entrada. Trios de pessoas, todas de túnicas brancas adornadas com letras gregas e romanas se espalhavam por ali.

- Todos os postulantes começam como quarks. explicou Nick. - A mais primitiva de todas as partículas. Estranha e encantadora. Elas procuram moldar suas mentalidades até conseguir empaticamente grok⁽¹⁾ este nível mais baixo da criação.
- E por que estão em três?
- Porque é como quarks reais se agregam, em grupos inquebráveis de três.
- Espreitando na pouca luz, percebi que cada trio escondia uma

quarta pessoa no meio. Perguntei sobre a identidade desta.

– Oh, aqueles são bósons WZ. Eles são mediadores de forças mais fracas e mantêm os quarks juntos.

Tudo aquilo parecia muito esquisito para mim e suspeitei que talvez os Majoranistas fossem outro culto sexual, como muitos outros que existiam. Mas se eram orgiásticos, eram por demais fleumáticos e desapaixonados, ficando parados sem qualquer emoção. Fiquei bastante confuso.

Deixando estes para trás, passamos por outra chocante transição, e desta vez estávamos em um salão amplo e claro, bastante arejado. Estava repleto de pessoas movendo-se rápido, para lá e para cá.

– Nos chamamos esta sala de Câmara de Nuvem. Após a graduação dos quarks, nossos postulantes se tornam férmions e bósons de vários tipos, dependendo de suas qualidades inatas. Elétrons, múons, prótons, léptons. Fótons, gravitons e Bosons de Higgs. Pelo menos nós pensamos que há algum bóson de Higgs presente - embora ninguém nunca tenha visto um. Mas de qualquer forma, eles se misturam em um tipo de sopa cósmica, não diferenciada; parecida com o estado cósmico pouco após o Big Bang. Então gradualmente se resolvem como átomos e moléculas.

Observei uma cena caótica por um tempo. Lembrou-me o recreio de uma escola Montessoriana. Então perguntei:- Podemos ver o estágio seguinte, por favor?

Nick fez um gesto como se não valesse a pena. - São muito chatos neste ponto, lamento dizer. Após a mudança de fase é mera química e biologia.

– Se importa se eu entrevistar outro Majoranista?

– Bem, a maioria dos meus co-religiosos são bem energéticos neste estágio, mas pode tentar se quiser.

Eu me aproximei de alguns candidatos, mas eles me ignoraram e saíram de perto. Nick riu do meu esforço.

– Vai precisar de sorte para capturar um neutrino! Eles não interagem com ninguém! Nós nêutrons somos os únicos que somos lentos e sólidos o bastante para permitir uma

conversação.

Tentei outro Majoranista vestindo uma túnica com um - n minúsculo e confirmei tudo que Nick havia me dito. O tumulto causado pelos Majoranistas estava me dando dor de cabeça. Perguntei a Nick se podíamos voltar para a sala anterior e ele concordou. De volta a ante-sala, sozinho com Nick eu disse - Parece que a sua igreja não tem uma hierarquia.

Vocês não tem líderes de algum tipo? Homens e mulheres mais sábios que decidem questões de doutrina?

– Sim, temos. São chamados de Constantes.

– Constantes?

– O Modelo Padrão admite várias constantes universais. A velocidade da luz no vácuo, a constante gravitacional de Newton. E outras nomeados após Planck, Dirac, Boltzmann, Bohr, Von Klitzing, Josephson, Fermi, e outros.

– Então certos Majoranistas alcançam o status de Constantes?

O rosto de Nick adquiriu uma expressão reverencial, como um adolescente diante de um ídolo pop e disse: - Sim. É o status que todos nos aspiramos. Mas poucos são escolhidos.

– Bem, acredito que aprendi o bastante para escrever a matéria sobre sua igreja. Se puder me mostrar a saída agora, por favor...

– Certamente.

Nick conduziu-me ao que parecia ser a mesma porta pela qual eu tinha entrado, na esquina da Hoyle e Wickramasinghe. Mas quando sai por ela, eu estava em Chicago, quase à meio continente de distância.

Depois de alguma atribulação eu consegui voltar para casa e comecei a escrever meu texto sobre os Majoranistas. Porém, pesquisando o Modelo Padrão, descobri algumas coisas intrigantes e que me obrigaram a voltar até a igreja.

Nick recebeu-me à porta mais uma vez. Cautelosamente fiquei do lado de fora.

– Nick... preciso que me responda algumas perguntas. E sobre a teoria da corda? E sobre o loop quântico gravitacional? E quanto às várias GUTs? (Teoria da Grande Unificação) ? Todas estas

teorias que rivalizam e contradizem o Modelo Padrão?

Nick tornou-se furioso. Mexia as mãos, como se rabiscasse no ar, algo que descobri depois ser um complexo diagrama de Feynman:

– Herege! Blasfemador! Vá embora! Você não é mais bem vindo aqui!

Me afastei. E por nunca ter obtido respostas para minhas perguntas, não escrevi o artigo.

Fiquei grato por não ter entrado quando o templo Majoranista dobrou-se e desapareceu.

O ANDARILHO DO PÓ – Clark Ashton Smith

...Os antigos magos o conheciam, e o nomearam Quachil Uttaus. Poucas vezes é ele revelado: pois habita além do mais exterior dos círculos, no limbo soturno do tempo e espaço não-esféricos. Temível é a palavra que o convoca, palavra jamais pronunciada exceto em pensamentos: Pois Quachil Uttaus é a corrupção definitiva; e o momento de sua chegada é como a passagem de muitas eras; e nem a carne, nem a pedra, podem suportar suas andanças, pois todas as coisas ruem sob seus pés, átomo por átomo. E por esta razão, alguns o têm chamado O Andarilho do Pó.

– Testamento de Carnamagos

Foi após intermináveis debates e argumentações consigo mesmo, após muitas tentativas de exorcizar a legião incorpórea e turva de seus medos, que John Sebastian retornou à causa que havia deixado tão apressadamente. Havia estado ausente por três dias; mas mesmo isto fora uma interrupção sem precedentes na vida reclusa e erudita a qual havia entregado-se totalmente após herdar a velha Mansão, junto com uma generosa quantia. Em momento algum havia definido por completo as razões de sua fuga: todavia a fuga parecera obrigatória.

Havia uma certa urgência medonha que o impelira; mas agora, que havia se resolvido a retornar, a urgência havia estabelecido-se na forma de nervos exaustos pela dedicação excessivamente íntima e prolongada a seus livros. Ele havia imaginado certas coisas: mas essas coisas imaginadas eram patentemente absurdas e sem base alguma.

Mesmo se o fenômeno que o havia perturbado não fosse de todo imaginário, deveria haver alguma solução natural que não havia pensado com sua mente sobrecarregada. O amarelar súbito de um caderno recém-comprado, o desfazer das bordas das folhas, eram sem dúvida devido a imperfeições latentes do papel; e o estranho desvanecer de seus registros que, quase do dia para a

noite, haviam tornado-se tênues, como se fossem escrita antiga – era claramente resultado de substâncias químicas baratas e falhas na tinta. O aspecto de antiguidade bruta, quebradiça e roída por vermes, que havia manifestado-se em certos elementos da mobília, certas porções da mansão, não mais era que a súbita revelação de uma desintegração oculta, que havia ocorrido sem que ele notasse, enquanto estava absorto pela dedicação meticulosa às pesquisas soturnas. E foi a mesma dedicação, com seus anos contínuos de esforço e confinamento, que trouxe seu envelhecimento prematuro; de modo que, ao contemplar-se no espelho, na manhã de sua fuga, ficara chocado e apavorado como se diante da aparição de uma múmia encarquilhada. Quanto ao criado, Timmers – bem, Timmers já era velho, e todos lembravam-se dele assim. Fora apenas o exagero dos nervos doentes que recentemente pensou ver em Timmers uma decrepitude tão extrema que o faria cair, sem o estado intermediário da morte, direto na podridão do túmulo.

De fato, podia explicar tudo que o havia perturbado, sem fazer referência aos conhecimentos selvagens e remotos, às demonologias e sistemas esquecidos que havia sondado. Aquelas passagens no Testamento de Carnagos, sobre as quais havia ponderado com esquisito desânimo, eram relevantes apenas aos horrores evocados por feiticeiros loucos de eras passadas.

Sebastian, firme em tais convicções, voltou à sua casa ao pôr do sol. Não tremia ou desfalecia quando cruzou o terreno que recebia a sombra dos pinheiros, e correu célere pelos degraus da fachada.

Imaginou, embora sem certeza, se haviam de fato sinais de dilapidação nesses degraus; e a própria casa, conforme aproximava-se, parecia ter ficado um tanto derrubada, como se houvesse ocorrido erosão nos alicerces; mas isto, disse a si mesmo, era apenas ilusão trazida pelo crepúsculo que se iniciava.

Nenhuma lâmpada acesa, mas Sebastian não surpreendera-se com isto, pois sabia que Timmers, se deixado sozinho, costumava caminhar nas trevas como uma coruja senil, muito após o momento apropriado do acender das luzes. Sebastian, por outro lado, sempre havia tido aversão à escuridão ou mesmo às sombras; e recentemente a aversão havia aumentado bastante.

Resoluto, acendeu todos os bulbos da casa tão logo a luz do dia começou a faltar. E agora resmungando sua irritação com a incompetência de Timmers, empurrou a porta e buscou apressado a fechadura do corredor.

Talvez devido a uma agitação nervosa que não percebera em si mesmo, perdeu um bom tempo sem achar o interruptor. O corredor era estranhamente sombrio e um reluzir do pôr-do-sol cinzento emanava entre os altos pinheiros para dentro do vão da porta por trás dele, mas sem conseguir penetrar além da soleira. Não conseguia enxergar coisa alguma; era como se a noite das eras mortas houvesse feito do corredor seu covil; e as narinas de Sebastian, ali onde ele havia parado, foram assaltadas por uma pungência seca, como se vinda de pó ancestral, odor como de cadáveres e caixões há muito indistintos na decadência pulverulenta.

Finalmente achara o interruptor; mas a iluminação que reagia era de algum modo tênue e insuficiente, e ele parecia detectar um pisca-pisca de sombras, como se o circuito estivesse falhando. Contudo ficou reconfortado em perceber que a casa, aparentemente, estava como ele a havia deixado. Talvez inconscientemente temesse encontrar os painéis de carvalho esfarelado numa podridão fragmentária, o tapete transformado em frangalhos comidos pelas traças; havia pensado ouvir o quebrar de tacos poderes sob seu andar.

E agora, imaginava, onde estava Timmers? O envelhecido faz-tudo, apesar de sua crescente senilidade, sempre havia sido rápido em atender; e muito embora não houvesse ouvido seu mestre entrar, o ligar das luzes teria sinalizado o retorno de Sebastian. Porém, muito embora Sebastian atentasse com dolorosa insistência, não ouvia o ranger dos familiares passos debilitados. O silêncio envolvia a tudo, como uma mortalha fúnebre e imperturbada.

Sem dúvida, pensou Sebastian, haveria alguma explicação mundana para tal. Timmers havia ido à aldeia próxima, talvez para reabastecer a despensa, ou na esperança de receber comunicação de seu mestre; e Sebastian havia dele se desencontrado, ao retornar da estação. Ou talvez o velho houvesse adoecido e agora jazesse vulnerável em seu quarto. Pressuroso com este último pensamento, foi direto ao dormitório

de Timmers, que ficava no andar térreo, nos fundos da mansão. Estava vazio, e a cama estava primorosamente feita e obviamente não fora ocupada na noite anterior. Com um suspiro de alívio que pareceu retirar um horrendo íncubo de seu peito, decidiu Sebastian que a primeira conjectura estava correta.

Mas agora, ao esperar o retorno de Timmers, havia sentido nos nervos outro ato de inspiração, e marchou até o estúdio. Não admitia a si mesmo, com precisão, o que temia ver; mas à primeira vista, o aposento não havia mudado em nada, e todas as coisas estavam como no momento de sua partida apressada. A pilha alta e confusa de manuscritos, volumes e cadernos em sua mesa de escrever estava intocada por ninguém exceto sua própria mão; e as prateleiras da estante de livros, com seus acervos bizarros e aterrorizantes de autoridades em diabolismo, necromancia, goétia e em todas as ciências ridicularizadas ou proibidas, estavam imperturbadas e intactas. Sobre o velho atril, ou porta-livro, usado para os tomos mais pesados, estava o Testamento de Carnamagos, com sua capa marroquim e sua tranca de ossos humanos, estava aberto na mesma página que o havia assustado tão irracionalmente, com suas intimações sobrenaturais.

E então, ao passar para o espaço entre o atril e a mesa, percebeu pela primeira vez o inexplicável empoeiramento sobre tudo. O pó acumulava-se em toda parte; um pó fino e cinzento, como polvilho de átomos mortos. Havia coberto os manuscritos com um filme profundo, assentado-se espesso sobre as cadeiras, abajures e volumes; e os ricos vermelhos e amarelos como papoula das tapeçarias orientais eram desfeitos pelo acúmulo do pó. Era como se muitos anos desolados houvessem passado na câmara desde sua partida, e houvessem espanado de seus invólucros amortalhados a poeira de todas as coisas em ruínas. O mistério daquilo fez tremer Sebastian; pois ele sabia que o aposento havia sido varrido com rigor apenas três dias antes; e Timmers havia de espanar a cada manhã, cuidadosa e meticulosamente, durante sua ausência.

E agora o pó ascendia numa nuvem leve e rodopiante ao seu redor, preenchendo as narinas de Sebastian com o mesmo odor seco, como se oriundo de uma dissolução fantasticamente antiga, que o havia encontrado no corredor. Ao mesmo tempo

percebeu o vento tempestuoso e frio que de alguma forma penetrava o aposento. Ele imaginara que uma das janelas havia sido deixada aberta, mas um olhar assegurou-o de que elas haviam sido fechadas por cortinas avassaladoras; e a porta havia se fechado por trás dele. O vento era leve como o suspirar de um fantasma, mas onde quer que passasse, levantava o fino pó sem peso, enchendo o ar e mais uma vez caindo numa lentidão imensa. Sebastian sentiu um estranho alarme, como se houvesse soprado nele um vento das dimensões desconhecidas, ou por uma oculta fenda de ruínas; e simultaneamente foi tomado por um paroxismo de tosse prolongada e violenta.

Ele não conseguira localizar a fonte do vento. Mas enquanto movia-se descuidado e impaciente, seu olhar foi atraído por uma pilha baixa e longa de pó cinzento, que até então havia sido oculto de sua visão pela mesa. Estava logo abaixo da cadeira que usava para escrever. Próximo à pilha de poeira estava o espanador usado por Timmers em sua rodada diária de limpeza.

Pareceu a Sebastian que o rigor de uma grande e letal frialdade havia invadido todo seu ser. Ele não conseguiu mexer-se por vários minutos, contemplando o inexplicável monturo. No centro deste via uma vaga depressão, que poderia ser a marca de uma pegada bastante diminuta, meio apagada pelos sopros de vento que evidentemente haviam levado muito do pó e espalhado-o pela câmara.

Finalmente o poder do movimento voltara a Sebastian. Sem reconhecer conscientemente o impulso que o impeliu a tal, abaixou-se para pegar o espanador. Mas quando seus dedos o tocaram, o cabo e as penas dissolveram-se em fina poeira que, assentada numa pequena pilha, preservava de maneira vaga os contornos do objeto original.

Uma fraqueza assolou Sebastian, como se o fardo da idade e mortalidade absolutas esmagasse seus ombros entre um instante e outro. Houve um rodopiar de sombras vertiginosas diante de seus olhos, sobre a luz da lâmpada, e ele pensou que desfaleceria, se não sentasse de imediato. Colocou a mão na cadeira ao seu lado – e a cadeira, com o toque, desfez-se instantaneamente em nuvens leves de pó, que assentavam-se atraídas pelo chão.

Depois disso – quanto tempo depois, não conseguiria precisar – encontrou-se sentado na cadeira alta, diante do trecho onde o Testamento de Carnamagos se abria. Surpreendeu-se de modo vago pela cadeira não ter-se desfeito sob seu peso. Assaltava-o novamente a urgência da fuga rápida e repentina daquela casa amaldiçoada; mas parecia que ele havia ficado velho demais, encarquilhado e débil demais; e que nada mais importava muito – nem mesmo aquele destino final apavorante que entrevia.

Agora, sentado num estado mesclando o terror e o estupor, seus olhos foram atraídos pelo volume magista diante de si: os escritos do sábio e vidente maligno Carnamagos, que foram recobrados mil anos passados, em alguma tumba greco-bactriana, e transcritos por um monge apóstata no grego original, usando o sangue de um monstro procriado por incubos. Naquele volume estavam as crônicas dos grandes feiticeiros da antiguidade, e as histórias de demônios terrenos e ultracósmicos, e os encantamentos verdadeiros através dos quais os demônios poderiam ser controlados e dispensados. Sebastian, estudante profundo de tais conhecimentos, há muito acreditara que o livro era apenas uma lenda medieval; e ficara tanto espantado quanto gratificado quando encontrara a esta cópia nas prateleiras de um comerciante de velhos manuscritos e incunábulo. Dizia-se que apenas duas cópias haviam existido, e que a outra havia sido destruída pela Inquisição Espanhola, no começo do século XIII.

A luz piscava como se asas ominosas houvessem batido perto dela; e os olhos de Sebastian ficaram baços de um corrimento cada vez mais profuso, conforme lia mais uma vez aquela passagem fatal e sinistra que havia conseguido provocar-lhe medos tão soturnos:

Embora Quachil Uttaus atenda – mas atenda raramente, foi bem documentado que seu advento nem sempre ocorre em resposta à runa pronunciada e ao pantáculo desenhado... Poucos magos, de fato muito poucos convocariam um espírito assim tão agourento... Mas que fique perfeitamente claro que aquele que lê sozinho, no silêncio de sua câmara, a fórmula dada mas abaixo, correrá graves riscos se em seu coração abrigar aberta ou disfarçadamente o mínimo desejo de morte e aniquilação. Pois pode acontecer que Quachil Uttaus a ele atenda, trazendo aquele destino final que, com o mais leve toque, transforma o corpo no

pó eterno, e torna a alma num vapor para toda a eternidade dissolvido. E o advento de Quachil Uttaus é pressagiado por certos indícios; pois na pessoa do evocador, e possivelmente nas pessoas mais próximas a ele, aparecerão os sinais da súbita idade avançada; e sua casa, e os pertences que houver tocado, assumirão as marcas de decadência e antiguidade apressadas...

Sebastian não percebera que resmungava as sentenças em voz baixa, quando as lia; que também resmungara o terrível encantamento que seguia ao alerta... Seus pensamentos rastejaram como se envoltos por algo frio e congelante. Numa certeza embotada e mórbida, soube que Timmers não havia ido à aldeia. Devia ter avisado a Timmers antes de partir; deveria ter escondido e trancado o Testamento de Carnamagos... pois Timmers, a seu modo, era também um erudito, e a ele não faltava curiosidade sobre os estudos ocultistas de seu mestre.

Timmers estava bastante apto a ler o grego de Carnamagos... e até mesmo aquela fórmula atroz e devastadora das almas, a qual Quachil Uttaus, demônio da corrupção definitiva, responderia do vácuo exterior... Sebastian adivinhou daí, com precisão, a origem do pó cinzento, a razão daqueles esfarelamentos misteriosos...

Sentiu mais uma vez o impulso de fuga; porém seu corpo era um íncubo seco e morto, que recusava a obedecer à própria vontade. De qualquer forma, refletiu consigo, já era tarde demais, pois os sinais do fim haviam reunido-se ao seu redor e sobre ele... Porém, certamente jamais houvera nele o mínimo anseio por morte e destruição. Ele apenas desejara sondar os mistérios sombrios que cercavam o estado mortal. E sempre havia sido cauteloso, jamais mexera com círculos mágicos e evocações de presenças perigosas. Sabia da existência de espíritos do mal, espíritos da cólera, perdição e aniquilação; mas jamais, pela própria vontade, invocaria qualquer um de suas prisões e abismos noturnos...

Sua letargia e fraqueza pareceu aumentar; foi como se lustros inteiros, décadas completas de senescência sobre ele caíssem, no espaço de um fôlego. Sua linha de pensamentos se interrompia a intervalos, e ele a recobrava com dificuldade. Suas memórias, e até mesmo seus medos, pareciam cambalear nos limites de um oblívio final. Com os ouvidos quase surdos, ouviu um som de

madeira caindo e quebrando, em algum lugar da casa; com os olhos exibindo uma catarata como a dos anciões, viu as luzes tremerem e apagarem sob o ataque de uma escuridão negra como um morcego.

Era como se a noite de uma catacumba em ruínas se fechasse sobre ele. Sentia aos poucos o respirar tênue e gélido do vento que o havia perturbado antes, com seu mistério; e mais uma vez o pó ascendeu até suas narinas. Percebeu então que o aposento não estava totalmente escuro, pois conseguia discernir os vagos contornos do atril diante de si. Certamente nenhum raio de luz passava pelas venezianas; porém ainda assim havia luz. Seus olhos, abrindo-se com um esforço titânico, viram pela primeira vez que uma fenda irregular e grosseira havia surgido na parede externa do aposento, no alto do canto norte. Através da fenda uma estrela solitária reluzia na câmara, fria e remota como o olho de um demônio espreitando através de golfos intercósmicos.

Daquela estrela – ou dos espaços além dela – um raio de lívida radiância, pálido e mortal, lançou-se como um dardo contra Sebastian. Da largura de uma tábua, inabalável, imóvel, parecia transfixar seu próprio corpo e formar uma ponte entre si e os mundos da escuridão inimaginável.

Estava como se petrificado pelo olhar da górgona. E então, através da brecha das ruínas, veio algo planando suave e rapidamente para dentro do aposento, em sua direção, seguindo o raio de luz. A parede pareceu esfarelar-se e a fenda alargar-se, quando a coisa entrou.

Era uma figura não maior que uma pequena criança, mas seca, murcha e encarquilhada como uma múmia milenar. Sua cabeça calva, seu rosto sem feições definidas, saídos de um pescoço de magreza esquelética, eram decorados por milhares de rugas reticuladas. O corpo era como o de um aborto monstruoso e emaciado que jamais houvesse conhecido a respiração. Os braços como varetas, terminando em garras ossudas, estendiam-se para frente como se anquilosados nesse gesto de eterno e temível tatear. As pernas, de pés como os de uma Morte pigmeia, eram fundidas como se houvessem sido comprimidas por bandagens mortuárias; não havia nelas qualquer movimento, ou caminhar, ou marcha. Ereto e rígido, o horror flutuava

célere, descendo pelo raio acinzentado, pálido e mortal, na direção de Sebastian.

E agora estava próximo dele, a cabeça da coisa próxima a sua frente e seus pés opostos a seu tórax. Por um momento fugaz, percebeu que o horror havia nele tocado, com suas mãos esticadas, com seus pés obscenamente flutuantes. Parecia fundir-se a ele, tornar-se uno com seu ser. Sentia que suas veias se enchiam de pó, que seu cérebro esfarelava-se, célula por célula. E então ele não era mais John Sebastian, mas um universo de estrelas e mundos mortos, que decaíam remoendo a escuridão, diante do tremendo soprar de algum vento ultraestelar...

A coisa que os magos imemoriais haviam chamado de Quachil Utaus havia desaparecido; e a noite e as estrelas haviam retornado àquela câmara arruinada. Mas em parte alguma encontrava-se sequer a sombra de John Sebastian; apenas um leve monturo de pó, no chão diante do atril, exibindo uma vaga depressão, como a pegada de um diminuto pé... ou dois pés muito encostados.

O DEVOTO DO MAL – Clark Ashton Smith

Esta tradução foi feita por um fã da obra monumental de Clark Ashton Smith. Pouco, ou quase nada do Smith foi publicado em português no Brasil; alguns contos em antologias e sites literários, apenas, o que é realmente uma lástima pois este autor, em nossa opinião, é um gigante esquecido da literatura fantástica, talvez muito mais criativo do que Lovecraft, seu amigo e também colaborador na lendária Weird Tales.

O devoto do Mal (The devotee of Evil) é uma história de horror do escritor americano Clark Ashton Smith, publicado originalmente na edição de 1930 da revista - Stirring Science Stories, e depois reeditado na coleção de histórias de fantasia - A sombra dupla e outras fantasias, em 1933. É, a nosso ver, um de seus mais extraordinários contos. A história mostra que o Mal pode ser uma estranha espécie de radiação oriunda de um sol negro, uma terrível e extraordinária vibração escura, o que aproxima o conto de horror com a Ficção Científica, sob certos aspectos. A ligação entre Clark Ashton Smith e outro gigante da literatura norte-americana, H. P. Lovecraft, é conhecida não somente na volumosa correspondência trocada entre ambos; alguns seres do - Ciclo de Cthulhu, de Lovecraft, foram adotados por Clark Ashton Smith. Achamos que há certa e ligeira semelhança, na temática, com o conto - Do além, de H.P. Lovecraft. Como Smith e Lovecraft trocavam ideias através de cartas, é de se supor que haja influências nesta história de um e outro. Neste conto também podemos observar o surgimento do personagem Philip Hastane, um novelista, que narra a história por ele vivida. Alguns estudiosos da obra de Clark Ashton Smith afirmam que Philip Hastane nada mais é que o alter-ego de Smith, porém outros dizem que Hastane é uma versão fantástica de Howard Philip Lovecraft. No entanto, achamos que Philip Hastane é uma versão smithiana do famoso personagem lovecraftiano Randolph Carter.

A velha casa dos Larcom era uma mansão de tamanho e dignidade consideráveis, situada entre carvalhos e ciprestes, na colina atrás de um bairro chinês de Auburn, onde já foi o bairro aristocrático da cidade. No momento em que escrevo, está desabitada durante vários anos e estava começando a dar os sinais de abandono e má conservação que as casas sem inquilinos começam a mostrar.

A casa tinha uma história trágica e acreditava-se que possuía fantasmas. Eu nunca havia conseguido informes de primeira mão, ou precisos, a respeito das manifestações espectrais que estavam associados a ela. O primeiro proprietário, o juiz Peter Larcom, havia sido assassinado dentro da casa na década de setenta por um cozinheiro chinês louco; uma de suas filhas havia enlouquecido; e outros membros de sua família haviam morrido acidentalmente. Nenhum deles havia prosperado; sua lenda era cheia de penas e de desastres.

Alguns dos ocupantes posteriores, que haviam comprado a casa do filho sobrevivente de Peter Larcom, foram embora sob circunstâncias estranhas e de forma apressada ao cabo de alguns meses, mudando-se de maneira permanente para São Francisco. Não voltaram, nem sequer para uma breve visita; e, além de pagar os impostos, não prestavam atenção alguma à casa. Todo mundo havia chegado a pensar nela como uma espécie de ruína histórica, quando chegou a notícia de que havia sido vendida a Jean Averaude, de Nova Orleans. Meu primeiro encontro com o senhor Averaude foi estranhamente significativo ao revelar-me, como não fariam anos de trato, as peculiares inclinações de sua mente. Provavelmente ele já estava sabendo dos estranhos rumores que corriam em torno da casa; sua personalidade era demasiado carismática; sua chegada, muito misteriosa para escapar das usuais elucubrações e fofocas das pessoas.

Haviam me falado que ele era muito rico, que era um solitário do tipo mais extravagante, que havia feito certas mudanças muito incomuns na estrutura interna da velha casa; e, por último, porém sem ser menos importante, que vivia com uma formosa morena que não falava com ninguém, e de quem se acreditava ser, além de sua amante, sua governanta. O homem, em resumo, me havia sido descrito por alguns como um lunático

raro porém inofensivo, e por outros como um verdadeiro Mefistófeles.

Eu o tinha visto várias vezes antes de nosso encontro inicial. Era um negro de aspecto melancólico, com as marcas de sua raça nas bochechas orgulhosas e em seus olhos febris. Impressionou-me seu aspecto de inteligência, e a ardente maneira que tinha de olhar, que era um olhar de quem está dominado por uma única ideia que exclui todas as outras coisas. Algum alquimista medieval que se acreditasse a ponto de alcançar seu objetivo depois de anos de busca incansável, poderia ter o aspecto que ele possuía.

Um dia, me encontrava na biblioteca de Auburn quando Averaud entrou. Havia colhido um jornal de uma das mesas, e estava lendo os detalhes de um crime horrendo, o assassinato de uma mulher junto com seus filhos pequenos pelo pai e marido, o qual havia fechado suas vítimas num guarda-roupas, depois de empapar as roupas com gasolina. Havia deixado o cordão do avental da mulher saindo por debaixo da porta fechada, colocando-o como uma espécie de pavio.

Averaud parou diante da mesa em que eu estava lendo. Levantei a vista e o vi lendo as manchetes do jornal que eu sustinha. Um momento depois, regressou, sentou-se junto a mim e me disse em voz baixa:

– O que me interessa num crime deste tipo é a sugestão de uma força sobre-humana atuando por trás. Poderia algum homem, por iniciativa própria, haver planejado e executado algo tão demoníaco?

– Não sei – repliquei, um tanto surpreso ante a pergunta e por quem a fazia. – Há profundezas terríveis na natureza humana...mais terríveis que as de uma selva.

– Estou de acordo. Porém como semelhantes impulsos desconhecidos para os mais brutais ancestrais do homem, podem haver se implantado em sua natureza, a não ser através de um agente ulterior?

– Você crê, então, na existência de uma força ou entidade do mal, em um Satã ou Arimã?

– Creio no mal. Como poderia ser de outra maneira, quando vejo suas manifestações por todas as partes? Eu o considero como um

poder que controla tudo; porém não creio que seja um poder pessoal, no sentido que nós entendemos a personalidade. Um Satanás? Não. O que eu imagino é uma espécie de vibração escura, a radiação de um sol negro, um centro de épocas malignas...uma radiação que pode penetrar como qualquer outro raio...e talvez mais profundamente. Porém, provavelmente, não estou me expressando bem.

Protestei dizendo que o entendia; porém, depois de sua explosão comunicativa, parecia estranhamente desinteressado em continuar com a conversa. Evidentemente, se havia visto impulsionado a dirigir-se a mim; e, de uma maneira não menos evidente, lamentava haver se expressado com tanta liberdade. Levantou-se, mas, antes de ir-se, me disse:

– Sou Jean Averaude. Talvez você tenha ouvido falar de mim. Você é Philip Hastane, o novelista. Tenho lido seus livros e o admiro. Venha me ver numa outra hora...pode ser que tenhamos certos gostos e ideias em comum.

A personalidade de Averaude, os conceitos que havia expostos, e o intenso interesse e valor que havia dado a esses conceitos, causaram uma singular impressão em minha mente, e não pude esquecê-lo. Quando, uns dias mais tarde, me encontrei com ele na rua, e ele repetiu seu convite com uma cordialidade que era sincera e sem fingimentos, não pude deixar de aceitar. Estava interessado, porém não por completo atraído por sua estranha personalidade mórbida, e impulsionado por um desejo de saber algo mais concernente a ele. Parecia um mistério de ordem fora do comum...um mistério com elementos do normal e do sobrenatural.

Os contornos da velha mansão Larcom estavam tal como eu lembrava, porém não havia tido ocasião recente para passar perto dela. Era uma verdadeira selva de roseirais, medronheiros, lilases e heras debaixo das sombras de grandes ciprestes e sombrios carvalhos perenes. Havia um selvagem encanto meio sinistro à sua volta...o encanto da deterioração e da ruína. Nada havia sido feito para arrumar os velhos jardins e não havia sinais de reparos externos na casa, onde a pintura branca de anos anteriores estava sendo substituída lentamente por musgos e líquens que floresciam debaixo da eterna sombra das árvores. Havia sinais de deterioração no teto e nas colunas do pórtico; e

me perguntei por que o proprietário, que tinha fama de ser tão rico, não havia realizado as necessárias restaurações.

Levantei a aldrava em forma de gárgula e a deixei cair com um som metálico, lúgubre e fraco. A casa permanecia em silêncio; e eu estava a ponto de levantar a aldrava de novo quando a porta se abriu lentamente e vi, pela primeira vez, a morena sobre a qual me haviam chegado tantos rumores.

A mulher era mais exótica que formosa, com finos olhos tristes e feições da cor do bronze e de uma anomalia seminegróide. Seu tipo era, sem dúvida, verdadeiramente perfeito, com as linhas curvas da lira e a graça ágil de algum animal felino. Quando perguntei por Jean Averaudo, ela se limitou a sorrir e me fez sinais para que eu entrasse. Supus naquele instante que ela era muda.

Esperando na tenebrosa biblioteca, não pude resistir à tentação de olhar os livros com que estavam abarrotadas as estantes. Era uma tremenda bagunça de volumes que tratavam sobre antropologia, religiões, demonologia, ciências modernas, história, psicanálise e ética. Intercaladas entre esses, havia algumas novelas e livros de poesia, a monografia de Breau sobre o maniqueísmo estava ao lado de Poe e Byron, e As flores do mal empurravam recente tratado de química.

Averaudo entrou ao cabo de uns minutos, desculpando-se profusamente por sua demora. Disse-me que se encontrava em meio a certos trabalhos quando eu havia chegado; porém não especificou a natureza dos mesmos. Parecia todavia mais animado e com o olhar mais ardente que a última vez que o tinha visto. Estava claramente alegre de ver-me e desejoso de falar.

– Estás olhando meus livros – comentou imediatamente -, porém pode ser que não penses assim à primeira vista, por causa de sua aparente diversidade. Eu os tenho selecionado com um único objetivo: o estudo do mal em todos os aspectos antigo, medieval e moderno. Eu os tenho estudado em todas as religiões e em todas as demonologias de todos os povos; e, o que é melhor, na própria história da humanidade. Eu o tenho encontrado na inspiração dos poetas e dos romancistas que tem tratado dos impulsos mais obscuros do homem, suas emoções e seus atos. Tuas novelas me interessam por este motivo: és consciente das

fortes influências que nos rodeiam e que, tão frequentemente, nos influenciam e nos dominam. Tenho seguido a atuação desses agentes, inclusive nas reações químicas, no crescimento e na decadência das árvores, flores e minerais. Sinto que os processos de decomposição, assim como os processos mentais e morais análogos, são devidos por completo a atuação desses agentes. Em resumo, tenho postulado uma maldade monística que é a fonte de toda morte, deterioração, dor, prisão, loucura e enfermidade. Este mal, tão debilmente oposto pelas forças do bem, me fascina sobre todas as outras coisas. Desde muito tempo, a obra de minha vida tem sido determinar a verdadeira natureza desse mal, e voltar até sua fonte. Estou seguro de que em algum lugar do espaço está um centro de onde emana todo o mal.

Falava com um ar de selvagem emoção, de intensidade mórbida como a de um louco. Sua obsessão me convenceu de que estava mais ou menos desequilibrado; porém havia uma lógica blasfema na desordem de suas ideias; e não podia por menos que reconhecer um certo brilhantismo e profundidade intelectual.

Sem esperar minha resposta, continuou com seu monólogo:

– Descobri que certos lugares e edifícios, certos arranjos de objetos naturais ou artificiais, são mais favoráveis para a recepção de influências maléficas que outros. As leis que determinam o grau de receptividade me parecem obscuras; porém pelo menos tenho verificado o próprio fato em questão. Como tu sabes, há casas e vizinhanças que são famosos por uma sucessão de crimes de desgraças; e além disso há objetos, como certas joias, cuja posse vem acompanhada de desgraças. Tais lugares e objetos são receptáculos do mal... Mantenho, sem embargo, uma teoria: que há sempre um grau, maior ou menor de interferência com a corrente de força maligna; e que a maldade, pura e absoluta, está ainda por manifestar-se. Mediante o uso de um determinado artifício que pudesse criar um campo adequado ou formar uma estação receptora deveria ser possível invocar esta maldade absoluta. Sob condições semelhantes, estou seguro que a vibração escura poderia se tornar visível e tangível, comparável à luz e à eletricidade – me lançou um olhar que era desconcertantemente exigente. Então falou: - Devo confessar que adquiri esta velha mansão

principalmente por sua sinistra história. O lugar parece ser inusitadamente suscetível às influências às quais me refiro. Estou agora trabalhando num aparato por meio do qual tenho a esperança de que , quando terminado, farei manifestarem-se em sua essencial pureza as radiações da força maligna.

Neste momento, a morena entrou e atravessou o quarto ocupada em alguma tarefa doméstica. Pensei que lançava a Averaude um olhar cheio de carinho maternal, vigilância e ansiedade. Ele, por sua vez, apenas parecia dar-se conta de sua presença, tão concentrado estava em suas estranhas ideias e no estranho projeto no qual havia mergulhado.

Contudo, depois que ela passou, ele comentou:

– Ela é Fifine, o único ser humano que realmente está unido a mim. É muda, porém muito inteligente e carinhosa. Todos os meus parentes, uma velha família da Louisiana, faz tempo que estão mortos...e minha esposa está duplamente morta para mim – um obscuro espasmo de dor contraiu suas feições e desapareceu. Continuou com seu monólogo; e em nenhum futuro voltou a referir-se a história, presumivelmente trágica, a que havia feito alusão; uma história que suspeito estava enterrada a semente da estranha perversão, mental e moral, que ia manifestando cada vez mais.

Saí, após prometer retornar para outra conversa. É claro que pensei que Averaude era um louco; mas a sua loucura era de uma variedade das mais raras e pitorescas. Parecia significativo que ele me houvesse escolhido como confidente. Todos os outros que o conheceram o encontraram taciturno e pouco comunicativo em grau extremo. Suponho que ele sentia a necessidade humana comum de desabafar com alguém; e me escolheu como a única pessoa da vizinhança que poderia mostrar-se potencialmente compreensiva.

Eu o vi várias vezes durante o mês seguinte. Era na verdade um autêntico caso clínico de psicologia; e lhe dei ânimo para que falasse sem reservas, embora tal incentivo não fossem necessários.

Contou-me muitas coisas, uma mistura estranha de coisas científicas e místicas. Educadamente, lhe dei razão a tudo o que

dia, porém me aventurei a chamar sua atenção sobre os possíveis perigos de seu experimento de invocação, se este fosse coroado de êxito. Ao que respondeu, com a fé de um alquimista ou de um devoto religiosos, que não importava, que estava preparado para aceitar qualquer das possíveis consequências, ou todas que houvesse.

Em mais de uma ocasião, me deu a entender que seus experimentos estavam progredindo favoravelmente. E, um dia, me disse abruptamente: - Se quiseres ver, irei mostrar-te meu mecanismo. Disselhe que estava ansioso por vê-lo, e ele me conduziu a um quarto o qual não havia me mostrado até aquele momento.

O lugar era grande, de forma triangular, e decorado com cortinas de um tecido negro. Não tinha janelas. Claramente, a estrutura interna da casa havia sido alterada; e as estranhas histórias do povo, começando pelos carpinteiros que haviam sido contratados para fazer a obra, estavam agora claras. Exatamente no centro do quarto, se erguia, sobre um tripé baixo de bronze, o aparato a que Averaude havia se referido frequentemente.

O aparelho era de um aspecto fantástico e tinha a aparência de um novo, e muito complicado, instrumento musical. Lembro que havia muitos arames de largura variável, esticados sobre uma série de bandejas côncavas de um metal escuro e sem brilho; e, por cima destes, suspensas desde três barras horizontais, certo número de gongos, quadrados e triangulares. Cada um destes parecia ser feito com um material diferente; alguns eram tão brilhantes quanto o ouro, outros eram negros e opacos como o carvão. Um pequeno instrumento com forma de martelo erguia-se em frente de cada gongo sujeito a um arame de prata.

Averaude começou a explicar a base científica de seu mecanismo. As propriedades vibracionais dos gongos foram desenhadas para neutralizar, segundo disse, como tom de seus sons, todas as outras radiações cósmicas que não fossem as do mal. Explicou bastante seu extravagante teorema, de uma maneira estranhamente lúcida. Terminou seu discurso:

– Preciso de outro gongo para terminar meu mecanismo, e espero inventá-lo muito em breve. O quarto triangular, forrado de negro e sem janelas, constitui o lugar ideal para meu

experimento. À parte esse quarto, não me atrevi a fazer nenhuma outra mudança na casa e seus jardins, por medo de fazer surgir algum elemento propício ou algum arranjo de objetos.

Considere, mais que nunca, que se tratava de um demente. E, apesar de haver manifestado em múltiplas ocasiões não gostar da maldade que planejava invocar, notei uma espécie de fanatismo inverso em sua postura, que em alguma época menos científica lhe havia convertido em um adorador do diabo, um participante nas abominações da missa negra; ou havia se entregado ao estudo e à prática da feitiçaria.

Era uma alma religiosa que havia fracassado na hora de encontrar o bem no esquema das coisas; e à falta deste, se viu obrigado a tomar o mal como um objeto de secreta reverência.

– Receio que pensas que sou um desequilibrado – comentou com uma chama de repentina clarividência. – Gostarias de ver um experimento? Embora meu invento não esteja terminado, pode ser que te convença de que minha ideia não é por completo a fantasia de uma mente desequilibrada.

Eu concordei. Apaguei as luzes do quarto escuro. Então, se dirigiu a um canto da parede e apertou um mecanismo ou interruptor oculto. Os arames onde estavam pendurados os pequenos martelos começaram a oscilar, até que cada um dos martelos tocou ligeiramente o gongo que os acompanhava. O som que produziram era dissonante e inquietante em grau máximo, uma percussão diabólica completamente diferente de tudo que ouvira até aquele momento, e que era estranhamente doloroso para os nervos. Senti-me como se uma torrente de cristal finamente moído estivesse sendo derramado nos meus ouvidos.

O golpear dos martelos se tornou mais rápido e mais forte; porém, para minha surpresa, não houve um incremento correspondente ao volume do som. Pelo contrário, o clamor se foi apagando lentamente, até que se transformou num tom submerso que parecia emanar de uma imensa profundidade ou distância, um tom submerso cheio de inquietude e de tormento, como o pranto de num distante vento do inferno, ou o murmúrio de fogos demoníacos atrás de um gelo eterno.

Averaud disse atrás de mim:

– Até certo ponto, as notas combinadas dos gongos caem fora do campo auditivo humano em seu tom. Com a audição da campainha final, inclusive menos som resultará audível. Quando estava tentando entender esta difícil ideia, notei uma diminuição parcial da luz acima dos tripés e de seus estranhos aparatos. Um raio vertical de débil sombra, rodeado por uma penumbra ainda mais débil, estava se formando no ar. O próprio tripé, e os cabos, os gongos e os martelos, estavam agora um pouco desfocados, como se vistos através de um véu escuro. O raio central e a penumbra pareceram dilatar-se; e , baixando a vista ao solo, ajustando-se às silhuetas do quarto, se arrastava até as paredes, vi como Averaud e eu estávamos agora dentro de seu fantasmal triângulo.

Ao mesmo tempo, senti uma tristeza insuportável, junto com uma multidão de sensações que me desesperavam quando tentava transmitir por meio de linguagem.

Meu próprio sentido de espaço se viu deformado e distorcido, como se alguma dimensão desconhecida houvesse sido mesclada com a nossa. Havia uma sensação de terrível queda sem fundo, como se o solo estivesse se fundindo por baixo de mim em um fosso exterior; e me pareceu ir mais além do quarto em uma torrente de inquietantes imagens alucinógenas, visíveis porém invisíveis, e mais terríveis e mais malditas que aquele furacão de almas réprobas que Dante contemplara.

Para baixo, sempre para baixo, me parecia dirigir-me, a um inferno sem fundo e fantasmal que estava infringindo as leis da realidade. A morte, a decadência, a maldade e a loucura se amontoaram no ar e me acossaram como íncubos satânicos no êxtase do horror daquela queda. Senti que havia um milhão de formas, um milhão de rostos à minha volta, chamando-me para as profundezas da perdição. E, contudo, não vi nada que não fosse o rosto pálido de Averaud, marcado com um gozo congelado e abominável enquanto se colocava ao meu lado.

Como um sonhador que se obriga a acordar, começou a distanciar-se de mim, me parecendo perdê-lo de vista durante um instante na névoa de horrores sem nome que ameaçavam adquirir o horror adicional da substância. Então me dei conta de que Averaud havia apertado o interruptor, e os martelos

oscilantes haviam deixado de golpear aqueles gongos infernais. O duplo raio de sombra se desvaneceu pela metade no ar, a carga de terror e desespero se ergueu de meus nervos, e já não sentia essa maldita alucinação da queda e do espaço exterior.

– Meu Deus! – gritei. – Que foi isso?

O olhar de Averaude estava cheio de uma repugnante exaltação com o triunfo quando se voltou para mim.

– E então, o viste e o sentiste? – perguntou -, essa vaga e imperfeita manifestação do mal perfeito que existem em algum lugar do cosmo? Ainda haverá de chamá-la por completo e conhecer os negros e infinitos prazeres alterados que acompanham a sua epifania.

Distanciei-me dele com um tremor involuntário. Todas as coisas repugnantes que se haviam arremessado debaixo de mim e o golpear cacofônico daqueles malditos gongos voltaram a se aproximar num instante; e olhei, com uma vertigem cheia de medo, nos infernos de perversidade e de corrupção. Vi uma alma invertida, desesperada por não alcançar o bem, que ansiava os gozos terríveis da perdição. Já o não considerava simplesmente um louco; porque sabia o que era o que buscava e o que podia obter, e recordei, com um novo sentido, aquele verso de um poema de Baudelaire: - O inferno em que meu coração se deleta.

Averaude não se dava conta de meu asco, sumido em sua rapsódia tenebrosa.

Quando dei a volta para ir-me, incapaz de suportar por mais tempo a blasfema atmosfera daquele lugar, e a sensação de estranha depravação que emanava de seu proprietário, me pediu que voltasse tão logo fosse possível.

– Acredito – disse exultante – que tudo estará pronto em breve. Quero que tu estejas presente durante a hora do meu triunfo.

Não sei o que lhe disse, nem que desculpas eu empreguei para sair dali. Ansiava assegurar-me de que o mundo de sol sem sombras e de ar limpo podia ainda existir. Eu me fui, porém tive a sensação de que uma sombra me seguiu; e sentia que rostos execráveis zombavam ou faziam caretas desde as folhagens enquanto abandonava os jardins sombreados por ciprestes.

Durante os dias que se seguiram, me encontrei num estado beirando a alteração neurótica. Ninguém podia ter se aproximado tanto como eu o fiz no eflúvio primordial do mal, e distanciar-se sem cicatrizes. Pestilentas teias de sombras envolveram meus pensamentos, e presenças de medos fantásticos, de horror sem forma, se acaçapavam pelas escuras esquinas de minha mente, porém nunca se manifestavam por completo.

Um caminho sem fundo, tão insondável como o Malebolge, parecia abrir-se por debaixo de mim em todos os lugares aonde ia.

Apesar de tudo, minha razão voltou a impor-se, e eu perguntei se minhas sensações no negro quarto triangular não haviam sido por completo um produto da sugestão ou da auto-hipnose. Perguntei-me a mim mesmo se era possível acreditar numa força cósmica, da classe que Averaude postulava, que pudesse realmente existir; ou, supondo que existisse, pudesse ser invocada por qualquer homem mediante a absurda intermediação de um instrumento musical. Os terrores nervosos de minha experiência se desvaneceram um pouco em minhas lembranças; e, embora ainda permanecesse uma doentia incerteza, assegurei a mim mesmo que tudo o que havia experimentado era puramente subjetivo em sua origem. Inclusive então, foi com uma suprema angústia, com um retrocesso interior, que pude vencer, mediante firme decisão, que decidi visitar de novo Averaude.

Durante um período ainda mais longo que o normal, ninguém atendeu as minhas batidas na porta. Então soaram passos apressados e a porta foi aberta violentamente por Fifine. Supus imediatamente que algo estava errado, porque seu rosto tinha uma expressão de temor e ansiedade sobrenaturais, com os olhos arregalados, e os brancos visíveis sem expressão, como se houvesse contemplado coisas horríveis. Ela tentou falar, e fez aquele repugnante som inarticulado que os mudos são capazes em certas ocasiões, enquanto agarrava minha manga e me conduzia ao longo do tenebroso corredor até o quarto triangular.

A porta estava aberta; e, enquanto me aproximava, escutei um murmúrio baixo dissonante e confuso que reconheci como o som

de gongos. Era como o som das vozes de um inferno congelado, emitidas por lábios que estivessem congelando lentamente debaixo da tortura definitiva do silêncio. Aprofundava-se cada vez mais até que parecia que estava se erguendo dos fossos sob o nada.

Fifine retrocedeu no umbral, implorando-me com um olhar patético que a seguisse. As luzes estavam todas acesas; e Averaud, enfeitado com uma estranha roupa medieval, algo como uma túnica negra e um gorro como os que Fausto poderia ter usado, estava de pé junto ao mecanismo percussivo. Os martelos estavam todos repicando com rapidez frenética; e o som se tornou todavia mais baixo e mais pressuroso enquanto se aproximava. Averaud parecia não me ver; seus olhos, anormalmente dilatados, e ardendo com um brilho infernal como os de alguém possuído, estavam fixos em algo em meio ao ar.

De novo com toda sua asquerosidade capaz de congelar a alma, a sensação de eterna queda, miríades de horrores que caíam como harpias, enquanto eu olhava me dava conta do que era aquilo que via. Mais ampla e mais forte que antes, uma dupla coluna de sombras triangulares havia se materializado e estava se tornando cada vez mais concreta. Inchava, crescia, envolvendo o aparato do gongo e levantando até o teto. A coluna interior se tornou tão sólida e opaca como o ébano; e o rosto de Averaud, que estava de pé no interior de sua sombra tenebrosa, se voltou indistinto, como visto por uma película de água infernal. Devo ter ficado louco completamente por um momento. Apenas me lembro de um ardente delírio de coisas demasiado terríveis para ser suportadas por uma mente sã, que habitavam aquele infinito abismo de visões infernais em que me afundara com a terrível precipitação dos réprobos. Havia uma enfermidade inexplicável, uma vertigem de irresistível queda, um pandemônio de sinistros fantasmas que voltavam e se inclinavam em volta da coluna de maligna força onipotente que presidia a tudo. Averaud era tão somente outro fantasma a mais neste delírio, quando, com seus braços esticados em uma perversa adoração, avançou para a coluna interior e penetrou nela até ficar oculto de todos. E Fifine foi outro fantasma quando correu ao meu lado na parede e apagou o interruptor que acionava aqueles martelos demoníacos.

Como alguém que sai de um pesadelo, vi desvanecer-se o pilar duplo até que a luz já não estivesse manchada com a corrupção daquela radiação satânica. E, no lugar em que ele havia estado, Averaude se achava de pé junto ao instrumento que havia desenhado. Estava erguido e rígido, numa estranha imobilidade; e senti um terror incrédulo, um espanto gelado, enquanto avançava e lhe tocava com a mão trêmula.

Porque aquele que eu havia tocado já não era um ser humano, mas sim uma estátua de ébano, cujo rosto, frente e dedos eram tão negros como as vestes próprias de Fausto ou as escuras cortinas. Carbonizados por um fogo negro, ou congelados por um negro vento frio, os traços tinham o êxtase e a dor eternos de Lúcifer em seu definitivo inferno de gelo. Durante um instante, o mal supremo que Averaude havia adorado tão loucamente, que havia invocado das profundezas de um espaço incalculável, havia se unido ao mesmo; e ao adorá-lo, tinha deixado petrificado numa imagem de sua própria essência. A forma que eu toquei era mais dura que o mármore; e acreditei que duraria para sempre como testemunho do poder de medusa que são a morte, a corrupção e as trevas.

Fifine havia se atirado aos pés da imagem, abrançando seus insensíveis joelhos. Com seus terríveis lamentos de muda em meus ouvidos, parti para sempre daquela terrível casa.

Em vão, ao longo de meses de delírio e anos de loucura, tenho tentado distanciar de mim a intangível obsessão de minhas lembranças. Porém há um fatal atordoamento em meu cérebro, porque eu também tenho sido queimado e carbonizado um pouco naquele momento de opressiva proximidade com o raio escuro que vinha do abismo mais além do universo.

Em minha mente, igual ao que sofre a negra estátua que um dia fora Jean Averaude, a marca de uma coisa, terrível e proibida, tem sido impressa como um selo eterno.

O HORROR DE SALEM - Henry Kuttner



Quando Carson chegou a notar os sons em seu sótão, culpou os ratos. Mais tarde, começou a ouvir as histórias sussurradas pelos supersticiosos moeiros poloneses da Rua Derby, que falavam da primeira ocupante da casa antiga, Abigail Prinn. Não há ninguém vivo hoje que possa lembrar-se da diabólica velha, mas as mórbidas lendas que pululam no - distrito das bruxas de Salem, como ervas daninhas ou covas negligenciadas, mencionam particularidades perturbadoras de suas atividades, e eram desagradavelmente explícitas quanto aos detestáveis sacrifícios que sabe-se que ela ofertou a uma imagem de chifres crescentes, degradada pelos vermes e de origem incerta. Os mais velhos ainda sussurram sobre Abbie Prinn e suas monstruosas gabolices de que era alta sacerdotisa de um deus horivelmente potente, que habitava nas profundezas sob as colinas. De fato, foram as gabolices incansáveis da velha bruxa que a levaram a sua abrupta e misteriosa morte em 1692, por volta da época dos famosos enforcamentos de Gallows Hill. Ninguém gosta de falar sobre o assunto, mas de vez em quando alguma velha desdentada resmunga temerosa, falando sobre as chamas que não queimavam a bruxa, pois todo o seu corpo havia sido tomado pela peculiar anestesia de sua marca diabólica.

Abbie Prinn e sua estátua anômala há muito desapareceram, mas ainda ficou difícil encontrar quem alugasse sua casa decrépita e de frontão triangular, com seu segundo andar quase caído e curiosas janelas de caixilho em formato de diamante. A notoriedade maligna da casa espalhou-se por toda Salem. Nada de fato havia acontecido lá, nos anos recentes, que pudesse dar margem a histórias inexplicáveis, mas aqueles que alugavam a casa tinham o hábito de sair dali com rapidez, geralmente explicando de maneira vaga e insatisfatória sobre a questão dos ratos.

E foi um rato que levou Carson ao Quarto da Bruxa. O padrão abafado e rangente dentro das paredes apodrecidas havia perturbado Carson mais de uma vez, durante as noites de sua primeira semana na casa, que havia alugado para obter a solidão

que o permitiria completar um romance pedido pelos seus editores – outro romance leve a ser adicionado à sua longa cadeia de sucessos populares. Mas não foi senão até algo mais tarde, que certa noite começou a conjecturar de maneira fantástica sobre a inteligência daquele rato, que fazia ruídos sob seus pés, no escuro do corredor.

A casa havia recebido fiação elétrica, mas o bulbo no corredor era pequeno e gerava apenas uma luz tênue. O rato era uma sombra deformada e negra que se lançava alguns metros para a frente e então parava, aparentemente observando Carson.

Em qualquer outro momento, Carson teria enxotado o animal com um gesto ameaçador e voltado a trabalhar. Mas o tráfego na Rua Derby estivera incomumente barulhento, e ele achava difícil concentrar-se no romance. Seus nervos, sem nenhuma razão aparente, estavam tensos; e de alguma forma ele sentia que o rato, observando-o logo além de seu alcance, estava fitando-o de modo divertido e sardônico.

Sorrindo com a ideia, aproximou-se alguns passos do rato, e este saiu correndo para a porta do sótão, que para sua surpresa, estava entreaberta. Pensou que deveria ter deixado de fechá-la da última vez que subira até lá, embora geralmente tomasse cuidado em manter as portas fechadas, pois a velha casa era bem fria. O rato esperava na soleira da porta.

Irracionalmente aborrecido com o fato, Carson deu um carreirão no rato, que subiu pela escada. Ligou então a luz do porão e observou o rato, que estava num canto. O animal observava com toda a atenção de seus olhos pequenos e brilhantes.

Ao descer as escadas, não conseguiu evitar sentir que estava agindo feito idiota. Mas seu trabalho estava cansativo, e seu subconsciente acolheria qualquer interrupção. Moveu-se pelo porão em direção ao rato, percebendo que, para seu espanto, a criatura permanecia imóvel, fitando-o. Uma estranha sensação de incerteza começou a crescer dentro de Carson. O rato estava agindo anormalmente, era isto que sentia; e o fixar de seus olhinhos frios, que nunca piscavam, era de certa forma perturbador.

Mas caiu na risada, pois o rato de súbito virou para o lado e desapareceu num pequeno buraco da parede do porão. Com uma

certa preguiça, riscou com o dedão do pé uma cruz sobre a poeira diante da toca, decidindo que poria ali uma armadilha quando viesse a manhã.

O focinho e os bigodes irregulares do rato surgiram de maneira cautelosa. Ele movia-se para a frente e então hesitava, voltando. O animal começava então a agir de maneira singular e indescritível – como se estivesse dançando, pensou Carson. Movia-se de maneira tateante para frente, e então retrocedia. Um pequeno salto para a frente, aparecendo rapidamente, e então pulava de volta com rapidez, como se – a comparação passou pela mente de Carson – uma cobra estivesse enrodilhada diante da toca, alerta para impedir a fuga do rato. Mas não havia nada ali, salvo a pequena cruz que Carson havia riscado no pó.

Sem dúvida, era o próprio Carson que bloqueava a fuga do rato, pois estava em pé a menos de um metro da toca. Moveu-se para a frente, e o animal celeremente saía de vista.

Interessado, Carson encontrou um pedaço de pau e com ele cutucou o buraco, explorando-o. Também prestou atenção próximo à parede, detectando algo estranho na laje de pedra logo acima da toca de rato. Uma rápida olhadela confirmou suas suspeitas. A laje aparentemente era móvel.

Carson a examinou de perto, notando uma depressão em sua borda, onde podia caber uma mão. Seus dedos se encaixavam com facilidade na cavidade, e ele puxou com cuidado. A pedra moveu-se um pouco e parou. Puxou com mais força, e num espirrar de terra seca a laje destacou-se da parede, como se presa a uma dobradiça.

Um retângulo negro, da altura de seu ombro, abria-se na parede. De suas profundezas emanou um fedor úmido e desagradável de ar viciado, fazendo Carson dar um passo para trás, involuntariamente. De repente lembrou-se das monstruosas histórias sobre Abbie Prinn e os horrendo segredos que supostamente ela teria ocultado em sua casa. Teria ele encontrado um refúgio escondido de uma bruxa há muito tempo morta?

Antes de entrar pela passagem sombria, tomou a precaução de pegar uma lanterna lá em cima. Então baixou a cabeça com

cuidado e caminhou por aquela passagem estreita e de odor maligno, sondando com o facho de luz da lanterna.

Estava num túnel estreito, pouco mais alto que sua cabeça, murado com lajes de pedra.

Prolongava-se por talvez cinco metros e então abria-se numa grande alcova. Conforme Carson adentrava o aposento subterrâneo – sem dúvida um refúgio oculto de Abbie Prinn, um esconderijo, pensou, que mesmo assim não pôde salvá-la no dia em que a multidão louca de medo entrou em fúria e a arrastou pela Rua Derby – segurou o fôlego, engasgado de assombro. O aposento era fanástico, surpreendente.

Era o chão que capturava o olhar de Carson. O cinza morto da parede circular dava lugar aqui a um mosaico de pedras de múltiplas cores, nas quais predominavam azuis, verdes e púrpuras – de fato, não eram vistas nenhuma das cores mais quentes. Deviam haver milhares de fragmentos de pedra compondo aquele padrão, pois nenhum deles era maior que uma noz. E o mosaico parecia seguir algum padrão definido, desconhecido para Carson; haviam curvas de púrpura e violeta mesclados a linhas angulosas de verde e azul, entrelaçadas a arabescos fantásticos. Havia círculos, triângulos, um pentagrama, e outras figuras menos familiares. A maioria das linhas e figuras irradiavam-se a partir de um ponto definido: o centro da câmara, onde havia um disco circular de pedra negra e morta, talvez de meio metro de diâmetro.

Estava tudo muito silencioso. Os sons dos carros que ocasionalmente passavam lá na Rua Derby não podiam ser ouvidos. Numa pequena alcova da parede Carson vislumbrou marcas nas paredes, e moveu-se lentamente naquela direção, o facho de luz viajando para cima e para baixo, nas paredes do nicho.

As marcas, o que quer que fossem, foram emplastadas na pedra há muito tempo, pois o que restava dos símbolos enigmáticos era indecifrável. Carson viu vários hieroglifos parcialmente apagados, que a ele lembraram árabe, mas não tinha muita certeza. No chão da alcova, um disco de metal corroído, de cerca de dois metros e quarenta de diâmetro, e Carson teve a impressão nítida de que era móvel. Mas não parecia haver maneira de levantá-lo.

Ficou consciente de que estava no centro exato da câmara, no círculo de pedra negra onde centrava-se o estranho padrão. Mais uma vez, notou o silêncio total. Seguindo um impulso, desligou o facho da lanterna. Instantaneamente, estava na escuridão total.

Naquele momento, uma curiosa ideia entrou em sua mente. Viu-se no fundo de um poço, e de cima descia um dilúvio, descendo pela coluna para engoli-lo. A impressão era tão forte que chegou a imaginar que ouvia uma trovoadá abafada, o rugido da catarata.

Estranhamente abalado, ligou a luz, olhando ao redor com presteza. O ressoar, é claro, era o pulsar de seu próprio sangue, tornado audível no silêncio completo – um fenômeno familiar. Mas, se o lugar era tão quieto – O pensamento saltou em sua mente, como se subitamente empurrado em sua consciência. Este seria um lugar ideal para trabalhar. Poderia puxar uma fiação elétrica, descer uma mesa e uma cadeira, usar um ventilador elétrico se necessário – embora o odor úmido que notou a princípio houvesse desaparecido por completo. Moveu-se pela boca do túnel, e ao sair do aposento sentiu uma inexplicável sensação de relaxamento dos músculos, embora não houvesse percebido antes que estavam contraídos. Atribuiu o fato ao seu nervosismo, e subiu as escadas para fazer um pouco de café preto e escrever a seu senhorio em Boston sobre a descoberta.

O visitante fitou curioso o corredor, assim que Carson abriu a porta, balançando a cabeça consigo mesmo, como se satisfeito. Era uma figura alta e magra, com sobranceiras de cinza férreo sobre olhos igualmente cinzentos, e aguçados. Seu rosto, embora esquelético e cheio de marcas, não mostrava rugas.

– É sobre o Quarto da Bruxa, eu presumo? Carson falou sem muitos modos. Seu senhorio havia sido indiscreto, e durante a última semana ele forçado a entreter antiquários e ocultistas ansiosos em dar uma olhada na câmara secreta onde Abbie Prinn murmurava seus feitiços. O incômodo de Carson cresceu, e ele considerou mudar-se para um lugar mais quieto; mas sua teimosia inerente o fez permanecer, determinado a terminar seu romance a despeito das interrupções. E agora, observando friamente seu convidado, disse, - Desculpe, mas não está mais

em exposição.

O outro pareceu atônito, mas quase imediatamente, um raio de compreensão luziu em seus olhos. Tirou um cartão e ofereceu-o a Carson.

– Michael Leigh... ocultista, é? Repetiu Carson. Suspirou fundo. Os ocultistas, ele havia descoberto, eram os piores, com suas alusões sombrias a coisas inomináveis e seu profundo interesse no padrão do mosaico no chão do Quarto da Bruxa.

– Desculpe, sr. Leigh, mas – eu realmente estou bastante ocupado. Há de perdoar.

Sem modos, voltou-se para a porta.

- Só um momento, Leigh falou com rapidez.

Antes que Carson pudesse protestar, o homem pegou o escritor pelos ombros e fitou profundamente seus olhos. Atarantado, Carson recuou, mas não antes de perceber uma extraordinária expressão de apreensão e satisfação misturadas no rosto magro de Leigh. Era como se o ocultista houvesse visto algo desagradável, mas não inesperado.

– Qual é o caso? Carson perguntou com rudeza. - Não estou acostumado –

– Desculpe-me, por favor, disse Leigh. Sua voz era profunda e agradável. - Devo pedir perdão. Pensei – bem, mais uma vez peço perdão. Estava bastante empolgado, sabe. Vim de San Francisco para ver esse seu Quarto da Bruxa. Será que se importaria de me deixar vê-lo? Eu ficaria feliz em pagar qualquer soma –

Carson fez um gesto depreciador.

– Não, ele disse, sentindo uma apreciação perversa pelo homem crescer dentro de si – sua voz bem modulada e agradável, seu rosto poderoso, sua personalidade magnética. - Não, eu só quero um pouco de paz – o senhor não tem ideia do quanto eu fui incomodado, continuou, vagamente surpreso de achar-se falando em tom de desculpas. - É um aborrecimento assustador. Quisera eu nunca ter encontrado o quarto.

Leigh avançou ansioso. - Será que eu poderia vê-lo? Significa muito para mim – tenho um interesse vital nesse tipo de coisa. Prometo não tomar mais de dez minutos do seu tempo.

Carson hesitou e então assentiu. Levando seu convidado ao porão, achou-se contando as circunstâncias de sua descoberta do Quarto da Bruxa. Leigh ouviu com atenção, de vez em quando interrompendo com perguntas.

– O rato – o senhor sabe o que aconteceu com ele depois? perguntou.

Carson olhou o homem com ironia.

– Não, não... acho que deve ter se escondido na toca. Por quê?

– Nunca se sabe, disse Leigh enigmático, ao entrarem no Quarto da Bruxa.

Carson ligou a luz. Havia instalado uma extensão elétrica, e havia agora ali umas cadeiras e uma mesa, mas fora isso, o aposento estava intocado. Carson observou o rosto do ocultista, e com surpresa viu que o rosto entristecer e ficar quase raivoso. Leigh andou até o centro do aposento, fitando a cadeira que ficava no círculo de pedra negro.

– O senhor está trabalhando aqui? perguntou com vagar.

– Sim. É silencioso – descobri que não conseguia trabalhar lá em cima. Barulho demais. Mas aqui é ideal – de alguma forma, eu descobri que é bem fácil escrever aqui. Minha mente sente-se... hesitou, - livre; isto é, desassociada de outras coisas. É uma sensação bem incomum.

Leigh assentiu, como se as palavras de Carson houvessem confirmado alguma ideia em sua própria mente. Voltou-se para a alcova e seu disco de metal no chão. Carson seguiu o homem. O ocultista moveu-se perto da parede, traçando os símbolos gastos com um indicador longo. Resmungou algo ao respirar – palavras que pareceram sem sentido para Carson.

– Nyogtha... k'yarnak...

Virou-se então, seu rosto amargo e pálido. - Já vi o suficiente, disse com delicadeza.

– Podemos ir, então? Surpreso, Carson assentiu e o levou de volta ao porão. Subindo as escadas, Leigh hesitou, como se achasse difícil abordar algum assunto.

Finalmente perguntou, - Sr. Carson – importaria-se de me dizer se teve algum sonho peculiar, recentemente?

Carson fitou-o de volta, a ironia dançando nos olhos. - Sonhos? repetiu. - Ah – entendo.

Bem, sr. Leigh, posso adiantar que o senhor não vai conseguir me assustar. Seus compatriotas – os outros ocultistas com quem lidei – já tentaram isso.

Leigh levantou as sobrancelhas espessas. - Sim? Eles quiseram saber o que o senhor anda sonhando?

– Vários perguntaram – então, sim.

– E o senhor contou a eles?

– Não. E então, quando Leigh voltou a sentar em sua cadeira, uma expressão confusa no rosto, Carson hesitou, - Embora, na verdade, eu não tenha tanta certeza.

– O que o senhor quer dizer?

– Acho – tenho uma vaga impressão – de que andei sonhando ultimamente. Mas não tenho certeza. Não consigo lembrar nada do sonho, sabe. E – oh, com toda certeza seus irmãos ocultistas colocaram a ideia em minha cabeça!

– Talvez, disse Leigh, sem comprometer-se, levantando. Hesitou.

- Sr. Carson, farei ao senhor uma pergunta um tanto presunçosa. É necessário mesmo que o senhor more nesta casa?

Carson suspirou resignado.

– Quando me perguntaram isso da primeira vez, expliquei que queria um lugar quieto onde escrever um romance, e que qualquer lugar quieto seria suficiente. Mas não é algo fácil de achar. Agora que tenho este Quarto da Bruxa, meu trabalho está saindo tão facilmente, que não vejo razão pela qual sairia daqui, talvez prejudicando meu cronograma. Eu sairei desta casa quando terminar o romance, e então vocês ocultistas podem vir e transformá-la num museu ou algo parecido. Não me importo.

Mas até que o romance esteja terminado, tenciono permanecer aqui.

Leigh segurou o próprio queixo.

– De fato. Posso compreender seu ponto de vista. Mas há outro lugar na casa onde o senhor possa trabalhar?

Observou o rosto de Carson por um momento, e então rapidamente prosseguiu falando.

– Não espero que acredite em mim. O senhor é um materialista. A maioria das pessoas é materialista. Mas alguns poucos de nós sabem que acima e além do que os homens chamam de ciência, há uma ciência superna, construída sobre leis e princípios os quais o homem comum acharia quase incompreensíveis. Se o senhor já leu Machen, lembrará que ele fala de um abismo entre o mundo da consciência e o mundo da matéria. É possível sobrepujar esse abismo. O Quarto da Bruxa é uma maneira de fazê-lo, uma ponte! O senhor sabe o que é um Ouvido de Dionísio?

– Hum? disse Carson, fitando o homem. - Mas não há ...

– Uma analogia – apenas uma analogia. Um homem pode sussurrar uma palavra numa galeria – ou caverna – e se o senhor estiver num certo ponto a trinta metros de distância, irá ouvir esse sussurro, embora alguém a três metros não consiga. É um simples truque de acústica – trazer o som a um ponto focal. E este princípio pode ser aplicado a outras coisas além do som. A qualquer impulso emitido através de ondas – e até mesmo ao pensamento!

Carson tentou interromper, mas Leigh continuou falando.

– Aquela pedra negra no centro de seu Quarto da Bruxa é um desses pontos focais. Os padrões no chão – quando o senhor senta no círculo negro, fica anormalmente sensível a certas vibrações – certos comandos mentais – perigosamente sensível! Como acha que sua mente fica tão clara quando está trabalhando aqui? É uma armadilha, uma falsa sensação de lucidez – já que o senhor não passa de um instrumento, um microfone, sintonizado de modo a captar certas vibrações malignas, cuja natureza o senhor não pode compreender!

O rosto de Carson era uma demonstração de surpresa e incredulidade. - Mas – você não acredita mesmo nessas – Leigh recuou, a intensidade de seus olhos morrendo, deixando-os tristonhos e frios.

– Muito bem. Mas eu estudei a história da sua Abigail Prinn. Ela também compreendia a superciência da qual estou falando. Ela a utilizava para propósitos malignos – a arte sombria, é como é chamada. O senhor – Levantou-se, mordendo a ponta dos lábios. - O senhor pelo menos irá me permitir que eu venha

amanhã?

Quase que involuntariamente, Carson assentiu. - Mas temo que o senhor esteja perdendo seu tempo. Não creio – isto é, não tenho como – - Gaguejou, sem conseguir concatenar as palavras.

– Apenas quero assegurar-me que o senhor – oh, outra coisa. Se o senhor sonhar esta noite, por gentileza poderia tentar recordar-se do sonho? Se o senhor tentar lembrar logo que desperte, muitas vezes é possível recordar.

– Tudo bem. Se eu sonhar.

Naquela noite, Carson sonhou. Despertou logo após o amanhecer, seu coração batendo furioso, sentindo uma inusitada inquietude. Dentro das paredes, e abaixo do chão, podia ouvir os ruídos furtivos dos ratos. Levantou da cama com rapidez, tremendo na luz cinzenta do começo de manhã. Uma lua minguante ainda brilhava tênue no céu pálido.

Lembrou-se então das palavras de Leigh. Havia sonhado – sem dúvida, havia sonhado. Mas o conteúdo do sonho – este estava bloqueado. Absolutamente não conseguia trazer o sonho à mente, por mais que tentasse, embora houvesse uma impressão bastante vaga de corrida frenética na escuridão.

Vestiu-se rapidamente, e já que a quietude da quase madrugada dentro da casa velha dava-lhe nos nervos, saiu para comprar um jornal. Era cedo demais para que houvessem bancas abertas, contudo, e buscando um dos garotos jornaleiros, dirigiu-se para oeste, virando na primeira esquina. Conforme andava, veio uma sensação curiosa e inexplicável tomar conta dele: uma sensação de – familiaridade! Ele havia andado ali antes, e havia uma vaga e perturbadora familiaridade quanto às formas das casas, os contornos dos telhados. Mas – e esta era a parte fantástica da coisa – que ele soubesse, nunca havia estado naquela rua antes. Havia passado pouco tempo andando naquela região de Salem, pois era preguiçoso por natureza; ainda assim havia aquela extraordinária sensação de recordação, que ficava cada vez mais vívida conforme andava. Chegou a uma esquina, e virou decidido para a esquerda. A estranha sensação aumentou de intensidade. Caminhou lentamente, ponderando.

Sem dúvida, havia andado por aquela via antes – e muito

provavelmente estava bastante pensativo na ocasião, de modo a não prestar atenção consciente à sua rota. Sem dúvida, esta deveria ser a explicação. Ainda assim, quando Carson virou para a Rua Charter, sentiu uma inquietude inominável tomar conta de si. Salem estava começando a despertar; com a luz do dia, impassivos operários polandeses começavam a marchar em direção às fábricas, passando direto por ele. Um automóvel ou outro passava de vez em quando.

Mais à frente uma multidão reunia-se numa calçada. Carson apressou o passo, consciente da sensação de calamidade iminente. Num choque extraordinário, viu que estava passando pelo Cemitério da Rua Charter, o antigo e malignamente famoso - Ponto Tumular. Com pressa, empurrou as pessoas até chegar à multidão.

Chegavam comentários num tom abafado, e costas troncudas, num uniforme azul, impediram sua passagem. Ele olhou por cima do ombro do policial e engasgou, apavorado. Um homem curvado sobre o corrimão que cercava o velho cemitério. Vestia um terno barato e espalhafatoso, e segurava as barras enferrujadas com tanta força que fazia seus músculos ficarem visíveis nos sulcos das costas cabeludas de suas mãos. Estava morto, e em seu rosto, fitando o céu num ângulo insano, via-se congelada uma expressão do mais abissal e completamente chocante horror. Seus olhos, onde viam-se apenas o branco, estavam arregalados de maneira hedionda; sua boca era um ricto distorcido e amargo.

Um homem, do lado de Carson, virou o rosto branco para seu lado. - Dá impressão de que foi assustado até a morte, disse com a voz um tanto rouca. - Odiaria ter visto o que ele viu. Ugh – olha só esse rosto!

Mecanicamente, Carson recuou alguns passos, sentindo um hálito gelado de coisas sem nome tomar conta de si. Esfregou os olhos, mas ainda via aquela face morta e contorcida insistindo em flutuar em seu campo de visão. Começou a refazer seus passos, trêmulo e abalado. Involuntariamente, seu olhar moveu-se para o lado, descansando nas tumbas e monumentos que pontuavam o velho cemitério. Ninguém fora enterrado ali por mais de um século, e as lápides manchadas de líquen, com suas caveiras aladas, querubins rechonchudos e urnas funerárias,

pareciam exalar um miasma indefinível de antiguidade.

O que havia assustado aquele homem até a morte?

Carson respirou fundo. Certo, o cadáver fora um espetáculo aterrador, mas ele não deveria permitir que a visão abalasse seus nervos. Não poderia permitir – seu romance sofreria com isso. Além disso, argumentou amargamente consigo mesmo, a questão era óbvia o suficiente, em sua explicação. O homem morto era aparentemente polonês, pertencente a um grupo de imigrantes que habitam próximo ao Porto de Salem. Passando pelo cemitério à noite, lugar onde lendas do sobrenatural ainda sobrevivem por quase três séculos, seus olhos bêbados devem ter dado realidade a fantasmas vagos de sua mente supersticiosa. Aqueles poloneses eram notoriamente instáveis em seu emocional, suscetíveis a histeria em massa e imaginações loucas. O grande Pânico dos Imigrantes de 1853, no qual três casas de bruxas foram queimadas até o chão, nasceu da declaração confusa e histérica de uma mulher que disse haver visto um misterioso estrangeiro, vestido de branco, - retirar o próprio rosto. O que mais poderia se esperar de tais pessoas, pensou Carson?

Mesmo assim, permaneceu num estado de nervosismo, e não voltou para casa até a tardinha. Ao chegar, encontrou Leigh, o ocultista, esperando, e ficou grato em ver o homem, convidando-o cordialmente para entrar.

Leigh parecia bastante sério. - Ouviu falar de sua amiga Abigail Prinn? ele perguntou sem maiores preâmbulos, e Carson o fitou, pausando no ato de pôr água filtrada num copo.

Após um longo momento, apertou a alavanca, deixando que o líquido chiasse e espumasse no uísque. Passou a Leigh o drinque e preparou um para si – uísque puro – antes de responder à pergunta.

– Não sei do que você está falando. Ela – o que ela tem feito ultimamente? perguntou, num ar de leviandade forçada.

– Andei checando os registros, disse Leigh, - e descobri que Abigail Prinn foi enterrada em 14 de dezembro de 1690, no Cemitério da Rua Charter – com uma estaca trespassando seu coração. E imagine só?

– Não consigo. Carson falou sem entonação. - E daí?

– Daí que – bem, a sua tumba foi aberta e roubada, só isso. A estaca foi encontrada perto, e haviam muitas pegadas em volta. Pegadas de tênis. Você sonhou na última noite, Carson? Leigh encaixou a pergunta, com os olhos cinzentos e duros.

– Não sei, disse Carson confuso, esfregando a testa. - Não consigo lembrar. Estava no cemitério da Rua Charter esta manhã.

– Oh. Então você deve ter ouvido falar sobre o homem que –

– Eu o vi, interrompeu Carson, enquanto sentia um calafrio. - Fiquei abalado com aquilo.

Engoliu o uísque num só gole.

Leigh ficou observando. - Bem, disse então, - ainda está determinado a permanecer nesta casa?

Carson colocou o copo na mesa e endireitou-se.

– Por que não? descontrolou-se. - Há alguma razão pela qual eu não deva permanecer? Hein?

– Depois do que aconteceu na noite passada

– Depois de ter acontecido o quê? Uma tumba foi roubada. Um polonês supersticioso viu os ladrões e morreu de medo. E daí?

– Está tentando convencer a si mesmo, disse Leigh com calma. - Em seu coração, o senhor sabe – o senhor deve saber da verdade. Tornou-se uma ferramenta nas mãos de forças terríveis, Carson. Por três séculos, Abbie Prinn esteve em sua cova – morta-viva – esperando que alguém caísse em sua armadilha – o Quarto da Bruxa. Talvez ela tenha previsto o futuro quando o construiu, previsto que alguém algum dia encontraria aquela câmara infernal e seria pego na armadilha do padrão de mosaico. Armadilha que te pegou, Carson – e permitiu que aquele horror morto-vivo sobrepusesse o abismo entre consciência e matéria, entrando em contato com você. Hipnotismo é brincadeira de criança para um ser com os poderes assustadores de Abigail Prinn. Ela poderia muito bem forçar você a ir até aquela cova e retirar a estaca que a mantinha cativa, e então apagar a memória desse ato de sua mente, de modo que você não conseguisse lembrar disso, sequer como um sonho!

Carson havia levantado, os olhos queimando com uma luz

estranha. - Em nome de Deus, homem, você sabe de que diabos está falando?

Leigh riu de maneira rude. - Nome de Deus! O nome do diabo, pode dizer – o diabo que ameaça Salem agora; pois Salem corre perigo, correr um terrível perigo. Os homens e mulheres e crianças da cidade que Abbie Prinn amaldiçoou quando foi presa à estaca – e descobriram que ela não podia ser queimada! Estava checando arquivos secretos esta manhã, e vim pedir a você, pela última vez, que deixe esta casa.

– Terminou? Carson perguntou com frieza. - Muito bem. Vou permanecer aqui. Você está insano, ou bêbado, e não conseguirá me impressionar com essa conversa fiada.

– Deixaria a casa se eu oferecesse mil dólares? perguntou Leigh. - Ou mais que isso, então – dez mil? Tenho bastante dinheiro em minhas reservas.

– Não, que coisa! Carson descontrolou-se num surto repentino de raiva. - Tudo que eu quero é ser deixado em paz, sozinho, para terminar meu romance. Não consigo trabalhar em nenhum outro lugar – não quero trabalhar em outro lugar e não irei –

– Já esperava isso, disse Leigh, a voz subitamente quieta, e numa estranha nota de simpatia. - Cara, você não consegue fugir! Está preso na armadilha, e é tarde demais para que você consiga se safar, enquanto Abbie Prinn controlar seu cérebro através do Quarto da Bruxa. E a pior parte do caso é que ela só pode manifestar-se com sua ajuda – ela drena sua forças vitais, Carson, alimenta-se de você como faria um vampiro.

– Você está maluco, disse Carson de maneira embotada.

– Eu estou é com medo. O disco de ferro no Quarto da Bruxa – estou com medo daquilo, e do que está debaixo daquilo. Abbie Prinn servia a estranhos deuses, Carson – e eu li algo naquela parede que me deu uma pista. Já ouviu falar de Nyogtha?

Carson balançou a cabeça, impaciente. Leigh procurou num dos bolsos, e tirou um pedaço de papel. Copiei isto de um livro na Biblioteca Kester, disse, - um livro chamado Necronomicon, escrito por um homem que esteve tão imerso nos segredos proibidos que era chamado de louco. Leia isto.

As sobrancelhas de Carson foram unindo-se conforme ele lia o

trecho: Os homens o conhecem como o Habitante das Trevas, aquele irmão dos Antigos chamado Nyogtha, a Coisa que não deveria existir. Ele pode ser invocado à superfície da terra através de certas cavernas e fissuras secretas, e feiticeiros já o avistaram na Síria e abaixo da torre negra de Leng; do Grotão de Thang, na Tartária, ele veio frenético para trazer o terror e a destruição entre os pavilhões do grande Khan. Apenas através da cruz de voltas, do encantamento Vach-Viraj, e do elixir Tikkoun, Nyogtha pode ser expulso para as cavernas noturnas de asquerosidade oculta onde habita.

Leigh encontrou com calma o olhar confuso de Carson. - Pode compreender agora?

– Encantamentos e elixires! disse Carson, devolvendo o papel. - Mas que baboseira!

– Longe disso. Esse encantamento e o elixir foram conhecidos de ocultistas e adeptos por milhares de anos. Tive oportunidade de usá-los no passado, em certas – ocasiões. E se estou certo quanto a essa coisa – Virou-se para a porta, os lábios comprimidos numa linha pálida. - Essas manifestações já foram derrotadas antes, mas a dificuldade está em obter o elixir – é muito difícil de conseguir. Mas eu tenho esperanças de que... Eu retornarei depois. Será que consegue manter-se fora do Quarto da Bruxa até que eu volte?

– Não vou prometer nada, disse Carson. Sentiu uma vaga dor de cabeça, que viera lentamente crescendo até que penetrasse totalmente em sua consciência, e ele sentiu-se um tanto nauseado. - Adeus.

Conduziu Leigh até a porta e esperou nos degraus, estranhamente relutante em retornar à casa. Ao observar a figura alta do ocultista apressado pela rua, foi interrompido por uma mulher que saía da casa ao lado. Ela viu Carson, e seus grandes seios inclinaram-se para a frente. Solto então um berro raivoso e estridente.

Carson voltou-se para ela, fitando-a com olhos surpresos. Sua cabeça latejava dolorosamente. A mulher aproximou-se, balançando um punho gordo de maneira ameaçadora.

– Por que você assustou minha Sarah? gritou a mulher, seu rosto moreno corado de raiva. - Por que a assustou com seus truques

idiotas, hein?

Carson umedeceu os lábios.

– Desculpe, respondeu com bastante vagar. - Desculpe mesmo. Eu não assustei a sua Sarah. Estive em casa o dia todo. O que a assustou?

– A coisa marrom – ela correu para sua casa, Sarah disse.

A mulher pausou então, e seu queixo caiu. Os olhos se arregalaram. Ela fez um sinal peculiar com a mão direita – apontando o indicador e o mindinho para Carson, com o polegar cruzado sobre os outros dedos. - A bruxa velha!

Retirou-se com rapidez, murmurando em polonês, numa voz assustadiça.

Carson voltou-se e entrou na casa. Jogou algum uísque num copo, considerando o que havia acabado de acontecer, e então colocou o copo de lado, sem beber. Começou a vagar pela casa, de vez em quando esfregando a testa com dedos que pareciam secos e quentes. Pensamentos vagos e confusos passavam por sua mente. A cabeça latejava e parecia febril.

Finalmente, acabou descendo para o Quarto da Bruxa. Ficou ali, embora sem trabalhar; pois a dor de cabeça não era tão opressiva na quietude morta da câmara subterrânea. Depois de um tempo, acabou cochilando.

Quanto tempo passou dormindo, não conseguiu precisar. Sonhou com Salem, e com uma coisa negra e gelatinosa, que mal conseguia visualizar, e que varria as ruas com assustadora velocidade, uma coisa similar a uma ameba gigante e tão negra como o ônix, que perseguia e engolfava homens e mulheres que gritavam e tentavam fugir inutilmente. Sonhou com um rosto cadavérico observando o interior de sua mente, um semblante encanecido e murcho onde apenas os olhos pareciam vivos, brilhando com uma luz infernal e maligna.

Finalmente despertou, levantando-se num átimo. Sentia muito frio. O silêncio era total. À luz do bulbo elétrico, o mosaico verde e púrpura parecia contorcer-se e contrair em sua direção, ilusão que desaparecia conforme a névoa do sono deixava de afetar sua visão. Deu uma olhadela no relógio de pulso. Duas da

manhã. Havia dormido à tarde e acordado de madrugada.

Sentia-se estranhamente fraco, numa lassidão que o deixava imóvel na cadeira. Parecia que haviam drenado suas forças. O frio penetrante parecia atingir seu próprio cérebro, mas a dor de cabeça havia ido embora. Sua mente estava bastante clara – e era como se estivesse aguardando algo, na expectativa. Um movimento próximo chamou sua atenção.

Uma laje de pedra na parede estava se movendo. Ouviu um suave ruído de arrastamento, e lentamente, uma cavidade negra passou de estreito retângulo a um quadrado. Havia algo agachado ali, na escuridão. Um horror cego e evidente atingiu Carson, enquanto a coisa movia-se e arrastava-se para fora, na direção da luz.

Parecia uma múmia. Por um segundo que pareceu toda uma era intolerável, o pensamento atingiu, assustador, o cérebro de Carson: parecia uma múmia! Era um cadáver magro como um esqueleto, da cor marrom de pergaminho, parecia mesmo como se um esqueleto estivesse usando a pele de algum enorme lagarto, esticada sobre os ossos. A coisa estremeceu, rastejou para frente, e suas unhas longas roçaram de modo plenamente audível contra a pedra. Rastejou em direção ao Quarto da Bruxa, seu rosto sem emoções impiedosamente revelado na luz branca, seus olhos brilhando com a vida do além-túmulo. O escritor podia enxergar o espinhaço serrilhado que destacava-se das costas amarronzadas e encarquilhadas da coisa...

Carson ficou ali, imóvel. Um horror abissal havia roubado a capacidade de movimento. Parecia preso nos grilhões de uma paralisia de sono, na qual o cérebro, espectador indolente, não conseguia ou não queria transmitir os impulsos nervosos aos músculos.

Tentou dizer a si mesmo, freneticamente, que estava sonhando, que precisava acordar.

O horror encarquilhado ergueu-se. Ficou de pé, magro como um esqueleto, e passou para a alcova onde o disco de ferro estava incrustado no chão. Dando as costas a Carson, a coisa parou, e um sussurro seco e raspado farfalhou por sobre o silêncio morto. Ao ouvir aquele som, Carson teria gritado, mas não conseguia. E assim continuou o macabro sussurro, numa linguagem que

Carson sabia não pertencer à Terra, e como se reagindo àquele chamado, um tremor quase imperceptível agitou o disco de ferro.

O disco tremeu e começou a levantar-se, muito lentamente, e como se triunfante, o horror emaciado levantou seus braços, que eram esqueléticos como os tubos de uma gaita de foles. O disco havia se erguido quase trinta centímetros, mas continuou a elevar-se acima do nível do chão, fazendo com que um odor insidioso comesse a penetrar o aposento. Era um odor vagamente reptiliano, almiscarado e nauseante. O disco erguia-se inexorável, e um pequeno dedo de negrume rastejou por debaixo dele.

Carson lembrou-se abruptamente da criatura negra e gelatinosa, que varria as ruas de Salem. Tentou em vão quebrar os grilhões da paralisia que o mantia imóvel. A câmara estava ficando cada vez mais sombria, e uma vertigem negra ameaçava tomar o escritor. O aposento pareceu balançar. E ainda assim o disco de ferro erguia-se; e ainda assim o horror encarquilhado continuava com seus braços esqueléticos erguidos numa bênção blasfema; ainda assim o negrume vazava, num movimento lento de pseudópode.

E então um som quebrou a continuidade do sussurro raspante da múmia, o rápido tamborilar de passos que corriam. No canto periférico de sua visão, Carson viu um homem correndo em direção ao Quarto da Bruxa. Era Leigh, o ocultista, e seus olhos brilhavam em seu rosto de palidez mortal. Passou direto por Carson, para a alcova onde o horror negro assomava à vista.

A coisa encarquilhada virou-se com uma lentidão ameaçadora. Leigh carregava consigo algum implemento na mão esquerda, percebeu Carter, uma cruz ansata de ouro e marfim. Sua mão direita era apertada contra o torso. Havia pequenas bolhas de suor em seu rosto branco.

*Ya na kadishtu nil gh'ri... stell'bsna kn'aa Nyogtha.... k'yarnak
phlegethor...*

As sílabas fantásticas e alienígenas trovejaram, ecoando nas paredes da cripta. Leigh avançava com lentidão, erguendo alto a

cruz ansata. E debaixo do disco de ferro, um horror negro espumou para fora!

O disco se levantou, foi jogado longe, e uma grande onda de negrume iridescente, nem líquido nem sólido, uma horrenda massa gelatinosa, começou a vazar na direção de Leigh. Sem pausar o avanço, ele fez um gesto rápido com a mão direita, e um pequeno tubo de vidro foi lançado contra a coisa negra, e engolido.

O horror disforme pausou. Hesitava, com um horrível ar de indecisão, e então rapidamente retrocedeu. Um fedor sufocante de corrupção cáustica começou a invadir o ar, e Carson viu que grandes pedaços da coisa negra se destacavam, desfazendo-se como se fossem sendo destruídos por um ácido corrosivo. A coisa fugia num espasmo liquescente, deixando para trás fragmentos de uma carne negra e macabra.

Um pseudópode de negrume alongou-se a partir da massa central e como um grande tentáculo, agarrou o ser cadavérico, arrastando-o para o poço para onde retornava e batendo-o nas bordas. Outro tentáculo agarrou o disco de ferro, puxou-o sem esforços pelo chão, e enquanto o horror desaparecia das vistas, o disco recolocava-se num estrondo trovejante.

O quarto rodava à volta de Carson, e uma náusea aterrorizante tomou conta do escritor. Fez um esforço tremendo para levantar-se, e então a luz se apagou com rapidez. A escuridão o possuiu.

O romance de Carson jamais foi terminado. Ele o queimou, mas continuou a escrever, embora nenhuma de suas obras recentes jamais tenha sido publicada. Os editores balançavam a cabeça e ficavam imaginando como um escritor tão brilhante de ficção popular havia tão subitamente se embrenhado no bizarro e no macabro.

– É bastante poderoso, um deles disse a Carson, devolvendo seu romance, *O Deus Negro da Loucura*. - Notável à sua própria maneira, mas é mórbido e horrível. Ninguém o compraria. Carson, por que você não volta a escrever o tipo de romance que costumava, do tipo que o fez famoso?

Foi então que Carson quebrou o voto de nunca mencionar o Quarto da Bruxa, e desabafou a história inteira, esperando

compreensão e crença da parte do interlocutor. Mas ao terminar, seu coração afundou quando viu o rosto do outro, simpático mas cético.

– Você sonhou com tudo isso, não foi? o homem perguntou, e Carson riu amargamente.

– Foi – eu sonhei tudo isso.

– Deve ter gerado uma impressão terrivelmente vívida em sua mente. Alguns sonhos são assim. Mas você esquecerá isso quando for a hora, preveu, ao que Carson assentiu.

Percebendo que isso apenas levantaria dúvidas quanto à sua sanidade, o escritor não mencionou a coisa que queimava, indelével, em seu cérebro, o horror que presenciara no Quarto da Bruxa ao despertar de seu desmaio. Antes que ele e Leigh saíssem com pressa da câmara, rostos pálidos e trêmulos, Carson deu uma olhada rápida para trás.

Os fragmentos corroídos e encarquilhados que havia visto destacando-se daquele ser de blasfêmia insana haviam de fato desaparecido, embora tenham deixado manchas negras nas pedras. Abbie Prinn talvez houvesse retornado ao inferno que servia, e seu deus inumano retornara a abismos ocultos além da compreensão da humanidade, expulso pelas poderosas forças da magia ancestral que o ocultista dominava. Mas a bruxa havia deixado uma lembrança para trás, uma coisa horrenda que Carson, naquela última olhadela, viu saindo das bordas do disco de ferro, como se erguida numa saudação irônica – aquela mão atrofiada, como se fosse uma garra!

O PROGRAMA DE 12 PASSOS DE GODZILLA - Joe R. Lansdale

UM: Trabalho honesto

Godzilla em seu caminho para o trabalho na fundição, vê um prédio grande que parece ser feito de cobre brilhante e negro, refletindo o sol. Ele vê sua própria imagem refletida e pensa nos velhos tempos, pensa em como seria pisoteá-lo todo, queimá-lo, arrebentar aquelas janelas com seu bafo de fogo e então dançar entre as ruínas e a fumaça.

Um dia de cada vez, disse para si mesmo. Um dia de cada vez.

Forçou-se a olhar para o prédio e então foi para a fundição. Colocou seu capacete. Soprou seu fogo dentro do barril de partes de carros usados, transformando-os em metal derretido. O metal escorreu pelas calhas para dentro de novos moldes de novas partes de carros. Portas, tetos, *etc.*

Godzilla sentiu que parte da tensão se dissipava.

DOIS: Recreação

Depois do trabalho, Godzilla evitou o centro da cidade. Parar de soprar as chamas após o trabalho era difícil.

Foi ao Centro Recreacional Grande Monstro. Gorgo está lá, bebendo água com óleo, como sempre. Gorgo está falando sobre os velhos tempos. É sempre assim. Os velhos tempos.

Eles vão para os fundos e queimam alguns destroços colocados lá diariamente para uso do Centro. Kong também está lá, bêbado. Está brincando com algumas bonecas Barbie. Ele sempre faz isso. Finalmente as guarda no bolso do casaco, pega seu andador e balança-se até Godzilla e Gorgo.

Gorgo diz: - Desde aquela queda, ele não faz mais porra nenhuma. E qual é o lance dele com aquelas bonecas de plástico? Será que ele não sabe que existem mulheres de verdade no mundo?

Godzilla pensa ver lágrimas nos olhos de Gorgo, que saudosamente observa Kong caminhar com dificuldade.

Godzilla reduz algumas sucatas em cinzas, mas para não é o bastante, poderia soprar fogo o dia inteiro e mesmo assim não chegaria ao máximo de sua compulsão. Não era sequer tão satisfatório quanto a fundição.

Foi para a casa.

TRÊS: Sexo e destruição

Naquela noite exibiram um filme de monstros na televisão. O de sempre. Grandes monstros espalhando destruição, uma cidade após a outra. Esmagando pedestres debaixo de seus pés.

Godzilla examinou a sola de seu pé direito, a cicatriz continuava lá, cicatriz de achatar carros. Lembrava-se da sensação das pessoas serem espremidas entre os dedos. Pensou sobre tudo isso e mudou de canal. Assistiu 20 minutos de - Mister Ed, desligou a televisão e masturbou-se com a lembrança de cidades queimando e carne esmagada.

Depois, tarde da noite, acordou banhado em suor. Foi até o banheiro e rapidamente fez algumas figuras humanas, bem toscas, a partir das barras de sabão. Esmagou então o sabão entre os dedos, de olhos fechados, tentando se lembrar da sensação.

QUATRO: Viagem à praia e a grande tartaruga

Sábado Godzilla foi até a praia. Um monstro bêbado que parecia uma grande tartaruga, voou na sua direção e o acertou em cheio. Xingou-o, procurando briga.

Godzilla lembrou do nome da tartaruga. Gamera.

Gamera sempre fora um problema. Ninguém gostava de Gamera. Era um verdadeiro pé no saco!

Godzilla cerrou os dentes e segurou as chamas. Deu as costas para ele e voltou-se para a praia. Murmurava um mantra secreto, dado a ele por seu orientador.

A tartaruga gigante continuou a persegui-lo, xingando-o.

Godzilla guardou seus apetrechos de praia e foi para casa. Nas suas costas, ouvia a tartaruga ainda xingando, ainda pressionando-o. Tudo que podia fazer era não fazer nada com aquela idiota miserável. Tudo que podia fazer. Sabia que a tartaruga estaria nas manchetes amanhã.

Ela acabaria destruindo alguma coisa.

Godzilla pensou que talvez devesse tentar conversar com ela, apresentá-la ao programa dos doze passos. Era o que supostamente devia fazer. Ajudar aos outros. Talvez a tartaruga conseguisse se tranquilizar. Mas você só pode ajudar aqueles que se ajudam. Godzilla percebeu que não poderia salvar todos os monstros do mundo. Precisavam tomar suas decisões sozinhos.

Fez uma anotação mental de que deveria andar com folhetos dos 12 passos com ele, a partir de agora.

Mais tarde ligou para seu orientador e contou sobre seu dia miserável. Que queria voltar a queimar edifícios e brigar com a grande tartaruga.

Reptilicus disse que era assim mesmo. Que ele teria dias como aquele.

Uma vez um monstro sempre um monstro. Mas que ele era um monstro recuperado. Levava a vida um dia de cada vez. Era o único jeito de ser feliz. Você não podia queimar e matar e mastigar humanos e suas criações, sem pagar o preço da culpa,

sem ser alvo da artilharia.

Godzilla agradeceu Reptilicus e relaxou.

Sentiu-se melhor por algum tempo, mas por dentro ele pensava o quanto de culpa ele guardava em seu coração. Pensou que talvez fosse a artilharia e os disparos de foguetes o que ele realmente detestava, não a culpa.

CINCO: Saindo dos trilhos

Aconteceu de uma hora para outra. Voltava do trabalho quando viu uma pequena casa de cachorro, com um cachorro junto da entrada. Ninguém por perto. O cachorro parecia velho, estava preso por uma corrente. Um cachorro qualquer, vagabundo. A tigela de água vazia.

O cachorro vivia uma vida miserável. Preso. Entediado. Sem água.

Godzilla saltou sobre a casinha e esmagou o cachorro. Queimou o que restou do cachorro e da casinha. Pulou sobre os restos carbonizados. Cinzas negras e cachorro queimado entre seus dedos o lembraram dos velhos tempos.

Rápido deixou o local, ninguém o vira. Sentiu-se mal. Ligou para Reptilicus e ouviu da secretária eletrônica: - Não estou em casa agora, por favor deixe sua mensagem e eu ligarei de volta.

A máquina bipou. Godzilla disse: - Socorro'.

SEIS: O orientador

A casa de cachorro ficou em sua cabeça por todo o dia seguinte. Enquanto trabalhava, pensava em como o cachorro queimara, como a casinha se partira em pedaços. Pensou na dança que fez sobre as cinzas.

Aquele dia se arrastou como uma eternidade. Pensou que após o trabalho, talvez pudesse achar outra casa de cachorro, outro cachorro.

No caminho de casa, manteve-se atento, mas nada de casas de cachorro ou mesmo cachorros.

Em casa, uma luz piscava em sua secretária eletrônica. Uma mensagem de Reptilicus, que dizia: - Me ligue.

Godzilla ligou e disse: - Reptilicus! Perdoe-me! Eu pequei.

SETE: Desilusão e desapontamento

A conversa com Reptilicus não ajudara muito. Godzilla reduziu a pedacinhos todos os folhetos do programa dos doze passos. Limpou o traseiro com alguns e os atirou pela janela. Os que restaram, colocou na pia e queimou. Queimou a mesa de café e uma cadeira e quando se deu conta do que tinha feito, sentiu-se pior.

Sabia que a proprietária iria esperar que ele repusesse os móveis. Ligou o radio e chorou na cama ao ouvir uma estação de antigos sucessos. Dormiu enquanto - Martha and the Vandels cantavam "Heat Wave" (Onda de calor).

OITO: Desempregado

Godzilla sonhava que o Deus escamoso tinha surgido para ele, cuspiendo fogo. Disse que tinha vergonha de Godzilla. Disse que esperava mais dele. Godzilla acordou, afogando-se em seu suor. Estava só. Sentiu-se culpado. Tinha vaga lembrança de ter acordado e saído por ai, pela cidade, queimando e destruindo. Estava cansado, mas não se lembrava de tudo que havia feito. Talvez lesse a respeito nos jornais sobre isso.

Cheirava a madeira carbonizada e plástico derretido. Havia uma coisa gosmenta entre seus dedos e algo lhe dizia que não era sabão.

Queria se matar. Foi buscar sua arma, mas estava bêbado demais para encontrá-la. Caiu ao chão. Sonhou com o demônio desta vez. Parecia-se com o Deus, exceto por ter uma só sobrancelha que se esticava sobre ambos os olhos. O demônio disse que tinha vindo atrás dele.

Godzilla lutou e rugiu. Sonhou que trocava socos com o demônio e que seu fogo não fazia efeito nele. Acordou tarde no dia seguinte. Lembrava-se do sonho. Não dava para trabalhar daquele jeito e dormiu o resto do dia.

De noite leu sobre ele nos jornais. Realmente fizera alguns estragos, queimando parte da cidade. Havia uma foto bem clara dele, arrancando a cabeça de uma mulher.

Recebeu uma ligação de seu gerente naquela noite. Disse que Godzilla estava demitido.

NOVE: Sedução

No dia seguinte apareceram os humanos. vestiam ternos pretos e sapatos polidos e mostraram credenciais.

Estavam armados também.

Um deles disse: - Você é um problema. Nosso governo quer mandá-lo de volta ao Japão.

- Eles me odeiam por lá. Eu acabei com Tóquio! disse Godzilla.

- Você também não tem se dado bem por aqui. Por sorte você queimou uma parte menos privilegiada da cidade, ou você estaria ferrado. Isso dito, temos uma proposta de trabalho para você.

- Qual?

- Você coça nossas costas e nós coçamos as suas.

Então o homem contou o que tinha em mente.

DEZ: Escolhas

Godzilla mal dormiu naquela noite. Levantou-se e brincou de esmagar seu pequeno toca-discos. Dançou pela sala como se estivesse se divertindo, mas não estava.. Foi ao Centro Recreacional Grande Monstro.

Encontrou Kong num banco, despindo uma de suas Barbies, e tocando entre as pernas, a vagina que desenhara com caneta azul. Agora ele desenhava pêlos pubianos nela.

Godzilla achava que talvez Kong pudesse fazer o trabalho por ele.

Por Deus, você não quer acabar como Kong. Completamente fora deste mundo.

Por outro lado, se ele tivesse algumas bonecas para queimar, serviria para acalmá-lo.

Não. Depois de experimentar a coisa de verdade, para que serviria uma Barbie? Era como cerveja sem álcool.

Como aqueles escombros nos fundos. Cerveja sem álcool. A fundição. O programa de doze passos. Tudo cerveja sem álcool.

ONZE: Trabalhando para o governo

Godzilla ligou para os desgraçados do governo.

- Certo! Eu farei.

- Ótimo. Achávamos que toparia. Olhe em sua caixa de correio. O mapa e as instruções estão lá dentro.

Godzilla saiu de casa e foi conferir. Havia um envelope pardo com instruções dentro. Dizia: - Queime todos os pontos que estão no mapa. Quando terminar com estes, encontrará outros. Apenas tenha certeza de que ninguém irá escapar. Até o último homem, mulher e criança.

Godzilla abriu o mapa. Havia vários pontos marcados de vermelho. Sob as marcações ele podia ler: - Cidade dos Crioulos, - Vila dos Amarelos, - Enclave do lixo branco, - Bairro das piranhas. - Monte de Democratas.

Godzilla entendeu o que poderia fazer. Poderia ser espontâneo. Queimar sem culpa. Esmagar sem culpa. E não somente isso, eles haviam lhe mandado um cheque.

Ele fora contratado por sua cidade adotiva para limpar a sujeira, ou era como eles viam.

DOZE: O passo final

Godzilla parou perto do primeiro lugar da lista: - Cidade dos crioulos

Viu crianças brincando nas ruas. Cães. Pessoas olhando para ele, imaginando o que ele fazia ali.

Godzilla derrepente sentiu algo dentro de si. Sabia que estava sendo usado. Virou-se e saiu dali. Foi em direção a área da cidade onde ficavam os prédios do governo.

Começou pela mansão do governador.

Estava fora de controle. A artilharia caiu encima dele, mas de nada serviu.

Estava enlouquecido. Como nos velhos tempos.

Reptilicus apareceu com um megafone, tentando acalmar Godzilla, mas ele não o ouvia. Queimava o topo do prédio da prefeitura, descendo e queimando e mais, até o chão.

Kong apareceu e o saudou. Kong então atirou longe o andador e passou a destruir tudo ao redor e depois subiu no prédio do governo. Balas zuniam à volta do macaco gigante.

Godzilla ficou olhando Kong alcançar o topo, segurando-se com uma das mãos enquanto balançava uma boneca Barbie com a outra. Kong então colocou a Barbie entre os dentes e do bolso tirou um Ken despido.

Kong havia feito um tipo de pênis em Ken e gritava - É isso ai! É isso ai! Eu sou de Antes e Depois de Cristo, seus filhospaputa!

Jatos apareceram e lançaram um ataque contra Kong, que levou um míssil bem entre os dentes.

Barbie, dentes e pedaços de cérebro encheram o céu cinzento. Kong caiu.

Gorgo saiu do meio da multidão e debruçado sobre o macaco, chorando, pegou-o nos braços.

A mão de Kong lentamente se abriu, revelando Ken e seu - pinto quebrado.

A tartaruga voadora apareceu e Kong arrancou o topo do prédio

e bateu em Gamera com ele.

Até os policiais e o exército aplaudiram.

Godzilla bateu, bateu e bateu na tartaruga, espalhando pedaços de carne de tartaruga por toda parte, igual a quando se sobreaquece um poodle em um forno de microondas.

Alguns pedestres recolheram nacos da carne e levaram para casa para assar, por que havia um boato que dizia que tinha gosto de galinha.

Godzilla levou três foguetes no peito, cambaleou e tombou. Os tanques o cercaram.

Godzilla abriu sua boca sangrenta e riu. Pensou, se a coisa não se resolver aqui, terei que acabar com os negros, com os amarelos, o lixo branco e os homossexuais.

Pro inferno com o programa dos doze passos. Pro inferno com a humanidade.

Então Godzilla morreu e fez a maior nojeira na rua.

Os militares saíram de perto, pisando na ponta dos pés e segurando seus narizes.

Mais tarde Gorgo reclamaria o corpo de Kong.

Reptilicus, entrevistado pelos repórteres da tevê, declarou: - Zil a quase conseguiu, caramba! Quase! Se ele tivesse conseguido completar o programa, ele ficaria ok. Mas a pressão da sociedade foi demais pra ele. Você não pode culpá-lo pelo que a sociedade fez com ele.

No caminho de casa, Reptilicus lembrou dos prédios em chamas. Dos disparos das armas. Igualzinho aos velhos tempo, quando ele, Zil a, Kong e a idiota da tartaruga eram jovens.

Reptilicus pensou em Kong, balançando o boneco Ken, com Barbie entre os dentes.

Lembrou de Godzilla morrendo de rir.

Um monte de velhos sentimentos afloraram em Reptilicus. Era duro lutar contra isso.

Encontrou um local remoto e uma casa às escuras e urinou pela janela esquecida aberta, então foi para casa.

O QUE É ESPERADO DE NÓS - Ted Chiang

Este é um aviso. Por favor, ouça com atenção.

Neste instante você está provavelmente olhando para um Predictor, milhões deles foram vendidos.

Para quem nunca viu, trata-se de um aparelho pequeno, como um controle remoto do portão da garagem, com um botão e um led verde.

A luz pisca quando você pressiona o botão.

Na verdade, ela pisca um segundo antes de você apertar o botão.

A maioria das pessoas diz que quando pela primeira vez o experimentaram, sentiram como se estivessem jogando um tipo estranho de jogo, um onde o objetivo fosse pressionar o botão após ver a luz se acender, e assim ficava fácil.

Mas quando se tenta quebrar as regras, você descobre que não consegue.

Se tentar apertar o botão sem ter visto a luz esta imediatamente se acende, não importa o quão rápido seja o movimento, Não dá para apertar o botão sem que um segundo tenha decorrido.

Se você esperar pela luz, esta nunca se acende. Não importa o que faça, a luz se acende sempre antes de pressionar o botão. Não há como enganar o Predictor.

No interior de cada Predictor há um circuito de atraso negativo que envia um sinal de volta no tempo.

As implicações completas de tal tecnologia irão se tornar claras mais adiante, quando um atraso negativo maior do que um segundo ocorre, mas não é sobre isso que quero falar.

O problema mais grave é que o Predictor demonstra que não há tal coisa chamada livre arbítrio.

Sempre existiram argumentos demonstrando que o livre arbítrio é uma ilusão, alguns deles baseados na física, outros baseados na lógica. A maioria das pessoas concorda que tais argumentos são

irrefutáveis, mas ninguém realmente aceitou a conclusão.

A experiência de livre arbítrio é tão poderosa que não bastam argumentos, é necessária uma demonstração, e é isso que o Predictor faz.

É comum que uma pessoa brinque com o Predictor compulsivamente por muitos dias, mostrando-o para os amigos, bolando esquemas para vencer o aparelho. A pessoa pode parecer perder o interesse nele, mas ninguém consegue esquecê-lo nas semanas seguintes; as implicações de estar naufragado em um futuro imutável.

Alguns, percebendo que suas escolhas não importam, passam a se recusar a fazer qualquer escolha, como uma legião de Bartleby, - o escrivão (personagem bizarro de um livro de H.Melville, que se recusa a trabalhar ou tomar qualquer atitude.), não mais realizando qualquer ação espontânea.

Eventualmente um terço daqueles que brincam com o Predictor precisam ser hospitalizados, pois não mais se alimentam. O estado final é o mutismo e a imobilidade total, um tipo de coma desperto.

Seus olhos são capazes de seguir um movimento e eventualmente mudam de lugar, mas nada mais.

A habilidade de se mover permanece, mas a motivação se perdeu.

Antes das pessoas começarem a brincar com os Predictors, tal manifestação era bastante rara, o resultado de um dano na região do cérebro chamada cingulate córtex. Agora se parece mais como uma praga cognitiva. As pessoas especulam sobre como se destrói um pensamento, algo saído do terror de Lovecraft ou como se uma frase secreta fosse capaz de destruir a lógica do ser humano.

Isso apenas demonstra aquilo que recusamos a crer, que o livre arbítrio não existe.

Não é fácil, até que se passa a acreditar nisso.

Médicos tentam argumentar com seus pacientes enquanto estes ainda podem interagir em uma conversa. Todos nós estivemos vivendo felizes em nossas vidas ativas antes disso, e nunca tivemos livre arbítrio também, então por que algo precisaria

mudar? 'Nenhuma ação que você executou no último mês foi mais espontânea do que qualquer que venha a ter hoje' poderia dizer um médico.

– Você ainda pode se comportar assim agora.

Os pacientes invariavelmente respondem: – Mas agora eu sei.

E jamais voltam a falar novamente.

Alguns irão dizer que o fato do Predictor causar esta mudança de comportamento significa que nós temos livre arbítrio. Um autômato não pode por si só tornar-se desencorajado, apenas uma entidade livre para pensar poderá fazê-lo. O fato de que algumas pessoas contraem os sintomas mais graves enquanto outras não, apenas ressalta a importância de fazer uma escolha.

Infelizmente tal racionalidade é falha; cada forma de comportamento é compatível com o determinismo, um sistema dinâmico pode funcionar como esperado enquanto outro exibe comportamento caótico indefinidamente e ambos são completamente determinísticos.

Estou transmitindo este alerta para você de um ano além, de seu futuro.

É a primeira mensagem longa recebida quando circuitos com atraso negativo num espaço de mega-segundo foram usados para construir equipamentos de comunicação.

Outras mensagens virão em seguida, falando de outros assuntos.

Minha mensagem para você é essa: finja que você tem livre arbítrio.

É essencial que você se comporte como se suas decisões importassem, mesmo sabendo que não importam. A realidade não é importante: O que importa é acreditar, e acreditar na mentira é o único jeito de se evitar o coma desperto.

A civilização agora depende de seu auto-engano. Talvez, sempre dependeu.

E mesmo sabendo disso, que o livre arbítrio é uma ilusão, está predeterminado quem irá ser acometido pelo coma desperto e quem não irá. Não há nada que possamos fazer - você não pode escolher o efeito que o Predictor terá em você. Alguns irão sucumbir e outros não, e enviar esta mensagem não irá alterar

estas proporções. E por que então eu estou fazendo isso?
Por que eu não tive escolha.

Fim.

Ted Chiang mora em Bellevue, Washington (EUA). Ocasionalmente escreve contos de Ficção Científica (FC), reconhecidamente distintos e bem trabalhados. 'Stories of Your Life and Others' seu livro de coletâneas foi publicado em 2002. Ted Chiang disse: 'A extensão de um trabalho de FC reflete a ciência; é Hard FC. E refletir a ciência não necessariamente significa ser consistente com uma série de fatos; essencialmente significa ser consistente com certa estratégia para se entender o universo. A ciência procura um tipo de explicação diferente daquela fornecida pela arte ou pela religião, uma explicação onde a objetividade abre precedentes para experiências subjetivas.

OS NOVE BILHÕES DE NOMES DE DEUS

- Arthur C. Clarke

– Este é um pedido um tanto estranho — disse o doutor Wagner, com o que esperava poderia ser um comentário plausível. — Que eu me lembre, é a primeira vez que alguém pede um computador de sequência automática para um monastério tibetano. Eu não gostaria de me mostrar inquisitivo, mas me custa pensar que em seu... hum... estabelecimento, existam aplicações para semelhante máquina. Poderia me explicar o que tentam fazer com ela?

– Com muito prazer — respondeu o lama, arrumando a túnica de seda e deixando cuidadosamente a um lado a régua de cálculo que tinha usado para efetuar a equivalência entre as moedas. — Seu ordenador Mark V pode efetuar qualquer operação matemática rotineira que inclua até dez cifras. Entretanto, para nosso trabalho estamos interessados em letras, não em números. Quando tiverem sido modificados os circuitos de produção, a máquina imprimirá palavras, não colunas de cifras.

– Não compreendo...

– É um projeto em que estivemos trabalhando durante os últimos três séculos; de fato, desde que se fundou o lamaísmo. É algo estranho para seu modo de pensar; assim espero que me escute com a mente aberta, enquanto explico.

– Naturalmente.

– Na realidade, é muito singelo. Estivemos recolhendo uma lista que conterà todos os possíveis nomes de Deus.

– O que quer dizer?

– Temos motivos para acreditar — continuou o lama, imperturbável — que todos esses nomes se podem escrever com não mais de nove letras em um alfabeto que idealizamos.

– E estiveram fazendo isto durante três séculos?

– Sim; achávamos que nos custaria ao redor de quinze mil anos completar o trabalho.

– Oh! – exclamou o doutor Wagner, com expressão um tanto aturrida. – Agora compreendo por que quiseram alugar uma de nossas máquinas. Mas qual é exatamente a finalidade deste projeto?

O lama vacilou durante uma fração de segundo e Wagner se perguntou se o tinha ofendido.

Em todo caso, não houve rastro alguma de zanga na resposta.

– Chame-o de ritual, se quiser, mas é uma parte fundamental de nossas crenças. Os numerosos nomes do Ser Supremo que existem: Deus, Jehová, Alá, etcétera, só são etiquetas feitas pelos homens. Isto encerra um problema filosófico de certa dificuldade, que não me proponho discutir, mas em algum lugar entre todas as possíveis combinações de letras que se podem fazer estão os que se poderiam chamar de verdadeiros nomes de Deus. Mediante uma permutação sistemática das letras, tentamos elaborar uma lista com todos esses possíveis nomes.

--Compreendo. começaram com o AAAAAAA... e continuaram até o ZZZZZZZ...

– Exatamente, embora nós utilizemos um alfabeto especial próprio. Modificando os tipos eletromagnéticos das letras, arruma-se tudo; e isto é muito fácil de fazer. Um problema bastante mais interessante é o de desenhar circuitos para eliminar combinações ridículas. Por exemplo, nenhuma letra deve figurar mais de três vezes consecutivas.

– Três? Certamente você quer dizer dois.

– Três é o correto. Temo que me ocuparia muito tempo explicar o por que, mesmo que você entendesse nossa língua.

– Estou seguro disso – disse Wagner, apressadamente – Continue.

– Por sorte, será fácil adaptar seu computador de sequência automática a esse trabalho, posto que, uma vez sendo programado adequadamente, permutará cada letra por turno e imprimirá o resultado. O que iria demorar quinze mil anos se poderá fazer em cem dias.

O doutor Wagner ouvia os débeis ruídos das ruas de Manhattan, muito abaixo. Estava em um mundo diferente, um mundo de montanhas naturais, não construídas pelo homem. Nas remotas

alturas de seu longínquo país, aqueles monges tinham trabalhado com paciência, geração após geração, enchendo suas listas de palavras sem significado. Havia algum limite às loucuras da humanidade?

Não obstante, não devia insinuar seus pensamentos.

O cliente sempre tinha razão...

– Não há dúvida – replicou o doutor – de que podemos modificar o Mark V para que imprima listas deste tipo. Mas o problema da instalação e a manutenção já me preocupa mais. Chegar ao Tibet nos tempos atuais não vai ser fácil.

– Nos encarregaremos disso. Os componentes são bastante pequenos para podermos transportar de avião. Este é um dos motivos de ter eleito sua máquina. Se você pode fazer chegar à Índia, nós proporcionaremos o transporte dali em diante.

– E querem contratar dois de nossos engenheiros?

– Sim, para os três meses que se supõe que dure o projeto.

– Não duvido de que nossa seção de pessoal lhes proporcionará as pessoas idôneas. – O doutor Wagner fez uma anotação na caderneta que tinha sobre a mesa – há outras duas questões – antes de que pudesse terminar a frase, o lama tirou uma pequena folha de papel.

– Isto é o saldo de minha conta do Banco Asiático.

– Obrigado. Parece ser... hum... adequado. A segunda questão é tão corriqueira que vacilo em mencioná-la... mas é surpreendente a frequência com que o que consideramos óbvio acaba nos atrapalhando. Que fonte de energia elétrica vocês tem?

– Um gerador diesel que proporciona cinqüenta kilowatts a cento e dez volts. Foi instalado faz uns cinco anos e funciona muito bem. Faz a vida no monastério muito mais cômoda, mas, certamente, na realidade foi instalado para proporcionar energia aos alto-falantes que emitem as preces.

– Certamente — admitiu o doutor Wagner. – Devia ter imaginado.

A vista do parapeito era vertiginosa, mas com o tempo se

acostuma a tudo.

Depois de três meses, George Hanley não se impressionava pelos dois mil pés de profundidade do abismo, nem pela visão remota dos campos do vale semelhantes a quadrados de um tabuleiro de xadrez. Estava apoiado contra as pedras polidas pelo vento e contemplava com displicência as distintas montanhas, cujos nomes nunca se preocupou de averiguar.

Aquilo, pensava George, era a coisa mais louca que lhe tinha ocorrido jamais.

O - Projeto Shangri-Lá, como alguém o tinha batizado nos longínquos laboratórios.

Por semanas o Mark V estava produzindo quilômetros de folhas de papel cobertas de galimatias.

Pacientemente, inexoravelmente, o computador ia dispondo letras em todas suas possíveis combinações, esgotando cada classe antes de começar com a seguinte.

Quando as folhas saíam das máquinas de escrever electromáticas, os monges as recortavam cuidadosamente e as pregavam a uns livros enormes. Uma semana mais e, com a ajuda dos céus, teriam terminado. George não sabia que obscuros cálculos tinham convencido aos monges de que não precisavam preocupar-se com as palavras de dez, vinte ou cem letras.

Um de seus habituais quebra-cabeças era que se produzisse alguma mudança de plano e que o grande lama (a quem eles chamavam Sam Jaffe, embora não lhe parecesse absolutamente) anunciasse de repente que o projeto se estenderia aproximadamente até o ano 2060 da Era Cristã.

Eram capazes de uma coisa assim.

George ouviu que a pesada porta de madeira se fechava de repente com o vento ao tempo que Chuck entrava no parapeito e parava ao seu lado. Como de costume, Chuck ia fumando um dos charutos puros que lhe tinham feito tão popular entre os monges que, parece, estavam completamente dispostos a adotar todos os menores e grande parte dos maiores prazeres da vida.

Isto era uma coisa a seu favor: podiam estar loucos, mas não eram tolos.

Aquelas frequentes excursões que realizavam à aldeia abaixo, por exemplo...

– Escuta, George – disse Chuck, com urgência. – Soube algo que pode significar um desgosto.

– O que aconteceu? A máquina não funciona bem? – Esta era a pior contingência que George podia imaginar. Era algo que poderia atrasar a volta e não havia nada mais horrível. Tal como se sentia ele agora, a simples visão de um anúncio de televisão lhe pareceria um maná caído do céu.

Pelo menos, representaria um vínculo com sua terra.

– Não, não é nada disso. – Chuck se instalou no parapeito, o que não era habitual nele, porque normalmente lhe dava medo o abismo. — Acabo de descobrir qual é o motivo de tudo isto.

– O que quer dizer? Eu pensava que sabíamos.

– Certo, sabíamos o que os monges estão tentando fazer. Mas não sabíamos por que. É a coisa mais louca...

– Isso eu imagino – grunhiu George.

– ...mas o velho me acaba de falar claramente. Sabe que ele aparece a cada tarde para ver como vão saindo as folhas. Pois bem, desta vez parecia bastante excitado ou, pelo menos, mais do que está acostumado a estar normalmente. Quando lhe disse que estávamos no ultimo ciclo, me perguntou, nesse sotaque inglês tão fino que tem, se eu tinha pensado alguma vez no que tentavam fazer. Eu disse que eu gostaria de sabê-lo... e então me explicou.

– Continua; estou entendendo.

– O caso é que eles acreditam que quando tiverem feito a lista de todos os nomes, e admitem que há uns nove trilhões, Deus terá alcançado seu objetivo. A raça humana terá acabado aquilo para o qual foi criada e não terá sentido algum continuar. Certamente, a idéia é algo assim como uma blasfêmia.

– Então que esperam que façamos? Suicidarmo-nos?

– Não há nenhuma necessidade disto. Quando a lista estiver completa, Deus entra em ação, acaba com todas as coisas!

– Oh, já compreendo! Quando terminarmos nosso trabalho, será o fim do mundo.

Chuck deixou escapar uma risadinha nervosa.

– Isto é exatamente o que disse ao Sam. E sabe o que ocorreu? Olhou-me de um modo muito estranho, como se eu tivesse cometido alguma estupidez e disse: - Não se trata de nada tão corriqueiro como isso.

George pensou durante um momento.

– Isto é o que eu chamo de uma visão ampla do assunto — disse depois. — Mas o que supõe que deveríamos fazer a respeito? Não vejo que isso faça a mínima diferença para nós. Afinal já sabíamos que estavam loucos.

– Sim... mas não percebe o que se pode acontecer? Quando a lista estiver acabada e o plano final não der certo, ou não ocorrer o que eles esperam, seja o que for, podem-nos culpar do fracasso. É nossa máquina que estiveram usando. Esta situação eu não gosto nem um pouco.

– Compreendo — disse George, lentamente. – Há nisso um certo interesse. Mas esse tipo de coisas ocorreu outras vezes. Quando eu era um menino, lá em Louisiana, tínhamos um pregador louco que uma vez disse que o fim do mundo chegaria no domingo seguinte. Centenas de pessoas acreditaram e algumas até venderam suas casas. Entretanto, quando nada aconteceu, não ficaram furiosos, como se pode esperar. Simplesmente, decidiram que o pregador tinha cometido um engano em seus cálculos e seguiram acreditando. Parece-me que alguns deles acreditam ainda.

– Bom, mas isto não é Louisiana, se por acaso ainda não deu conta. Nós não somos mais que dois e monges há a centenas aqui. Eu tenho consideração por eles e sentirei pena pelo velho Sam quando vir seu grande fracasso. Mas de todo modo, eu gostaria de estar em outro lugar.

– Isso eu estive desejando durante semanas. Mas não podemos fazer nada até que o contrato tenha terminado e cheguem os transportes aéreos para nos levar. Claro que —disse Chuck, pensativamente — sempre poderíamos tentar uma ligeira sabotagem.

– E isso só pioraria as coisas.

– O que eu quis dizer não foi isso. Olha -- Funcionando as vinte

e quatro horas do dia, tal como está fazendo, a máquina terminará seu trabalho dentro de quatro dias a partir de hoje. O transporte chegará dentro de uma semana. Pois bem, tudo o que precisamos fazer é encontrar algo que tenha que ser reparado, quando fizermos uma revisão; algo que interrompa o trabalho durante um par de dias. Nós consertaremos, certamente, mas não com muita pressa. Se calcularmos bem o tempo, poderemos estar no aeródromo quando o último nome ficar impresso no registro. Então já não nos poderão agarrar.

– Não gosto da idéia – disse George. – Seria a primeira vez que abandonei um trabalho. Além disso, faria-lhes suspeitar. Não; vamos ficar e aceitar o que vier.

– Ainda não gosto dessa disso – disse ele, sete dias mais tarde, enquanto os pequenos mas resistentes cavalinhos de montanha os levavam para baixo, serpenteando pela estrada. – E não pense que fujo porque tenho medo. O que passa é que sinto pena desses infelizes e não quero estar junto deles quando perceberem quão tolos foram. Pergunto-me como vai ser com Sam.

– É curioso – replicou Chuck – mas quando lhe disse adeus, tive a sensação de que ele sabia que nós partíamos e que não lhe importava, porque sabia também que a máquina funcionava bem e que o trabalho ficaria muito em breve acabado. depois disso... claro que, para ele, já não há nenhum depois...

George se voltou na cadeira e olhou para trás, atalho acima.

Era o último sítio de onde se podia contemplar com clareza o monastério. A silhueta dos achaparrados e angulares edifícios se recortava contra o céu crepuscular: aqui e ali se viam luzes que resplandeciam como as janelas do flanco de um transatlântico. Luzes elétricas, certamente, compartilhando o mesmo circuito que o Mark V. Quanto tempo seguiriam compartilhando?, perguntou-se George. Destroçariam os monges o computador, levados pelo furor e o desespero? Ou se limitariam a ficar tranquilos e começariam de novo todos seus cálculos?

Sabia exatamente o que estava passando no alto da montanha naquele mesmo momento.

O grande lama e seus ajudantes estavam sentados, vestidos com suas túnicas de seda e inspecionando as folhas de papel, enquanto os monges principiantes as tiravam das máquinas de

escrever e as pregavam aos grandes volumes.

Ninguém diria uma palavra.

O único ruído seria o incessante golpear das letras sobre o papel, porque o Mark V era por si completamente silencioso, enquanto efetuava seus milhares de cálculos por segundo.

Três meses assim, pensou George, era para subir pelas paredes.

– Ali está! – gritou Chuck, assinalando abaixo para o vale. – Não é belo!?

Certamente era, pensou George. O velho DC3 estava no final da pista, como uma pequena cruz de prata. Dentro de duas horas os estaria levando para a liberdade e a sensatez.

Era algo assim como saborear um licor de qualidade. George deixou que o pensamento lhe enchesse a mente, enquanto o cavaleiro avançava pacientemente para baixo.

A rápida chegada da noite nas alturas do Himalaia quase lhes caía em cima. Felizmente, o caminho era muito bom, como a maioria dos da região e eles foram equipados com lanternas.

Não havia o mais ligeiro perigo: só certo desconforto causado pelo intenso frio. O céu estava perfeitamente iluminado pelas familiares e amistosas estrelas. Pelo menos, pensou George, não haveria risco de que o piloto não pudesse decolar por conta das condições do tempo.

Esta tinha sido sua última preocupação.

Ficou a cantar, mas deixou disso logo. O vasto cenário das montanhas, brilhando por toda parte como fantasmas brancos e encapuzados, não o animava a cantar.

De repente, George consultou seu relógio.

– Estaremos lá dentro de uma hora – disse voltando-se para Chuck.

Depois, pensando em outra coisa, acrescentou: – Pergunto-me se o computador terá terminado seu trabalho. Estava calculado para esta hora.

Chuck não respondeu; assim George se voltou completamente para si. Pôde ver a cara do Chuck; era um oval branco voltado

para o céu.

– Olhe — sussurrou Chuck; George elevou a vista para o espaço.

Sempre há uma última vez para tudo.

Viram sem nenhuma comoção... as estrelas estavam apagando-se.

Esta história foi escrita, na falta de algo melhor para fazer num final de semana chuvoso no Hotel Roosevelt. J. B. S. Haldane (famoso geneticista e biólogo britânico) disse sobre ela: "Você é uma das poucas pessoas vivas que escreveu algo original sobre Deus. Se você se propusesse a escrever uma hipótese teológica, você poderia ser um sério problema público."

Estou satisfeito em permanecer um profeta, com 'p' minúsculo, Todavia, parece que criei um mito duradouro: não faz muito tempo, um programa de rádio da BBC, se referiu a primeira parte desta história como um fato atual. Computadores da IBM estariam entrando no campo dos estudos bíblicos, talvez este tema esteja se aproximado um pouquinho da realidade.

POBRE POVO CRUEL - Arkady and Boris Strugatsky

O Rei sentou-se nu. Tal como um tolo pedinte de rua, sentou-se com as costas contra a parede fria. Tremia de olhos fechados e tentava ouvir, mas tudo era silêncio. Acordara à meia-noite de um pesadelo e imediatamente entendera que estava acabado.

Sons ofegantes detrás da porta da suíte real, passos, bater de metais e resmungos bêbados de Sua Alteza, o Tio Buht: 'DEIXEM-ME PASSAR! SAIAM DO MEU CAMINHO, PRO INFERNO COM ISSO...

Molhado de gélido suor, rolara para fora da cama, seguindo por um estreito corredor secundário e então pela passagem subterrânea até o templo.

Algo gemera sob seus pés descalços, pisara em ratazanas, mas na hora não se importou, somente agora, sentado contra a parede, lembrou-se de tudo; da escuridão, das paredes escorregadias e a dor de ter batido a cabeça contra as portas do templo, e de seu próprio insuportável urro de dor.

Eles não poderiam entrar ali, pensou. Ninguém poderia entrar no templo. Somente por ordem do Rei.

Mas o Rei não mais ordenava. Riu-se histérico. Oh não, o Rei não ordena mais!

Vagarosamente abriu os olhos e viu suas pernas azuis e lisas com os joelhos feridos.

Ainda estava vivo, pensou. Viverei, por que ninguém pode entrar aqui.

Tudo no templo era azulado devido a luz fria das lanternas, longos tubos brilhantes espalhados sob o teto. No centro do templo, Deus em seu trono gigantesco e pesado, com olhos vazios.

O Rei o olhava pelo canto do olho.

Escória, pensou, que verme miserável, pegar o mestiço e os cães, para me assolar... deu-se conta de não lembrar-se muito bem do

maldito. Tão mirrado e imprestável... mas tudo bem, eles iriam pagar por isso. Por tudo, Sua Grandeza Tio Buht.

Durante o reino de seu pai, você se sentou quieto, bebendo calado, com medo de ser notado, pois sabia que o Rei Prostyaga não esqueceria sua desprezível traição...

Grande era meu pai, o Rei pensou com habitual inveja.

Você seria grande também se seus conselheiros fossem anjos em carne e osso.

Todos sabiam, todos tinham visto, seus rostos medonhos e brancos como leite, seus trajes feitos de tal forma que ninguém sabia se estavam nus ou não. E suas flechas ardentes como raios do céu, que fizeram com que os inimigos fugissem, ainda que disparassem por sobre suas cabeças, metade da horda correu com medo daquelas flechas.

Sua Alteza, Tio Buht, sussurrou certa vez, bêbado, que tais flechas poderiam ser usadas por qualquer um, as tais armas dos anjos, seria bom se tirássemos deles.

E ele disse então - bêbado - que se era bom, por que então não obtê-las, por que não... mais tarde após aquela conversa à mesa, um anjo tombou dentro do canal, provavelmente por acidente. Junto dele acharam o corpo de um dos guardas pessoais do Tio. Foi um feito maléfico, terrível, e era conveniente que o povo não se importasse muito com os anjos, eles os temiam, mas este temor também não era total, já que os anjos eram alegres e cordiais.

Apenas seus olhos eram assustadores. Pequenos e brilhantes e não paravam de se mover inquietos, não eram humanos. Sendo assim o povo os evitava, o Rei Prostyaga dava liberdade a eles, o que era vergonhoso de se lembrar...contudo antes do Golpe o pai, diziam, era um apaziguador.

Dito isso, com minhas próprias mãos, sequei as lágrimas dos olhos.

Lembro que ele costumava se sentar à noite na torre de cristal e eu podia me abrigar ao seu lado, era quente e confortável...os anjos cantavam dos quartos, tão tranqüilo e em harmonia, o pai começava a acompanhá-los - ele conhecia a língua dos anjos - e tudo era vasto e amplo, sem ninguém por perto... não como

hoje, com guardas em cada canto, pois não havia motivo para isso.

O Rei lamentou. Sim, ele fora um bom pai e que não devia ter morrido. Não devia morrer enquanto seu filho estava vivo...o filho agora é Rei também,...mas Prostyaga não durou muito.

Tenho mais de cinqüenta anos e ele ainda era mais novo do que eu... parecia que os anjos tinham pedido a Deus por suas vidas. Disseram que os confinaram no quarto do Rei, eles tinham armas, mas não se defenderam.

Antes de morrer, disseram, os anjos jogaram as armas pela janela e elas se queimaram com uma chama azul e nem cinza sobrou. E Prostyaga, disseram, chorou e ficou bêbado pela primeira vez em seu reinado, e olhou para mim, disseram, com amor, e eu acreditei...

O Rei secou as lágrimas do rosto e abraçou as pernas.

E daí? Temos que saber os limites e abdicar, como acontece o tempo todo por aí.

Apenas por uma vez conversei com meu Tio.

– Sua Alteza.Prostyaga - ele disse - não envelhecerá'.

– Sim - eu disse a ele - mas o que podemos fazer, os anjos pedem por suas vidas.

O Tio então zombou e disse: – Anjos - disse - não mais cantarão suas canções por aqui.

E eu retruquei: – É verdade, agora podemos negociar com eles, não somente como humanos.

O Tio então olhou para mim sóbrio e imediatamente se foi.. e eu realmente não tinha dito nada demais...apenas palavras vazias sem significado.

Uma semana depois Prostyaga morreu de um ataque do coração.E daí? Era sua vez. Ele parecia jovem, mas tinha na realidade mais de cem anos. Todos morremos um dia.

O Rei se assustou e cobriu-se sem jeito. O Santo Padre Agar entrara no templo.

Os Irmãos de fé vinham na sua frente, trazendo-o pelas mãos. Ele não olhou para o Rei, foi direto na direção de Deus e ajoelhou-se diante de seu posto. Alto e corcunda, com longos

cabelos brancos e sujos.

O Rei o olhou fixo e disse divertido: 'É o seu fim! Você procurou por isso, e não sou como Prostyaga, você vai se sufocar em seus intestinos, porco bêbado...

Agar, com a voz profunda falou:

– Deus! O Rei deseja falar contigo! Perdoa-o e ouça-o.

O silêncio caiu na sala, ninguém ousava respirar.

O Rei ponderou: Quando a grande enchente veio e a terra se abriu, Prostyaga pediu a Deus por socorro, e Deus veio dos céus numa bola de fogo no mesmo dia e naquela noite a terra acalmou-se e a enchente se foi.

Isso significava que poderia acontecer hoje novamente.

– Você está perdido Tio, você não se cuidou direito. Agora ninguém vai te ajudar...

Agar se endireitou. Os irmãos que o amparavam pularam, virando de costas para Deus e cobrindo suas cabeças com os braços. O Rei viu como Agar estendeu as mãos e as colocou no peito de Deus.

Os olhos de Deus se abriram.

O Rei ficou boquiaberto de medo pois os olhos de Deus eram grandes e diferentes, um era verde e o outro branco brilhante e luminoso.

Podia ouvir agora a respiração de Deus, pesada e estalante, como se doente.

Agar recuou. - Fale - sussurrou Agar.

O Rei ficou de quatro e começou a engatinhar até o altar. Ele não sabia o que dizer ou como. E não sabia como começar e sequer se deveria contar toda a verdade.

Deus respirava pesadamente ofegante e o Rei passou a choramingar com medo.

– Sou o filho de Prostyaga - disse o Rei em desespero, amassando o rosto contra a pedra fria – Prostyaga morreu. Peça sua proteção contra os conspiradores. Prostyaga cometeu erros. Ele não sabia o que estava fazendo. Eu consertei tudo; acalmei o povo, me tornei poderoso e inatingível como você, e montei um

exército...o traidor Buht está atrapalhando meus planos para conquistar o mundo. Ele quer me matar! Me ajude! E baixou a cabeça até o chão.

Deus, sem piscar, estava olhando para ele em verde e branco. Deus estava silencioso.

– Ajude-me - repetiu o Rei - Ajude-me, ajude-me!

De repente ele pensou se estava fazendo algo errado, pois Deus estava indiferente e inoportunamente lembrou-se que eles tinham dito que seu pai, Prostyaga não morreria de um ataque do coração, mas fora morto ali, no templo, quando os assassinos entraram sem pedir permissão.

– Ajude-me! ele gritou desesperado. Tenho medo de morrer! Ajude-me! Ajude-me!

Ele deitou-se sobre as pedras do chão, mordendo as mãos com terror insuportável.

O Deus de Olhos Diferentes falou com a voz rouca.

– Seu verme velhaco - disse Tolya.

Ernst estava calado observando. Na tela, através da estática, era possível ver uma forma humana escura que jazia deitada ao chão.

– Quando eu penso - disse Tolya de novo - que se não fosse por ele, Alan e Derek estariam vivos, tenho vontade de fazer alguma coisa.

Ernst balançou os ombros e foi até a mesa.

– Eu sempre penso - continuou Tolya - por que Derek não atirou? Ele podia ter liquidado todos...

– Ele não podia, disse Ernst.

– Por que não?

– Já tentou atirar em um ser humano?

Tolya fez uma careta, mas não disse nada.

– Pois então - disse Ernst - Tente imaginar. É quase repugnante.

Um uivo triste era ouvido saindo pelos alto-falantes.

– Ajude-me, ajude-me, tenho medo, ajude-me', o mecanismo-tradutor continuava a transmitir.

– Pobre povo cruel...– lamentou Tolya.

^[1] grokear significa compartilhar a mesma realidade ou linha de pensamento com outra entidade física ou conceitual. Robert A.Heinlein cunhou o termo em seu livro - Um estranho numa terra estranha (1961). Na visão de Heinlein sobre a teoria quântica, grokkear é a união de duas inteligências que necessariamente afeta, tanto ao observado quanto ao observador.